



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**IZABELLA CRISTINA DE AGUIAR GOMES**

**RELAÇÃO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DO  
AFÁSICO**

**Recife  
2009**

**IZABELLA CRISTINA DE AGUIAR GOMES**

**RELAÇÃO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DO  
AFÁSICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília Ana de Moura Aguiar**

**Recife  
2009**

G633r

Gomes, Izabella Cristina de Aguiar

Relação entre oralidade e escrita nas práticas discursivas do afásico / Izabella Cristina de Aguiar Gomes ; orientador Marígia Ana de Moura Aguiar, 2009.

188 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, 2009.

1. Afásicos. 2. Oralidade. 3. Escrita I. Título.

CDU 801

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marília Ana de Moura Aguiar – Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Gurgel da Costa - UFPE

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Fátima Vilar de Melo – UNICAP

*“O sentido da notável maleabilidade do cérebro  
conduz a capacidade humana, para as mais  
impressionantes adaptações, transformando o  
negativo da deficiência no positivo da  
compensação.”  
(Oliver Sacks, Um antropólogo em Marte)*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha orientadora, *Profa. Dra. Marília Aguiar*, por me incentivar a nunca desistir dos meus sonhos, por me ensinar a ser mais confiante e acreditar mais em mim, principalmente, nos momentos quando eu mesma não acreditava que conseguiria chegar aonde cheguei; pelo estímulo na realização deste trabalho desde o princípio, pela valiosa orientação, pelas importantes sugestões e por todas as nossas discussões, conversas e debates, que foram fundamentais para a execução deste trabalho. Agradeço-lhe até mesmo pelos “puxões de orelha”, que foram fundamentais para o crescimento da minha vida profissional e pessoal. Com toda a certeza, o seu incentivo foi um dos fatores primordiais para que eu chegasse até aqui. De coração, muito obrigada;

Às *Professoras Dra. Fátima Vilar e Dra. Nadia Azevedo*, pelas importantes contribuições e sugestões de atividades para os encontros do Grupo de Convivência de Afasia, assim como pelas reuniões sobre o Grupo e as enriquecedoras discussões sobre o Grupo;

À *Profa. Dra. Wanilda Cavalcanti*, pelo apoio, compreensão e pelos carinhosos conselhos durante a etapa mais difícil da conclusão deste trabalho;

A *todos os participantes do Grupo de Convivência de Afasia da Universidade Católica de Pernambuco*, pela amizade e pelo apoio nos momentos em que precisei, pelo muito que me ensinaram, pelo interesse e dedicação aos encontros do Grupo e pela confiança em nosso trabalho;

A *todos os afásicos que já conheci*, por terem despertado em mim o interesse em estudar e aprofundar meus conhecimentos com relação a este tema, ao qual, desde a graduação, sou cativada a trabalhar e sinto um enorme prazer em poder contribuir para com a qualidade de vida dessas pessoas.

Às queridas amigas pessoais e profissionais *Patrícia Menezes, Marília Medeiros, Cinthia Gomes, Cíntia Figueiredo*, e, de forma especial, a *Júlia Marinho e Ingrid Cananéa*, que, mesmo estando longe ou perto, mostraram-se sempre presentes

quando precisei, estando ao meu lado, apoiando, compartilhando e torcendo pela realização deste sonho;

Aos *novos amigos que fiz durante o mestrado*, pelas enriquecedoras discussões e apoio;

A um “*Grande Grupo*”, como assim chamamos há mais de 10 anos, de amigos de infância, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e incentivando a correr atrás dos meus sonhos, ajudando a alcançá-los, principalmente, me fortalecendo nos momentos mais difíceis da minha vida;

À minha irmã, *Erika Cristina*, minha melhor amiga e eterna companheira para todas as horas, que durante todo o tempo não me faltou nem por um segundo, sempre acreditando em mim e me ajudando a concluir esta etapa da vida, com quem divido a alegria de ter concluído este trabalho;

A *Tiago*, por seu companheirismo, apoio, incentivo, compreensão, paciência e torcida em todos os momentos;

E, principalmente, aos meus pais, *Edvaldo e Izabel*, que propiciaram as vitórias que venho conquistando, sempre me apoiando, desde o início, sendo os maiores incentivadores dos meus sonhos, bem como os principais responsáveis pelas realizações deles. A eles, dedico a minha dissertação, tudo o que sou e a minha vida.

## RESUMO

A afasia é considerada como uma redução e disfunção do uso da linguagem em que há alteração de mecanismos lingüísticos em todos os níveis, manifestando-se tanto no aspecto expressivo quanto no receptivo da linguagem oral e escrita, embora em diferentes graus em cada uma dessas modalidades. O pressuposto utilizado neste trabalho é o de que a língua, enquanto processo simbólico, partindo de um contexto social, atua como prática social, manifestando-se e funcionando como atividade oral e escrita, nas atividades constitutivas do homem, com a qual podemos construir sentidos. No entanto, entre essas duas modalidades da língua, a oralidade ocupa um lugar de destaque com relação à escrita nos estudos sobre Afasia. Diante disto, este trabalho irá focar a produção escrita dos afásicos em sua relação com a oralidade, visando verificar, na produção escrita do afásico, “possíveis” marcas de uma oralidade presentes ou não na expressão oral desse sujeito. Para este objetivo, foram selecionadas as produções escritas de 06 (seis) sujeitos afásicos, de ambos os gêneros, que participaram e freqüentaram regularmente o Grupo de Convivência para Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, durante o período de 22 (vinte e dois) encontros. Os estudos para o tema apresentado foram fundamentados em pesquisas sobre a organização do discurso do afásico e no aprofundamento teórico sobre fala e escrita, com destaque para os estudos sobre a fala e a escrita, a partir da perspectiva de Marcuschi (2007a), enfocando a relação entre essas duas modalidades da linguagem. Com isso, pôde-se verificar a presença de 10 (dez) tipos de marcas de oralidade presentes nas produções escritas dos afásicos deste trabalho, através de atividades com 06 (seis) gêneros textuais, desenvolvidos através da realização da Oficina de Fala e Escrita no Grupo, destacando-se a correção e o pouco uso de acentos e pontuação como os tipos de marcas de oralidade mais recorrentes, presente na escrita de 05 (cinco) sujeitos, e, a modalização, a repetição e a paráfrase como as menos recorrentes, presentes na escrita de apenas 01 (um) sujeito. A relevância do trabalho foi identificar características e oferecer estratégias para a superação das dificuldades enfrentadas por esse sujeito, buscando contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento do restabelecimento de sua linguagem, aproveitando todos os recursos utilizados pelo afásico para se comunicar, de modo a possibilitar uma intervenção que enfoque tanto a fala quanto a escrita, colaborando na readequação da oralidade e em uma recuperação mais efetiva da linguagem como um todo, promovendo a re-inserção social do afásico em seu meio.

Palavras chaves: afasia, relação fala - escrita, gêneros textuais, marcas de oralidade.



## ABSTRACT

Aphasia is considered a reduction and dysfunction of the use of the language which there is alteration of linguistic mechanisms in all the levels, shown in the expressive aspect how much in the receptive one of the oral and written language to different degrees in each type. The presupposition used in this work is that the language, while symbolic process, leaves from a social context, and acts like social practice, showing and working like oral and written activity in the constitutive activities of the man with which we can build senses. Between these two kinds of the language, the orality occupies a place of distinction regarding the writing in the studies on Aphasia. Before this, this work would be done to tackle the written production of the aphasic person in his relation with the orality, aiming to check in the written production of the aphasic at "possible" present marks of orality or not in the oral expression of this subject. For this objective, the written productions of 6 (six) subjects were selected. Aphasic people of both types, which announced and frequented regularly the Group of Familiarity for Aphasic people of the Catholic University of Pernambuco, during the period of 22 (twenty two) meetings. The studies for the presented subject were based on damages to the organization of the speech of the aphasic people and on the theoretical detailed studies on speech and writing, detaching the relation between these two kinds of the language. With that, one could check the presence of 10 (ten) types of marks of oralities in the written productions of the aphasic person involved in this work through activities with 6 (six) textual types developed through the realization of the Workshop of Speech and Written in the Group. When the correction is standing out by the most frequent mark of orality, this is present in the writing of 5 (five) subjects. The relevance of the work identifies characteristics and it offers strategies for overcoming of the difficulties faced by this citizen, looking to contribute to the development and improvement of the restoration of his language, using all the resources used by the aphasic person to communicate, when there is making possible an intervention which approach so much the speech as for writing, contributing to the readaptation of the orality and to a recuperation more effective of the language as a whole, promoting the social re-insertion of the aphasic citizen in his environment.

Keywords: aphasia, relation between orality – written, textual types, mark of orality.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	Pág.07
<b>ABSTRACT</b> .....	Pág.08
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	Pág.10
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	Pág.13
1.1. Linguagem.....	Pág.13
1.1.1. Concepção de língua, texto e contexto.....	Pág.16
1.1.2. Fala e Escrita.....	Pág.25
1.1.2.1. A visão dicotômica.....	Pág.28
1.1.2.2. Gêneros Textuais.....	Pág.31
1.1.2.3. A perspectiva sociointeracionista proposta por Marcuschi.....	Pág.33
1.1.2.4. Marcas de Oralidade.....	Pág.36
1.2. Afasia.....	Pág.40
1.2.1. Conceito de Afasia.....	Pág.44
1.2.2. Classificações e concepções.....	Pág.46
1.2.3. A linguagem do afásico.....	Pág.50
1.2.3.1. Produção oral do afásico.....	Pág.52
1.2.3.2. Produção escrita do afásico.....	Pág.54
<b>2. METODOLOGIA E QUESTÕES ACERCA DA ANÁLISE DE DADOS</b> .....	Pág. 59
2.1. Descrição da pesquisa.....	Pág.59
2.1.1. Os encontros do Grupo de Convivência.....	Pág.62
2.1.2. A coleta de dados.....	Pág. 62
2.2. Apresentação dos sujeitos.....	Pág.64
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	Pág.72
3.1. Análise da produção textual escrita de seis sujeitos afásicos.....	Pág.73
3.2. Discussão dos dados encontrados relacionados à perspectiva teórica adotada.....	Pág.172
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	Pág.179
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	Pág.182
<b>ANEXOS</b> .....	Pág.187

## 1. INTRODUÇÃO

A afasia pode ser entendida como uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos lingüísticos em todos os níveis, tanto no seu aspecto produtivo, quanto no interpretativo, sendo definida como um rompimento no processo central da linguagem sem que haja prejuízo de vias aferentes e eferentes relacionadas à recepção e expressão da fala (COUDRY, 2001).

Essa alteração no funcionamento da linguagem geralmente é adquirida em conseqüência de uma lesão no hemisfério cerebral esquerdo, que é a área cerebral dominante pela linguagem e responsável pela fala ou pela compreensão das palavras faladas, porém quando a lesão é causada no hemisfério direito, a entonação e a melodia da fala podem ser alteradas. Esta lesão, por sua vez, poderá ter diferentes causas, como acidente vascular encefálico - AVE (conhecido como derrame cerebral), trauma crânio encefálico – TCE (que poderá ser com ou sem perfuração da calota craniana), aneurisma, tumores intracranianos, ou, ainda, infecções e manifestações degenerativas locais, comprometendo a área especificada (MORATO, 2002).

As afasias podem variar desde o tipo que impede qualquer possibilidade expressiva ou interpretativa até aquele em que as dificuldades de linguagem são praticamente imperceptíveis. Essa variação tem várias razões, não estando apenas na dependência de uma causa, e sim de fatores diversos como a gravidade do comprometimento neurológico, a capacidade de regeneração ou a plasticidade cerebral (OLIVEIRA, 2005). Porém, dentro da literatura estudada, foi visto que existem vários tipos diferentes de afasias, os quais dependem do local exato da lesão cerebral, muito embora haja certa concordância sobre a existência de dois tipos principais: a afasia de expressão e a afasia de recepção, também chamadas, respectivamente, de Afasia de Broca e Afasia de Wernicke, decorrentes de lesão nessas áreas do hemisfério cerebral dominante.

Com relação à linguagem, há uma redução e uma simplificação, ou, ainda, um desvio de natureza semântica, fonêmica e morfológica da linguagem normal, havendo um desvio fonético ou parafasia fonética (distorção na produção dos fonemas), um desvio fonêmico (inadequação na seleção do fonema ou na combinação dos fonemas na cadeia da fala), estereotípias (repetições perseverantes

e involuntárias de um determinado comportamento), agramatismo (alteração na estrutura sintática, caracterizada pela omissão de elementos gramaticais), parafasia semântica (troca de um vocabulário por outro), neologismos (seqüências fonêmicas ou grafêmicas semelhante às palavras, mas que não existem na língua), supressão (ausência total de uma emissão oral ou gráfica). Assim eles exprimem defeituosamente seu pensamento, e as palavras adequadas não são evocadas, selecionadas e/ou ordenadas de maneira normal (MORATO, 2002).

Assim, o afásico sofre uma ruptura no processo lingüístico, sendo obrigado a reorganizar a forma como vinha lidando ou utilizando os símbolos em seu modo de funcionamento nos diversos campos da linguagem. Numa perspectiva em que a afasia é apontada como uma alteração no funcionamento da linguagem, assume-se esta como uma estrutura complexa que vai além do simples ato verbal, e como um processo ativo que envolve uma partilha constante entre interlocutores, que não se encerra pela supressão do falar. Por isso, é preciso ater-se ao estudo da linguagem não apenas aos seus traços sintático-semântico-lexico-fonêmicos, mas também, aos diversos meios que podem ser utilizados como elemento possibilitador da comunicação humana.

Sendo a escrita considerada um evento comunicativo que pode ser utilizado com a função de atingir o outro no contexto das interações sociais, este trabalho destacou a atividade escrita do afásico na relação com a sua oralidade, visando verificar, em sua produção escrita, “possíveis” marcas de uma oralidade presente ou não na expressão oral desse sujeito.

Desde os primeiros estudos sobre a Afasia, a oralidade ocupa um lugar de destaque em relação à escrita, sendo esta vista apenas como simulacro da fala culta. Isso ocorria devido à concepção que se tem da escrita como representação da oralidade (SANTANA, 2002). Segundo Marcuschi (2007b), a língua é uma atividade constitutiva com a qual podemos construir sentidos; é uma *atividade cognitiva* pela qual podemos expressar nossos sentimentos, idéias, ações e representar o mundo; é uma *atividade social* pela qual podemos interagir com nossos semelhantes e apresenta características essencialmente dialógicas. Em conseqüência, a língua se manifesta nos processos discursivos, no nível da enunciação, concretizando-se nos usos textuais mais diversos tanto na forma oral como escrita.

Marcuschi (2007a) afirma que é impossível investigar os fenômenos da

oralidade e da escrita sob um olhar fragmentado, já que tanto a fala quanto a escrita segue o mesmo sistema lingüístico, mas fazem um uso diferenciado das condições contextuais de produção textual. Com isso, este trabalho apóia-se na hipótese de que a diferença entre fala e escrita ocorre dentro de um “*continuum tipológico*” das práticas sociais de produção textual, resultando em uma diversidade de gêneros textuais (Marcuschi, 2008). Além disso, enfoca a relação fala - escrita como ponto fundamental para a reconstrução da linguagem de sujeitos afásicos, observando que a relação entre essas duas modalidades se dá dentro de um contínuo e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.

Segundo Santana (2002), na prática clínica fonoaudiológica, quando se encontra um “erro”, dificilmente faz-se relação com as hipóteses do sujeito sobre a língua ou sobre a influência da fala sobre esta, pois os “erros” são vistos como um desvio, uma pontuação negativa que afasta o sujeito da linguagem adequada.

Nessa perspectiva, com este estudo, que contará com a análise das características próprias da organização do discurso do afásico e com as produções escritas desses sujeitos, enfoca a importância da escrita no processo de reabilitação de seis afásicos participantes do Grupo de Convivência para Afásicos da Unicap, através da identificação e do uso de estratégias contribuindo para o planejamento de atividades no restabelecimento da oralidade, com relação com sua produção escrita.

# 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1. Linguagem

Segundo Santana, Dias e Serrato (2007), a linguagem desempenha um papel fundamental em nossa vida, servindo não só para comunicar o que queremos, infirmar nossas decisões, mas também para contar piadas, mentir, explicar, argumentar, constituindo-se o principal mediador de nossas interações sociais, colocando-se diretamente relacionada com o pensamento, com os demais processos cognitivos, com o modo de organizar e categorizar o mundo.

Para Gnerre (1998), além de ser um meio de difundir informações, a linguagem com uma função referencial denotativa, tem o papel de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato, ou acha que ocupa, na sociedade em que vive. Para o autor, as pessoas falam para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos.

Com relação à linguagem humana, Benveniste (1976) afirma que, jamais atingimos o homem separado da linguagem, como também, não o vemos inventando-a. Dessa forma, a linguagem ensina a própria definição de homem, já que é o homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem.

Segundo Koch (2006a), historicamente, a linguagem humana tem sido concebida de diversas maneiras, como: 1) representação do mundo e do pensamento (“espelho”); 2) instrumento de comunicação (“ferramenta”) e 3) como forma de ação ou interação (“lugar”). A primeira concepção, na qual o homem representa para si o mundo através da linguagem é a mais antiga, cabendo à língua a função de representar seu pensamento. A segunda concepção considerava a língua como um código e a principal função da linguagem era de transmitir informações.

Finalmente, a terceira concepção de linguagem humana, adotada neste trabalho, encara a linguagem como atividade, como *forma de ação*, ação inter-individual, ou seja, como *lugar de interação* que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes

reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos ou compromissos anteriormente inexistentes.

Dessa forma, a linguagem tem a função de controlar as ações comportamentais dos indivíduos, o que pode ser observado não - somente por meio de comunicações face a face, como também por meio da escrita, como avisos, cartas, etc. (SANTOS, 1999).

Conforme Santana (2002), é importante adotar uma concepção de linguagem que não exclua aspectos históricos e sociais e que relacionem as atividades do sujeito com situações e práticas discursivas em que se dão a leitura e a escrita, visto que a linguagem escrita, assim como a oral, são atividades sociais.

A visão de linguagem como ação inter-individual e, portanto, social, permite realizar, no interior de situações sociais, ações lingüísticas que modificam tais situações, através da produção de enunciados dotados de sentido e organizados de acordo com a gramática de uma língua (KOCH, 2006a).

Para Saussure (2003), a linguagem teria um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. Assim, pode-se afirmar que ela é multiforme e heteróclita, que implica, ao mesmo tempo, um sistema estabelecido e uma evolução, sendo uma instituição atual e um produto do passado. Segundo Dionísio (2005), quando usamos a linguagem, estamos realizando ações individuais e sociais que resultam em manifestações socioculturais.

Bange (1983 *apud* KOCH, 2006a, p.75) ressalta que, “um ato de linguagem não é apenas um ato de dizer e de querer dizer, mas, um ato social pelo qual membros de uma comunidade interagem”.

Quando membros de uma comunidade ou um grupo social interagem, usando as mesmas características lingüísticas constituídas em geral de léxicos especiais usados nas estruturas gramaticais e sintáticas das variedades lingüísticas, estão utilizando um tipo de “linguagem especial”, com a mesma função central de todas as linguagens, ou seja, social, porém, com um real valor comunicativo, excluindo da comunicação as pessoas da comunidade lingüística externa ao grupo que usa esse tipo de “linguagem especial”, além de exercer a função de reafirmar a identidade dos integrantes do grupo (GNERRE, 1998).

Para Koch (2006a), quando interagimos através da linguagem, temos sempre objetivos, fins a serem atingidos, relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver

desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de maneira a obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não-verbais).

Seguindo essa percepção de linguagem, ao falar, o sujeito tem a intenção de atingir algum objetivo ou conseguir a reação de alguém. Trata-se de um jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e somente no seu interior se pode estabelecer suas regras. Dessa forma, produtor e interpretador do texto são “estrategistas”, à medida que, ao jogarem o “*jogo da linguagem*”, mobilizam uma série de estratégias, de ordem sociocognitiva, interacional e textual, com vistas à produção do sentido (KOCH, 2006b).

Para Koch (2006b), são peças fundamentais desse “*jogo da linguagem*” :

a) *produtor/planejador*: viabiliza o seu “projeto de dizer”, recorrendo a uma série de estratégias de organização textual, orientando o interlocutor, por meio de sinalizações textuais para a construção dos possíveis sentidos;

b) *texto*: organizado estrategicamente em decorrência das escolhas feitas pelo produtor;

c) *leitor/ouvinte*: que a partir do modo como o texto se encontra linguisticamente construído, das sinalizações que lhe oferece, bem como pela mobilização do contexto relevante à interpretação, vai proceder à construção dos sentidos.

Para atingir o objetivo interacional da linguagem, que é compreender o que nos dizem e sermos compreendidos pelos outros através de meios comunicativos e interacionais, cabe ao locutor assegurar ao seu interlocutor as condições necessárias para que este: a) seja capaz de reconhecer a intenção, isto é, compreender qual é o objetivo visado; b) aceite realizar o objetivo pretendido. Para isso, o locutor deve realizar atividades lingüístico-cognitivas tanto para garantir a compreensão como para estimular, facilitar ou causar a aceitação do outro (KOCH, 2006a).

Os seguidores dessa teoria passaram a descrever a produção de linguagem em termos dos diferentes tipos de atividades realizadas pelos interlocutores numa interação, dentre as quais, as atividades de composição/formulação textual, atividades que o locutor realiza para estruturar o seu texto de modo que possa ser compreendido pelo interlocutor, não importando o meio lingüístico utilizado, podendo ser verbal ou não-verbal (KOCH, 2006a).



Para a autora, a formulação de um texto por parte do locutor pode ocorrer de maneira fluente, isto é, sem dificuldades ou tropeços, ou de maneira disfluente, apresentando dificuldade em sua organização. Na formulação fluente, no entanto, não significa que não possam haver inserções, repetições, pausas médias e longas e paráfrases. Nesse caso, essas ocorrências possuem funções retóricas, argumentativas ou didáticas, com o objetivo de facilitar a compreensão, enfatizar ou intensificar idéias e persuadir o interlocutor.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), é através das atividades de formulação textual, manifestada tanto na fala quanto na escrita, que podem ser melhor observadas as diferenças entre essas duas modalidades, e não em parâmetros fixados como regras rígidas. Para os autores, as diferenças mais notáveis entre fala e escrita estão no ponto de vista da formulação textual.

Este trabalho apóia-se na concepção de linguagem como forma de ação, estabelecida e realizada entre dois ou mais sujeitos, e, com base nessa realização, investiga-se os eventos que irão construir os sentidos dessa manifestação discursiva, possibilitando investigar a capacidade que o ser humano tem de interagir socialmente por meio da língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados.

Para um melhor esclarecimento das questões referentes à relação entre oralidade e escrita nas práticas discursivas do afásico, é importante reforçar que a concepção de linguagem adotada aqui é a sociointeracional, vista como lugar de interação entre sujeitos sociais, isto é, de sujeitos ativos, empenhados em uma atividade sociocomunicativa. Segundo Marcuschi (2007a), o sucesso de uma análise lingüística dependerá da concepção de língua, que fundamentará a perspectiva teórica de um trabalho. Da mesma forma, é importante, também, deixar claro a concepção de texto, contexto e discurso.

### **1.1.1. Concepção de língua, texto, contexto e discurso**

Segundo Gnerre (1998), a idéia de língua foi constituída historicamente como resultado de uma longa tradição escrita e de usos específicos da linguagem por parte das elites políticas e culturais do mundo ocidental. Para o autor, a língua, enquanto fato social, na sua prática cotidiana, é um traço entre uma série de outros que, no conjunto, constituem as relações sociais e interpessoais.

Para este trabalho, adoto a idéia de língua aceita por Marcuschi (2007a, p.43) de que:

A língua se realiza como um fenômeno *heterogêneo* (com múltiplas formas de manifestação), *variável* (dinâmico, suscetível a mudanças), *histórico e social* (fruto de práticas sociais e históricas), *indeterminado* sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como *texto e discurso*.

Sendo a língua uma atividade social, histórica e cognitiva, desenvolvida pelos sujeitos em práticas sociais, por si só já é um processo interativo. Nesta perspectiva, Koch (2006b) afirma que a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam, nem fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam seus saberes, quer de ordem lingüística, quer de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), a língua, enquanto prática social, produz e constitui as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento, pois, todos os seus usos são situados, sociais e históricos, com alto grau de implicitude e heterogeneidade, e enorme potencial de envolvimento. Dessa forma, fala e escrita são envolventes e interativas, pois é próprio da língua achar-se sempre orientada para o *outro*, o que nega ser a língua uma atividade individual.

A língua em seu uso, como atividade humana universal, exercitada individualmente, é postulada por Marcuschi e Dionísio (2005, p.26) como:

- 1) *Universal*: todos os povos têm uma língua e com ela referem, agem e expressam suas idéias, etc.;
- 2) *Histórica*: do ponto de vista das línguas individuais, (grego, latim, português, alemão, etc.), cada uma é histórica e tem surgimento no tempo e, do ponto de vista dos usos das línguas, temos uma tradição de formas textuais surgidas ao longo das práticas comunicativas;
- 3) *Situada*: todo texto é produzido por alguém situado em algum contexto.

Assim, a língua como atividade humana universal não pode ser considerada como um conjunto de palavras e regras, e sim como um conjunto de enunciados na relação de um eu para um outro. Dessa forma, a língua é analisada como um conjunto sistemático de práticas sociais, interativas e cognitivas, e não como um sistema de signos conduzido por regras (BAKHTIN, 1992).

A língua como uma atividade sociointerativa, de base cognitiva e histórica, desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados, é vista como um sistema de práticas cognitivas abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto à informação ou estrutura, sendo sensível à realidade sobre a qual atua, ou seja, é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância (MARCUSCHI, 2008).

Segundo Bakhtin (1992, p.123), “a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua”. No entanto, como a língua é um processo dinâmico e heterogêneo, a interatividade dará noção de envolvimento interpessoal, sendo estabelecida como a relação do sujeito com a linguagem, porém, nem todos os textos apresentarão marcas de interatividade, e, por isso, essas irão mudar de acordo com a situação e os sujeitos envolvidos.

Na concepção sociointeracional da língua, “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que, dialogicamente, nele se constroem e são construídos” (KOCH, 2006b, p.17).

Para Marcuschi e Dionísio (2005), a língua se realiza através de textos, sendo esses nomeados e reconhecidos socialmente enquanto conversas, recados, bilhetes, telefonemas, cartas, e-mail’s, etc. Para os autores, a construção e o funcionamento do texto é fruto de um trabalho conjunto entre produtores e receptores nas situações reais de uso da língua.

A concepção de texto adotada é a de que todo texto é composto por uma proposta de sentidos múltiplos e não de um único sentido, sendo plurilinear na sua construção. A autora afirma que, do ponto de vista da recepção, todo texto é um hipertexto (Koch, 2006b).

Para a autora, o hipertexto é uma forma de estruturação textual que faz do leitor, concomitantemente, um co-autor do texto, oferecendo-lhe a possibilidade de opção entre caminhos diversificados, permitindo diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema. O hipertexto constitui-se em um suporte lingüístico muito utilizado, atualmente institui-se em uma escritura não-sequencial e não-linear, permitindo ao leitor o acesso a outros textos, trata-se de um processo de leitura ou escrita multilinearizado, multisseqüencial e não determinado.

Diante disso, Marcuschi e Dionísio (2005) afirmam que o texto não se

limita a um produto de onde se extrai algum conteúdo, ou seja, não se extingue em sua materialidade lingüística, seja escrita, seja oral. O texto não está limitado ao que está escrito ou falado, pois se constitui enquanto possibilidades, sua estabilidade dependerá da adaptação ao contexto e aos objetos de sua enunciação, se estabelece como evento comunicativo, materializando-se como processo, uma vez que é uma atividade mediada por atores sociais que interagem com ele.

Segundo os autores, o texto como um evento ou prática comunicativa envolve aspectos contextuais da experiência humana em relação às atividades interativas e aspectos sociocognitivos. Essa prática comunicativa implica em uma relação entre a manifestação do social e do individual nos usos da linguagem nas esferas sociais, espaços em que as práticas comunicativas são desenvolvidas.

Assim, o texto surge em decorrência de uma ação lingüística cujas fronteiras são, em geral, determinadas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona; não é uma unidade formal que pode ser definida e determinada por um conjunto de propriedades puramente componenciais e intrínsecas, ele pode ser considerado como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um componente sócio-histórico (MARCUSCHI, 2008).

O autor enfatiza que é cada vez mais complexa a distinção entre texto e discurso, pois a tendência atual é ver o texto no plano das formas lingüísticas e de sua organização, e o discurso no plano do funcionamento enunciativo. Esta tendência de não distinguir de forma rigorosa texto e discurso, resulta da necessidade de dar mais importância às relações entre ambos e considerá-los como aspectos complementares da atividade enunciativa, pois, essa relação trata-se da interação e articulação entre o plano discursivo e o textual, considerando o “*discurso* como o *objeto de dizer* e o *texto* como o *objeto de figura*” (MARCUSCHI, 2008, p.81). Dessa forma, o discurso é visto no plano do dizer (a enunciação) e o texto no plano da esquematização (a configuração)

O texto como “*objeto de figura*” indica que se trata de uma configuração, de uma esquematização que conduz a uma figura ou figuração, ou seja, não se trata de uma ordenação de enunciados em seqüência e sim de uma configuração global que pode ter até mesmo um só enunciado (MARCUSCHI, 2008). Assim, pode-se afirmar que o texto é observável por ser um fenômeno lingüístico empírico, apresentando todos os elementos configuracionais que dão acesso aos demais aspectos de análise.

Para analisar a relação entre fala e escrita nas práticas discursivas, proposta deste trabalho, é importante adotar uma perspectiva de texto que inclua estas duas modalidades em sua concepção. Para isso, o texto é aceito aqui como um evento ou prática comunicativa, um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas, as quais se constituem em unidades de sentidos múltiplos, podendo ser produzido, construído e processado tanto através da oralidade quanto da escrita.

Resumindo, a noção de texto adotada neste trabalho concorda com Beaugrande (1997 *apud* MARCUSCHI, 2008, p.72; 79 e 89) quando afirma que:

O texto é um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas.

E, ainda, que:

O texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais entre os quais a língua é o sistema mais importante.

Assim,

O texto não existe como texto, a menos que alguém o processe como tal.

Nessa perspectiva, conclui-se que, por ser o texto um evento comunicativo, sua existência depende que alguém o processe dentro de algum contexto sociointerativo, satisfazendo um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de sentidos. Com isso, pode-se afirmar que o contexto é crucial para a interpretação do texto e do discurso, ou seja, um texto pode ser interpretado de maneiras bastante diferentes em contextos diferentes.

De acordo com Koch (2006b), os interlocutores desenvolvem estratégias para o processamento eficaz do texto, bem como para a seleção apropriada do contexto. A investigação e a utilização correta dessas estratégias lingüísticas trazem subsídios importantes quer para a produção, quer para a compreensão de textos. O processamento textual realiza-se através do uso de estratégias de ordem sociocognitiva, ou seja, estratégias de uso dos vários tipos de conhecimento que temos armazenados na memória.

Segundo Dijk (2004), o uso de processos estratégicos, considerados como hipóteses operacionais eficazes sobre a estrutura e o significado correto de um fragmento de texto, pode não ser admitido em processamentos subseqüentes. Esse tipo de análise estratégica depende não somente das características textuais,

como também, e principalmente, das características do usuário da língua e do contexto ao qual ele está inserido, já que a maior parte da compreensão do discurso envolverá crenças e avaliações pessoais.

O autor afirma, ainda, que contexto é, ao mesmo tempo, uma abstração tanto teórica quanto cognitiva, isto é, derivada da verdadeira situação físico-biológica. É dentro do contexto que são realizadas as ações. Dessa forma, o contexto não é estável, mas dinâmico, muda de acordo com os princípios causais, convenções e demais restrições sobre as seqüências de eventos e ações.

Segundo Koch (2006b), o contexto físico não compromete diretamente a linguagem, mas lhe afeta sempre por intermédio de conhecimentos do falante e do ouvinte, de modo que a maior parte dos levantamentos contextuais é recuperada na memória, isto é, do contexto sócio-cognitivo dos interlocutores, sendo o contexto um conjunto de suposições trazidas para a interpretação de um enunciado.

Para Dijk (2004), o contexto inicial é caracterizado tanto por informações semânticas gerais, como a nossa memória, informações globais acumuladas sobre todas as estruturas ou processos interativos prévios, como também por informações armazenadas de estados e eventos anteriores e não apenas pelos eventos ou ações precedentes ao ato de fala.

O autor destaca o contexto social como um construto abstrato em relação às situações sociais verdadeiras, caracterizando-o como privado, público, institucional ou formal e informal. Com isso, ele afirma que os diferentes contextos sociais, de uma forma global, ainda podem ser caracterizados e definidos pelas seguintes categorias: posições (papéis, status, etc.), propriedades (sexo, idade), relações (dominação, autoridade) e funções (pai, médico, juiz, bombeiro).

Com o que já foi visto sobre contexto, pode-se ressaltar que é dentro de um contexto sócio-cultural historicamente situado que são produzidos e recebidos os textos e os discursos através dos seus interlocutores (falantes e ouvintes). Contudo, será adotado neste trabalho, um modelo cognitivo de compreensão e produção do discurso que deverá dar conta do fato de que texto e discurso, apesar de suas diferenças, são processos funcionais dentro de um contexto social.

A partir da linha sociointeracionista, Dijk (2004) propõe um modelo cognitivo de compreensão e produção do discurso, baseado em pressupostos cognitivos (conhecimentos adquiridos previamente e conhecimentos partilhados entre os interlocutores) e contextuais, que irão utilizar estratégias para a construção

de uma base textual. Para o autor, a compreensão do discurso envolve não somente a representação de uma base textual na memória, mas também, ao mesmo tempo, a ativação, a atualização, e os modelos situacionais da memória episódica, ou seja, a compreensão do discurso é baseada na representação cognitiva dos acontecimentos, ações, pessoas, crenças, culturas, dos quais os sujeitos envolvidos são apropriados, e, de forma geral, na situação social e contextual na qual o discurso está sendo realizado e inserido.

Segundo Koch (2006b), o processamento do discurso não se constitui apenas com pressuposições cognitivas, mas também, em pressuposições contextuais já que os discursos são produzidos e recebidos por falantes e ouvintes em situações específicas, dentro de um contexto sócio-cultural.

Seguindo esta perspectiva, Dijk (2004, p.17-19) propõe quatro tipos de pressuposições contextuais, podendo ser sintetizados como:

- 1) *Pressuposto da funcionalidade (social)*: sua implicação cognitiva é que os usuários da língua construam não só uma representação do texto, mas também do contexto social;
- 2) *Pressuposto pragmático*: relacionados às intenções envolvidas no discurso, lida com os resultados provenientes de algum tipo de ação social, sendo a forma e a interpretação do texto uma função do papel do ato de fala pretendido pelo ato de enunciação;
- 3) *Pressuposto interacionista*: considerado uma generalização do pressuposto pragmático, significa que os usuários de uma língua constroem uma representação cognitiva da interação verbal e não verbal ocorrida numa situação discursiva;
- 4) *Pressuposto situacional*: é a interpretação do sentido de um texto e as diferentes funções desse mesmo texto dada através do ato de fala, do enunciado e do texto apresentado, pôr diferentes pessoas em contextos situacionais diferentes.

Para o autor, os diversos tipos de informação contextual, assim como os quatro tipos de pressuposições contextuais, estão envolvidos no processo de compreensão do discurso, bem como, as representações que são construídas a partir do ato de fala, das interações comunicativas e de toda a situação, garantindo que estas representações irão interagir com a própria compreensão do discurso. A compreensão do discurso parte de um processo interacional no qual o ouvinte ativamente interpreta as ações do locutor.

Dijk (2004) nos alerta para a não existência de um único processo de compreensão do discurso, mas sim, processos de compreensão que variam de acordo com diferentes situações, de diferentes usuários da língua, de diferentes

tipos de discurso.

Para Santos (1999), o discurso constitui como prática social, o que conduz à aceitação da linguagem como parte da sociedade e como um processo condicionado socialmente. Dessa forma, o discurso está relacionado às estruturas sociais e é regido por convenções que procedem de órgãos institucionalmente marcados pela sociedade, sendo eles o seu representante oficial.

Assim, o estudo do discurso resulta da influência de diversas correntes pragmáticas, caracterizando-o como uma forma de ação, de caráter interativo, no qual a manifestação mais evidente desta interatividade é a conversação. O discurso consiste em ser sempre contextualizado, orientado em função de um propósito do locutor, construído em função de um fim. Dessa forma, admite-se que o discurso é regido por normas sociais gerais, específicas e particulares de cada ato de linguagem, sendo assumido em um interdiscurso, pois o discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2006).

Santos (1999) ressalta que o falante não pode dizer o que quer segundo sua vontade ou de outrem, pois, ele terá que observar as regras ditadas pela sociedade, procurando segui-las e obedecê-las, sendo este o fato que determina as ordens do discurso, assim, não determinado apenas pelas estruturas sociais.

Portanto, pode-se destacar que o discurso é marcado pelas estruturas sociais, deste modo, ao mesmo tempo em que o determinam, produzem-no. Segundo Fairclough (1989 *apud* SANTOS, 1999), o discurso envolve as condições sociais de produção e de interpretação, estando relacionado com os níveis de organização social: o da situação, da instituição e o da sociedade como um todo.

A partir desta visão, Fairclough (1989 *apud* SANTOS, 1999) considera discurso como processo de interação social, apresentando dupla colocação para o discurso, por um lado, entra na constituição das relações sociais, por outro, é constituído por elas, situando-se no contexto em que é gerado.

Charaudeau e Maingueneau (2006) expõem uma série de oposições clássicas sobre o discurso, tais como: discurso x frase; discurso x língua; discurso x texto e; discurso x enunciado. Dentro dessas distinções, é possível sintetizar o conceito de discurso, caracterizando-o como uma unidade lingüística constituída de uma sucessão de frases, sendo orientado para uma dimensão social ou mental, que surge da utilização entre os homens, de signos sonoros articulados, para comunicar



seus desejos e opiniões sobre as coisas. Para os autores (2006, p.169), “todo discurso é concebido como a inclusão de um texto em seu contexto”.

Como foi visto anteriormente, Marcuschi (2008) também enfatiza a distinção entre texto e discurso, colocando o discurso no plano do funcionamento enunciativo, considerando-o como “*objeto do dizer*”. Dessa forma, o discurso é visto como uma atividade lingüística codificada, anexada a uma prática social historicamente situada. É uma enunciação, na qual participam os interlocutores e a situação sócio-histórica de enunciação, como também fazem parte os aspectos pragmáticos, tipológicos, processos de esquematização e elementos relativos ao gênero. O que decorre em todas as posições teóricas em relação ao discurso é o fato de se tratar do uso interativo da língua.

De acordo com o que foi citado sobre o discurso, pode-se concluir que a formação discursiva se define a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica, na qual se define o que pode e deve ser dito e onde os seus sentidos derivam das formações discursivas em que se inscrevem, através de textos produzidos pelos sujeitos dentro de uma conversação.

Marcuschi (2003) define a conversação como o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais e o gênero básico para a interação humana.

Para Santos (1999), as interações da vida diária são de duas espécies: uma que se caracteriza por eventos interacionais, que não tem uma preparação prévia e tema definido, onde os parceiros da comunicação têm papéis iguais, outra, por meio de eventos situacionais, que tem um objetivo definido, pois as situações são geralmente públicas e os contextos caracterizados por normas convencionalizadas.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2006), a conversação é a manifestação mais evidente da interatividade, onde dois ou mais locutores coordenam suas enunciações, enunciam em função da atitude do outro e percebem imediatamente o efeito que suas palavras têm sobre o outro.

Pode-se afirmar que a interatividade é um aspecto essencial a língua, na qual expressa a propriedade dialógica da linguagem, proposta por Bakhtin (1992), como uma condição natural e necessária à relação com o outro, a qual seria uma relação de reciprocidade.

Bakhtin (1992) propõe uma diferença entre diálogo e dialogismo, na qual o diálogo não passa de uma das formas de interação verbal e o dialogismo constitui-se no produto da interação entre locutor e ouvinte.

Porém, para que haja a interatividade nem sempre é necessário que exista o diálogo, que por sua vez é uma troca formal de turnos durante a conversação. Interatividade e diálogo não são sinônimos e se manifestam de forma diferenciada (MARCUSCHI, 2001a).

Para Marcuschi (2001a), a interatividade é um fenômeno constitutivo e irreduzível das relações interpessoais, considerada como uma propriedade geral de todo e qualquer uso da língua e não de uma das modalidades de seu uso, concluindo que, ninguém escreve ou fala sem ter em mente um leitor ou ouvinte. Dessa forma, pode-se afirmar que, a interatividade está presente em ambas as modalidades de uso da língua abordadas neste trabalho, ou seja, ela está presente tanto na fala como na escrita, como também, na relação entre essas modalidades, como veremos melhor no próximo capítulo.

### **1.1.2. Fala e Escrita**

Foi visto que a linguagem desempenha um papel fundamental em nossa vida, atuando como principal mediador em nossas interações sociais, como uma forma de ação, possibilitando aos membros de uma sociedade realizar práticas discursivas, tais como a leitura e a escrita. Dentro desta perspectiva, veremos neste capítulo que oralidade e escrita são duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades distintas.

Marcuschi (2007a) afirma que é impossível situar a oralidade e a escrita em sistemas lingüísticos diversos, considerando que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua, sendo realizações de uma gramática única, mas, que do ponto de vista semiológico, podem ter peculiaridades acentuadas, deste modo, a escrita não representa a fala e vice-versa. O autor afirma ainda que, oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos distintos, tampouco uma dicotomia.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), as relações entre oralidade e escrita se dão num contínuo ou gradação decorrida pelos gêneros textuais, e não na

observação dicotômica de características polares, ou seja, a melhor forma de observar a relação fala - escrita é contemplá-la num contínuo de textos orais e escritos, seja na atividade de leitura, seja na de produção.

Para os autores, todas as práticas lingüísticas se dão em textos orais ou escritos com a presença de semiologias de outras áreas, como a gestualidade e o olhar, na fala, ou elementos pictóricos e gráficos, na escrita.

Pela realização de textos, temos que os textos orais se realizam por meio de palavras, gestos, mímicas, ou seja, ele é multissêmico, já os textos escritos não se resumem apenas ao alfabeto, envolvem ainda fotos, ideogramas, ícones, pinturas, grafismos de todo tipo (MARCUSCHI, 2007a)

Como uma manifestação da prática oral, a fala é adquirida naturalmente em contextos informais do cotidiano, como também nas relações sociais e dialógicas, sendo caracterizada pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, assim como os aspectos prosódicos, contudo, envolve ainda uma série de recursos expressivos como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

Já a escrita, enquanto manifestação formal do letramento, é adquirida em contextos formais, como a escola e instituições, por isso, carregam um caráter mais prestigioso, sendo caracterizada por sua constituição gráfica, embora, envolva ainda recursos pictóricos e outros, manifestando-se do ponto de vista de sua tecnologia por unidades alfabéticas, ideogramas ou unidades iconográficas.

Marcuschi e Dionísio (2005) caracterizam as relações entre fala e escrita e entre oralidade e letramento como uniformes, constantes e universais.

Os autores conceituam oralidade como uma prática social que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais e que se apresentam da maneira mais informal ao mais formal nos mais variados contextos de uso, no entanto, sobre a fala, eles afirmam ser uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral.

Segundo Marcuschi (2007a), letramento envolve as variadas práticas da escrita, nas suas diversas formas na sociedade, já a escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, tratando-se de uma modalidade de uso da língua que complementa a fala.

Dessa forma, letramento é o resultado da ação de aprender a ler e a

escrever, sendo a condição que adquire um indivíduo ou um grupo social como consequência de ter-se apropriado da escrita. Para Garcia (2004), o conceito de letramento não estabelece uma linha divisória que separa o indivíduo letrado do iletrado, dessa forma o letramento é uma variável contínua, é uma questão de grau e é entendido como um processo que não tem limite, portando, o conceito de letramento difere profundamente do de alfabetização.

Nesta perspectiva, os termos fala e escrita passam a ser usados para designar formas e atividades comunicativas, como manifestações textuais - discursivas, não se restringindo ao plano do código, pois, trata-se muito mais de processos e eventos do que de produtos (MARCUSCHI, 2007a).

Segundo Biber (1995), a variação entre textos falados e escritos é tão grande quanto à variação entre a modalidade falada e a escrita, com isso, o autor identifica que não há distinção absoluta entre fala e escrita, pois, as relações entre fala e escrita são complexas e associadas com uma variedade de diferenças situacionais, funcionais e processuais.

Marcuschi e Dionísio (2005) afirmam que a única distinção dicotômica entre a fala e a escrita é quanto ao seu meio utilizado, ou seja, na sua forma de representação, já que a escrita se manifesta como grafia e a fala como som.

Contudo, de acordo com Marcuschi (2007b) a distinção mais significativa entre o texto falado e o escrito está no seu potencial em relação à ordem social e institucional, as quais possibilitam e permitem a construção dos sentidos.

Através dos estudos lingüísticos clássicos de descrição da língua, a conceitualização da fala em função da escrita esteve associada aos processos de objetivação e racionalização de um padrão lingüístico, tomando como padrão um sistema autônomo em relação aos contextos e aos meios de produção/recepção (SIGNORINI, 2001).

Ao considerar os textos orais e escritos sob o ponto de vista dos seus meios de transmissões básicos que são, respectivamente, em sua modalidade sonora e gráfica, bem como nas duas modalidades de concepção, Marcuschi (2007b, p.51), distribui todos os textos ao longo de dois eixos em uma superfície bidimensional, assim como está descrito no quadro abaixo:

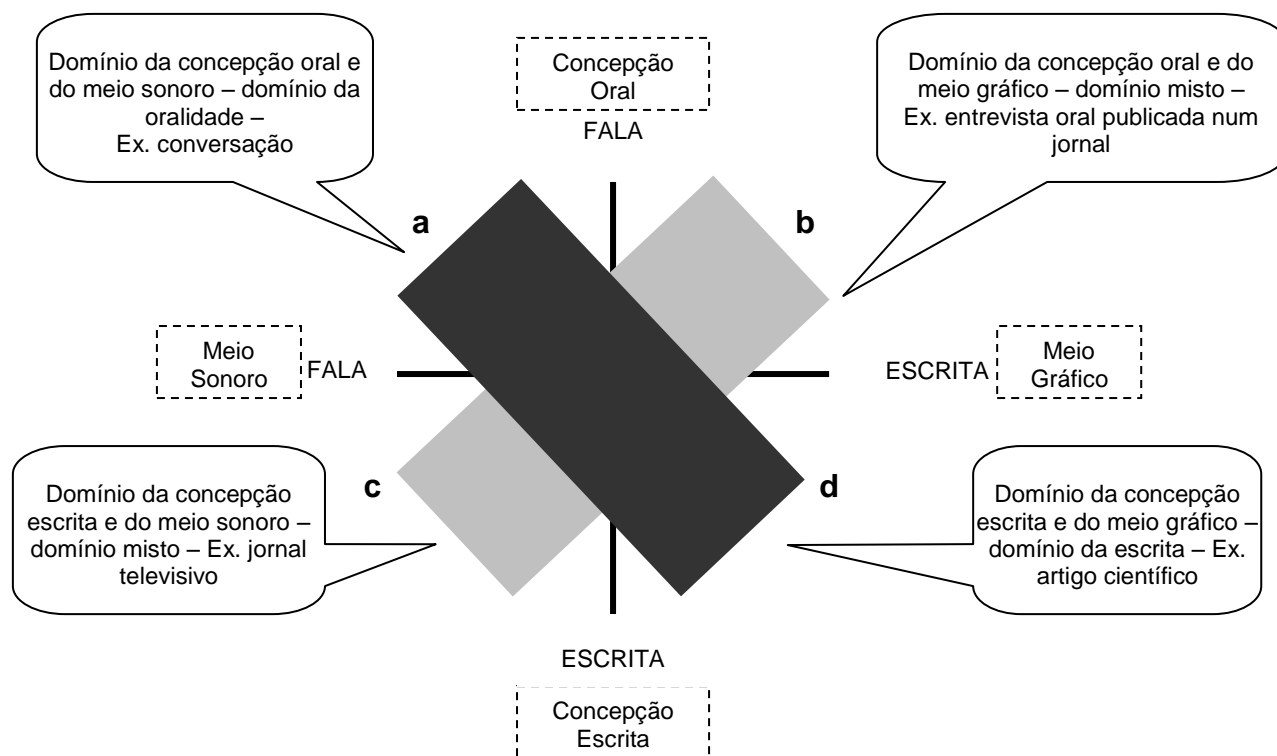


Fig.01

Veremos que até a década de 80, a oralidade e a escrita eram analisadas como opostas, ou seja, caracterizavam dois sistemas lingüísticos distintos, considerava-se a relação entre essas duas modalidades da língua como dicotômica, atribuindo a escrita valores cognitivos intrínsecos.

### 1.1.2.1. A visão dicotômica

Durante meados do século XX, especialmente entre os anos 50 aos anos 80, sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais, defendiam a posição, posteriormente assumida pelos lingüistas, de que a invenção da escrita trazia uma “grande divisão” a ponto de introduzir uma nova forma de conhecimento e ampliação da capacidade cognitiva. Esta posição defendia a supremacia da escrita e sua condição de tecnologia autônoma, percebida como diferente da oralidade do ponto de vista do sistema, da cognição e dos usos (MARCUSCHI, 2001b).

Segundo Marcuschi (2007a), a tendência da “grande divisão” entre fala e escrita e de maior tradição entre os lingüistas, foi o primeiro caminho que conduziu os estudos sobre a relação entre as duas modalidades de uso da língua, entendendo suas diferenças dentro de uma perspectiva dicotômica.

Para o autor, essa perspectiva sugere dicotomias estanques com separação entre forma e conteúdo, separação entre língua e uso, considerando a língua como um sistema de regras. Esta visão, de caráter estritamente formal, manifesta enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos.

A injusta conclusão da perspectiva dicotômica postula para a fala uma menor complexidade e uma maior complexidade para a escrita, dessa forma, considera a fala como o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma culta e do bom uso da língua (MARCUSCHI, 2007a).

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), a idéia de que a escrita representa uma “grande divisão”, marcando dois tempos, o tempo da oralidade pura e o tempo da escrita, não se sustenta nos dias de hoje, pois a maioria das dicotomias propostas não sobrevive às análises mais rigorosas e críticas. A suposição de que a escrita é descontextualizada, explícita, planejada e racional, e a fala é o oposto disso tudo, pode levar a conclusões inadequadas.

Os autores chamam atenção para o tratamento de distinções entre fala e escrita, sugerindo ter muita prudência ao usar um dos conceitos abaixo para caracterizar a fala ou a escrita, afirmando que a realidade não existe desse modo, por isso, tais conceitos como indicados no quadro a seguir não devem ser usados hoje em dia.

FALA	<i>versus</i>	ESCRITA
Contextualizada		Descontextualizada
Implícita		Explícita
Concreta		Abstrata
Redundante		Condensada
Não-planejada		Planejada
Imprecisa		Precisa
Fragmentária		Integrada

(MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2005, p.28)

Koch (2006a) discorda com o quadro acima ao afirmar que estas diferenças nem sempre distinguem as duas modalidades, pois para a autora, existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa.

Para a autora, o que acontece com o texto escrito é que o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer um rascunho, proceder a revisões, “copidescagem”, etc., ao contrário do texto falado que surge no próprio momento da interação, sendo considerado o seu próprio rascunho. Além disso, em situações de

interação face a face, o locutor não é o único responsável pela produção do seu discurso, trata-se de uma atividade de co-produção discursiva, visto que os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto.

Sendo assim, o locutor, empenhado na realização do seu texto, freqüentemente, vê-se obrigado a “sacrificar” a sintaxe em favor das necessidades da interação, fato que se traduz pela presença, no texto falado, de falsos começos, anacolutos, orações truncadas etc., bem como a recorrer com freqüência a inserções de vários tipos, a repetições e a paráfrases, com o intuito, entre outros, de garantir a compreensão de seus enunciados pelo parceiro (KOCH, 2006a).

A autora propõe que em uma interação face a face, os interlocutores coloquem em prática uma série de “estratégias conversacionais”, semelhantes às máximas de Grice. Com isso, Koch (2006a, p.79) destaca as seguintes estratégias:

1. se perceber que o parceiro já compreendeu o que você pretendia lhe comunicar, a continuação de sua fala, na maioria das situações, se torna desnecessária;
2. logo que perceber que o ouvinte não o está entendendo, suspenda o fluxo da informação, repita, mude o planejamento ou introduza uma explicação;
3. ao perceber que formulou algo de forma inadequada, interrompa-se imediatamente e corrija-se na seqüência.

Segundo Santana e Macedo (2004), a “grande divisão” entre oralidade e escrita não se justifica, ao contrário, o que existe é uma interdependência entre elas, tanto com relação a aspectos lingüísticos como cognitivos.

Marcuschi (2007b) distingue a relação entre oralidade e letramento como práticas sociais e a relação fala e escrita como materialização dessas práticas sociais. O autor defende a idéia de que as relações entre oralidade – letramento e fala – escrita não se tratam de relações dicotômicas nem paralelas, mas sim complementares.

Marcuschi (2001b) sugere como o mais adequado para tratar as relações entre oralidade – letramento e fala – escrita, o modelo que parte da observação das relações entre esses pares dentro da perspectiva do contínuo das práticas sociais e atividades comunicativas, observando a organização das formas lingüísticas no contínuo dos gêneros textuais.

### 1.1.2.2. Gêneros Textuais

Gêneros textuais são considerados formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas. Sua definição não é lingüística, mas de origem sociocomunicativa, com parâmetros essencialmente pragmáticos e discursivos. Assim, Marcuschi (2001b, p.42) define “gênero textual como uma forma textual concretamente realizada e encontrada como texto empírico materializado”.

Segundo Bakhtin (1992), os gêneros textuais são formas relativamente estáveis de enunciados construídos historicamente e disponíveis na cultura que possuem características específicas de conteúdo temático, forma composicional e marcas lingüísticas, ou seja, para falar ou escrever, não produzimos textos em abstrato, mas utilizamo-nos sempre de algum tipo de gênero do discurso.

Para Marcuschi (2008) os gêneros textuais não podem ser considerados entidades formais, mas sim entidades comunicativas nas quais predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos. Dessa forma, os gêneros se tornam propriedades inalienáveis dos textos empíricos e servem de guia para os interlocutores, transmitindo inteligibilidade as ações retóricas.

Marcuschi (2008, p.159) resume que os gêneros textuais poderiam ser entidades como: “ a) dinâmicas; b)históricas; c)sociais; d)situadas; e)comunicativas; f) orientadas para fins específicos; g)ligadas a determinadas comunidades comunicativas; h)ligadas a domínios discursivos; i)recorrentes; j)estabilizadas em formatos mais ou menos claros ”.

Garcia (2004) considera gêneros textuais como “famílias” de textos, podendo ser orais ou escritos, as quais compartilham características comuns e circulam socialmente.

A autora conclui que, a escolha de um determinado gênero textual está relacionada à situação, a qual ele deve estar inserido, definida por um conjunto de elementos, tais como o objetivo do locutor, a instituição social que se processa a interação, o destinatário e os conteúdos a exprimir. Dessa forma, o modelo do gênero escolhido determina os conteúdos possíveis, o tipo de estruturação, o tipo de relação entre os parceiros e o uso de certos elementos lingüísticos específicos.

Em seu estudo sobre a variação entre fala e escrita, Biber (1995) afirma que não há uma caracterização lingüística ou situacional da fala e da escrita que seja válida para todos os gêneros textuais, sejam eles falados ou escritos, pois,



alguns gêneros falados são bastante similares a alguns gêneros escritos, assim como alguns gêneros da mesma modalidade são bastante diferentes entre si.

Para Marcuschi (2008), os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não se sabe se é possível contá-los, pois, como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, conseqüentemente, não havendo uma classificação.

Assim, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e fixos da ação criativa, caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, surgindo emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, como por exemplo, os novos gêneros textuais advindos dos textos digitais. Com isso, Marcuschi (2002) caracteriza os gêneros textuais muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas particularidades lingüísticas e estruturais.

Este trabalho parte do pressuposto de que as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um “continuum tipológico” das práticas sociais de produção textual, ou seja, dentro de um contínuo de gêneros textuais de ambos os domínios lingüísticos (MARCUSCHI 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2007a; 2007b; 2008). De um lado, temos os gêneros orais e, do outro, os gêneros escritos, observando que a relação entre essas duas modalidades se dá dentro de um contínuo e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. Marcuschi (2007a, p.38) propõe um conjunto de variações multidimensionais e não uma simples variação linear, como se pode ver no quadro abaixo, onde o autor representa o gráfico da relação fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais.

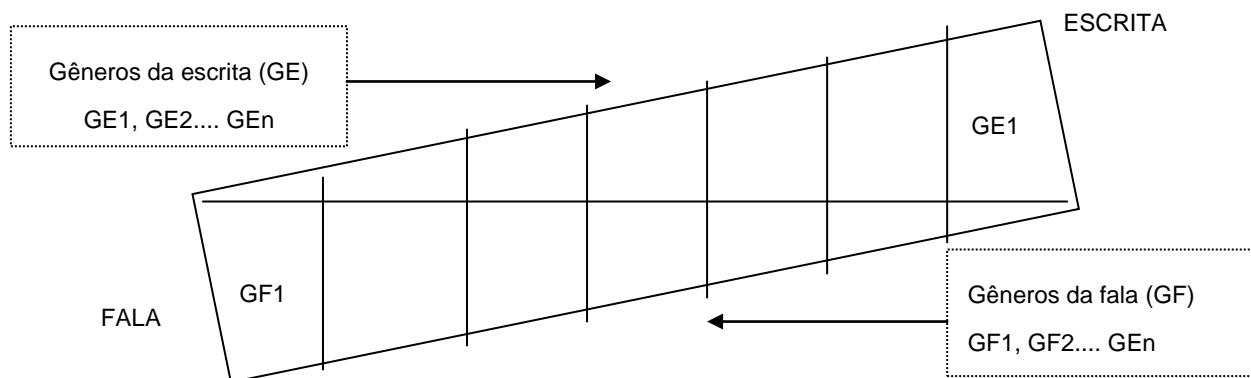


Fig.02

É com base na noção de gênero textual exposta neste trabalho que

vamos apresentar uma relação possível entre textos e modalidades lingüísticas, como fala e escrita, dentro de um contínuo, por meio de uma perspectiva sociointeracionista.

### **1.1.2.3. A perspectiva sociointeracionista proposta por Marcuschi**

Segundo Marcuschi (2007a), a linha sociointeracionista é o caminho mais sensato para tratar das semelhanças e diferenças entre fala e escrita nas atividades de formulação textual, por meio das correlações entre suas formas lingüísticas, contextualidade, interação e cognição.

A relação entre fala – escrita é caracterizada dentro de uma visão sociointeracionista pelo fato dessas duas modalidades da língua apresentarem, concomitantemente, “dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade” (MARCUSCHI, 2007a, p.33).

O autor admite que, por mais que esta perspectiva esteja livre dos problemas ideológicos e preconceituosos, padece de um baixo potencial explicativo e descritivo dos fenômenos sintáticos e fonológicos da língua, bem como das estratégias de produção e compreensão textual.

No entanto, Marcuschi (2001b, p.29), tomando como base Street (1995, p.167-170), afirma que, entre os mitos da relação fala - escrita postulados na tese da “grande divisão” e que ainda persistem na visão do contínuo estariam:

- 1 - A idéia de que a escrita codifica lexical e sintaticamente os conteúdos, enquanto que a fala usa os elementos paralingüísticos como centrais;
- 2 - A idéia de que o texto escrito é mais coesivo e coerente do que o oral, sendo a fala fragmentária e sem conexão;
- 3 – a noção de que a escrita conduz os sentidos diretamente a partir da página impressa, sendo que a fala serve do contexto e das condições da relação face a face.

Nesta perspectiva, estão as análises que se dedicam a perceber as diversidades das formas textuais produzidas em co-autoria como a conversação, assim como as formas textuais em monoautoria, como os monólogos. Esta perspectiva trata ainda dos fenômenos de compreensão na interação face a face e na interação entre leitor e texto escrito, detectando as especificidades da atividade de construção de sentidos.

Para Fávero, Andrade e Aquino (2002), é na interação que se cria um

processo de geração de sentidos, constituindo um fluxo de produção textual organizado, seja ele oral ou escrito, e que, é possível detectar em toda atividade conversacional um caráter interativo, visto que ali ocorre um envolvimento entre os participantes numa dada situação.

Para Marcuschi (2007a), a perspectiva sociointeracionista preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-os sempre como situados em contextos sócio-históricamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais, como também a análise dos gêneros textuais e seus usos na sociedade.

Na perspectiva defendida aqui, fala e escrita não apresentam propriedades intrínsecas negativas, nem propriedades intrínsecas privilegiadas, pois seria equivocado postular algum tipo de supremacia de alguma das duas modalidades já que, dentro desta perspectiva, não podemos afirmar que a fala é superior a escrita ou vice-versa.

Segundo Marcuschi (2007a), a oralidade jamais desaparecerá, nem também a escrita. Dessa forma, uma estará sempre ao lado da outra, como um grande meio de expressão e de atividade comunicativa. O autor afirma que a oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e jamais poderá ser substituída por alguma tecnologia, sendo este um fator de identidade social, regional e grupal dos indivíduos. Já a escrita, pelo fato de ser pautada padrão, não é estigmatizadora e não serve como fator de identidade individual ou grupal.

De acordo com Marcuschi (2007a, p. 42) e sua perspectiva sociointeracional aqui defendida, ao considerar a relação fala - escrita em uma visão não-dicotômica, pode-se formulá-la como:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos.

Para Marcuschi e Dionísio (2005), tanto a fala como a escrita se dão num contínuo de variações, no qual surgem semelhanças e diferenças ao longo de dois contínuos sobrepostos. Com isso, a comparação entre essas duas modalidades deverá tomar, como critério, uma relação fundada no contínuo dos gêneros textuais.

Segundo Marcuschi (2008, p.197), podemos representar as relações

entre fala e escrita através de uma visão contínua que se dá na comparação com gêneros textuais. O autor sugere um quadro geral na tentativa de agrupar os gêneros e indicá-los ao longo do contínuo, da seguinte maneira:



Fig.03

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), a oralidade tem formas de textualização especiais que servem aos propósitos do armazenamento do conhecimento e que não correspondem exatamente à fala do cotidiano. Dessa forma, a escrita em sua forma de textualização, se apropriou do modo de organizar o texto em suas propriedades formais a partir do discurso oral para levá-lo ao escrito.

De acordo com os estudos de Feldman (1995, *apud* MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2005) sobre a linguagem oral em povos sem escrita, quando uma cultura não possui gênero escrito de código de leis, com frequência ocorre um gênero oral que desempenha a mesma função, concluindo, com isso, que a variação estilística da fala expressa em gêneros é um traço universal de todas as culturas.

Por isso, concordamos com Marcuschi (2001b) ao afirmar que contexto cultural exerce forte influência sobre o papel da escrita, o que diminui a diferença

entre fala e escrita, sendo os modos mais similares do que diferentes no seu impacto sociológico.

Segundo Koch (2006a), a escrita formal e a fala informal constituem os pólos opostos de um contínuo, ao longo do qual se situam os diversos tipos de interação verbal.

Signorini (2001) compreende que o texto sociointeracional fundamenta-se: a) nas formações dos papéis interativos e suas posições estruturadas de atuação; b) nas inúmeras ressonâncias de produções discursivas anteriores ou concomitantes (relação multivocalidade ou de autoria); c) nas categorias metadiscursivas mobilizadas pelos processos de textualização e de re(con)textualização; d) nos diferentes níveis e graus em que se dão as formas textuais, sejam elas nas modalidades oral ou escrita; e) nos códigos gráficos – visuais; f) nos gêneros discursivos e nos modelos textuais, sempre caracterizadas pela presença da fala na escrita ou vice-versa.

Com isso, surgem nos textos sociointeracionais traços na escrita com características da fala e marcas da fala na escrita, como veremos melhor a seguir.

#### **1.1.2.4. Marcas de Oralidade**

Até o momento, pôde-se observar que a relação fala – escrita é complementar e não dicotômica, sem superioridade de uma relativamente à outra, que são interdependentes e não podem ser tomadas como estanques ou isoladas, mas contínuas ou pelo menos graduais, e, que essa relação pode ser mais bem compreendida quando observada no contínuo dos gêneros textuais. Vimos, ainda, que as diferenças mais notáveis entre fala e escrita estão nas atividades de formulação textual.

A formulação textual ocorre tanto na fala quanto na escrita. No entanto, essa atividade é distinta em cada uma das modalidades da língua, pois, formular é concretizar as atividades que estruturam e organizam um texto, seja ele oral ou escrito e, o esforço que o locutor/escritor faz para produzir seus textos se manifesta por marcas que são deixadas em seu discurso (FÁVERO; ANDRADE e AQUINO, 2002).

Para os autores, formular não significa apenas deixar ao interlocutor a tarefa de compreensão, mas sim, deixar “marcas” para que o texto possa ser

compreendido, o que faz com que a produção do texto seja, ao mesmo tempo, ação e interação.

Foi visto que a formulação de um texto pode ocorrer de maneira fluente (sem dificuldades ou tropeços) ou disfluente (onde o locutor/escritor enfrenta dificuldade de processamento textual), dando origem às atividades de reconstrução, e que, na formulação fluente, podem ocorrer inserções, repetições, hesitações e paráfrases. Contudo, estas ocorrem com funções retóricas, argumentativas ou didáticas, com o objetivo de facilitar a compreensão, enfatizar ou intensificar idéias e persuadir o interlocutor/leitor.

Na formulação disfluente, o locutor/escritor procura resolver suas dificuldades de processamento apresentando em seu texto fenômenos como a hesitação, que se manifesta através de falsos começos, alongamentos vocais, pausas (preenchidas ou não), repetições de sílabas iniciais e/ou vocábulos e expressões. Koch (2006a) afirma que o uso desses recursos tem por objetivo garantir ao locutor/escritor o tempo necessário para o planejamento mais adequado do seu discurso, ou seja, para a reorganização e reestruturação do seu discurso.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), todas as atividades realizadas no processamento textual, escrito ou oral, visam, em princípio, à construção do sentido, e, para esse objetivo são utilizadas estratégias, dentre as quais os autores destacam: a correção (estratégia de formulação textual que se manifesta de forma diferenciada na fala e na escrita); a repetição (estratégia de formulação textual mais presente na oralidade) e a modalização (estratégia de formulação textual que se manifesta de forma diferenciada na fala e na escrita)

Para Fávero, Andrade e Aquino (2002), quando um locutor encontra problemas de formulação textual ele deve resolvê-los através do uso de fenômenos estratégicos como: hesitações, paráfrases, repetições e correções.

Segundo Marcuschi (2003), hesitação são todos os casos em que há uma interrupção no fluxo da fala em pontos não previstos, tanto por fatores sintáticos como prosódicos, sem uma justificativa fonológica, sintática ou discursiva. Porém, deve ser considerado que nem todas as pausas são hesitações.

O autor afirma que há uma diferença essencial entre pausa e hesitação: as hesitações são fenômenos relativamente grosseiros e facilmente observáveis, enquanto as pausas, na teoria lingüística, são curtas na duração e mais difíceis de observar. Assim, as pausas não interrompem o fluxo da fala, mas as hesitações,

sim.

Para Marcuschi (2003), a hesitação pode aparecer tanto nas pausas quanto em situações de repetição de itens lexicais ou gramaticais, nas autocorreções, etc., caracterizadas pela presença de um elemento lingüístico qualquer. Dessa forma, realizamos uma série de ações descontínuas em um tempo contínuo, isto é, ações repletas de pausas, quando organizamos nossa fala.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2002, p.59), a paráfrase é uma atividade de reformulação textual pela qual se restaura “bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte, num texto-derivado”.

Para os autores, a paráfrase exerce inúmeras funções, como a de contribuir para a coesão do texto, porém, sua função principal é a de garantir a intercompreensão, diferenciando-se das demais atividades de formulação textual como, por exemplo, a repetição pela criatividade em contraste com o automatismo da paráfrase.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), a repetição é uma das estratégias de formulação textual mais presente na oralidade, favorecendo o movimento da progressão textual, uma vez que, a cada estrutura repetida, uma nova informação é acrescentada ao texto. Dessa forma, a repetição presente na oralidade exerce uma força argumentativa, e na escrita, desempenha um forte recurso persuasivo.

Para Fávero, Andrade e Aquino (2002), a correção desempenha um papel considerável entre os processos de construção do texto e corresponde à produção de um enunciado lingüístico que reformula um anterior, considerado “errado” aos olhos de um dos interlocutores. Assim, a correção revela uma reorganização das ações e/ou infrações dos participantes. As correções correspondem a um processo altamente interativo e colaborativo, atuando como um dispositivo dinâmico em potencial da língua falada.

Para Marcuschi e Dionísio (2005), na escrita, as correções, geralmente, não são vistas pelos leitores, pois o autor usa diversos recursos para não mostrar suas correções, já que, diferentemente da oralidade, na escrita temos tempo para ocultar nossas correções. Porém, em algumas situações de prática de escrita, deixamos nossas correções à mostra, como em: anotações pessoais, trabalhos escolares, preenchimentos de palavras cruzadas, bilhetes, bate-papos escritos, etc.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), quando falantes ou escritores falam ou escrevem algo, estão concomitantemente expressando sua atitude ou

ponto de vista sobre o que dizem ou escrevem. Essas expressões do falante ou escritor encontram-se presente, implícita ou explicitamente, em todos os usos da linguagem.

Para os autores, a modalização expressa as atitudes ou posições de falantes e escritores em relação a si próprios, em relação a seus interlocutores e em relação ao tópico do seu discurso. A noção de modalização se refere às maneiras em que a linguagem é usada na comunicação para expressar crenças pessoais, adotar posições, concordar ou discordar com outros, formar alianças pessoais e sociais, ou alternativamente, para afastar o falante ou escritor de pontos de vista e de ficar vago e não comprometido.

Dessa forma, as diferentes manifestações da modalização são vistas como estratégias que falantes ou escritores usam para se posicionarem diante das proposições que produzem ou recebem, sendo utilizadas para indicar como seu texto deve ser interpretado, ou como ele quer que seja interpretado (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2005).

Ainda de acordo com Marcuschi e Dionísio (2005), fatos da oralidade como os regionalismos, os idiomatismos e a gíria, quando considerados uma questão de estilo, variação, registro, etc., não devem ser considerados como marcas de oralidade, isso é justificável pelo fato de que essas formas lingüísticas não são parte da norma escrita, no entanto, esse fato não as credencia como característica da oralidade.

Os autores observam que, na fala, de um modo geral, independente de classe social, formação escolar ou sexo, é possível notar as marcas de plural, gênero da palavra, flexões verbais, concordâncias em geral, contudo, nem por isso temos a sensação de que sejam “erros”, sendo apenas uma tendência da modalidade oral.

Segundo Signorini (2001), o traço mais acentuado da escrita caracterizada enquanto produção de linguagem inserida em práticas sociais mais amplas, denominadas práticas de letramento, é a presença de elementos associados à língua falada, ou seja, é a interferência do oral no escrito.

Para a autora, quando a língua falada em questão não é a socialmente prestigiada, essa escrita costuma ser percebida como não existente enquanto objeto significativo, como não atuante em nenhum contexto comunicativo, já que os contextos em que esse tipo de escrita é produzido e posto em circulação e as



práticas sociointeracionais às quais está integrado, costumam ser tidos como não existente, no sentido de serem invisíveis na esfera pública.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), é importante estudar as questões relacionadas à oralidade como um ponto de partida para entender o funcionamento da escrita. E, tendo em vista essa afirmação, nesta pesquisa, pretende-se observar a relação entre fala e escrita nas práticas discursivas dos sujeitos afásicos, buscando verificar, na produção escrita do afásico, “possíveis” marcas de uma oralidade, presentes ou não, na expressão oral desse sujeito.

Por tudo que foi dito, podemos sugerir que, partir da fala para um trabalho com a escrita, seguindo uma perspectiva sociointeracionista, caracterizada na área da lingüística pelas teorias sociais de enunciação, será uma excelente maneira de se entender muitas das questões, aparentemente, difíceis na produção escrita do sujeito afásico, assim como, a relação que este sujeito apresenta entre as duas modalidades da língua.

É importante lembrar que, através de uma abordagem enunciativo-discursiva da linguagem falada e escrita nas afasias, será possível levar em conta uma concepção de linguagem enquanto prática discursiva e, portanto, social, implicando em reconhecer todos os processos discursivos envolvidos na interação entre afásicos e não-afásico, procurando compreender a linguagem em seu modo de funcionamento como prática social.

Essa perspectiva irá consentir um olhar diferenciado sobre cada sujeito afásico, suas individualidades e particularidades, considerando todos os esforços por ele realizados em seu processo de reconstrução do funcionamento da linguagem.

## **1.2. Afasia**

A Afasiologia foi definida pelo francês, Paul Broca, em 1861, quando foram descritos os primeiros casos de afasia motora, que afetaria basicamente o aspecto expressivo da linguagem, bem como através da descrição sistemática das alterações de linguagem decorrentes de lesões cerebrais, realizada inicialmente por médicos patologistas. “Nessa época, a Afasiologia foi definida como o campo de estudo das correlações entre linguagem e determinadas áreas do cérebro que seriam por ela responsáveis” (MORATO, 2006, p.149).

Segundo Morato (2006), a partir do momento em que a Afasiologia passa a situar-se preferencialmente na Lingüística, passa a ser estudada na Neurolingüística, sendo este o campo de investigação que se interessa, de uma maneira geral, pela cognição humana e, de maneira mais específica, pela linguagem e por processos afeitos a ela, direta ou indiretamente, interessada nas antigas indagações filosóficas sobre o sentido, a representação, o conhecimento e a relação entre patologia e normalidade.

Os primeiros estudos sobre afasia (*apud* Broca, 1861; Wernicke, 1874; Exner, 1881) enfatizavam apenas o modelo de linguagem conhecido por uma visão anatômica ou localizacionista das funções cerebrais que postulava que cada área do cérebro é responsável por uma função. Segundo Drummond (2006), o pensamento localizacionista permite analisar a classificação das afasias, levando-se em conta exclusivamente sintomas lingüísticos relacionados a áreas da lesão. Contudo, este modelo dificulta uma classificação exata do tipo de afasia, pois, outros dados como a condição perceptocognitiva e motora do sujeito, variações individuais, além da possibilidade de outras classificações não são levados em consideração.

Mais tarde, com os estudos de Luria (1984), surgiu a teoria do sistema funcional da linguagem, na qual se acreditava que todos os processos mentais, como percepção e memorização, gnosia e praxia, linguagem e pensamento, escrita, leitura e aritmética, não podem ser considerados faculdades isoladas nem divisíveis, tampouco supor que sejam funções diretas de grupos limitados de células ou que estejam localizados em áreas particulares do cérebro.

O desenvolvimento do conceito do sistema funcional complexo de Luria (1984) marca um avanço significativo com respeito à discussão em torno da localização das funções em áreas corticais discretas. Cada função é, na realidade, um sistema funcional destinado a cumprir uma tarefa biológica determinada e assegurada por um complexo de atos intervencidos que, ao final, conduzem ao sucesso de um efeito biológico correspondente. Dessa forma, Luria (1984) postula que as funções mentais superiores (atenção, percepção, memória, linguagem e pensamento), cujo desenvolvimento é histórico e social, só podem se realizar baseadas na organização cerebral concebida em termos de um sistema funcional complexo.

O modelo do sistema funcional complexo de Luria (1984) estabelece que as síndromes afásicas seriam determinadas com base na integração do sistema

funcional para a linguagem, ou seja, de caráter dinâmico, em razão da colaboração de operações cognitivas e de elementos específicos corticais e subcorticais para a realização de dada operação lingüística.

Para Luria (*apud* SANTANA, 2002, p.29), “a afasia seria um problema de ordem central e teria como conseqüência alterações diferentes em diversas modalidades de linguagem, ainda que todas possam estar alteradas”.

Segundo Jakobson (2001, p.34), “toda descrição e classificação das perturbações afásicas devem começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem”.

De acordo com o autor, as variedades de afasia são numerosas e diversas, mas todas oscilam entre dois tipos polares: o distúrbio da similaridade, onde a capacidade de seleção está afetada, e o distúrbio da contigüidade, na qual é afetada a função do contexto, havendo uma desordem na combinação das palavras, tendendo a uma redução do discurso. Dessa forma, para Jakobson (2001, p.55), “toda forma de distúrbio afásico consiste em alguma deterioração, mais ou menos grave, da faculdade de seleção e substituição, ou da faculdade de combinação e contexto”.

Jakobson (2001) trabalhou teórica e metodologicamente com dicotomias clássicas, ao afirmar que haveria uma correlação entre lesões anteriores e transtornos de codificação, assim como lesões posteriores e transtornos de decodificação. Com isso, o autor apresenta dois grandes eixos de relações simbólicas, projetadas uma sobre a outra, como duas formas de organização de linguagem: sintagmático/metonímico e paradigmático/metafórico, inspirado no trabalho de Saussure ([1916], 2003).

Segundo Morato (2006), inserida em uma abordagem sócio-cognitivista, a afasia é um problema discursivo, não redutível aos níveis lingüísticos, sendo uma questão de linguagem, que envolve o funcionamento dessa e dos processos cognitivos a ela associados, bem como as práticas lingüísticas e discursivas que caracterizam as rotinas significativas humanas.

Dessa maneira, as afasias seriam definidas por seus variados prejuízos no processo discursivo, levando a um efeito sistêmico que pode produzir comprometimento lingüístico (componente fonológico, morfossintático, semântico-lexical ou pragmático), correlacionado ao desempenho de determinada região cerebral, em interface com demais níveis e demais áreas (DRUMMOND, 2006).

Através do histórico da afasiologia, é possível constatar a grande evolução das visões que se refinaram em razão da disponibilidade e da sofisticação de conhecimentos provenientes de áreas interdisciplinares, como a lingüística, a Neurolingüística e a neuropsicologia. O próprio déficit passou a ser observado em perspectivas mais amplas da linguagem e do funcionamento cerebral. Hoje, o foco de interesse vai além das classificações das afasias por acreditar-se que as inúmeras variáveis médicas, psicológicas e sociais influenciam os diferentes comportamentos lingüísticos manifestados pelos sujeitos afásicos, tornando-os singulares (RIBEIRO, 2005).

Com base na Neurolingüística de tradição europeia, que se identifica com os estudos afasiológicos e psicolingüísticos, este trabalho fundamenta-se na questão do sentido e da relação entre duas modalidades da linguagem, fala e escrita, sendo áreas de interesse da Neurolingüística de abordagem discursiva, que, segundo Morato (2006, p.160), dedica-se

...ao estudo da heterogeneidade do uso da linguagem, à análise das interações humanas, às posturas e gestos interpretativos dos sujeitos, ao debate em torno de universos discursivos, à inscrição histórico-cultural dos processos cognitivos, às propriedades que nos privam de um controle de sentido daquilo que produzimos ou interpretamos e a relação constitutiva entre linguagem e cognição.

Além deste trabalho apoiar-se num referencial teórico de base sociointeracionista, também, apóia-se na área da neurociência, pelas teorias da atividade cerebral de inspiração Luriana.

O modelo do sistema funcional de Luria (1984), afirmava que o cérebro não é um órgão estático, fixo e programado, mas dinâmico, flexível e ativo, com uma excepcional capacidade de readaptação, evolução e mudança, altamente dependente das necessidades e ações do organismo como um todo.

Serão considerados ainda os trabalhos de Coudry (2001), Morato (2002; 2006; 2007), Santana (2002), entre outros, que apresentam uma abordagem enunciativo-discursiva ao tratar da afasia.

### **1.2.1. Conceito de afasia**

A afasia pode ser considerada como rompimento no processo central da linguagem, sem prejuízo de vias aferentes e eferentes relacionadas à recepção e expressão da fala, como a audição e a motricidade voluntária, automática e reflexa dos órgãos fonoarticulatórios (OLIVEIRA, 2005). Dessa forma, a afasia pode ser definida como:

Alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não estar associada a alterações de outros processos cognitivos (COUDRY, 2001, p.5).

Caracteriza-se como uma perturbação da linguagem em que há alterações de processos lingüísticos em todos os níveis, tanto no seu aspecto produtivo quanto no interpretativo, que podem se manifestar tanto na produção e na compreensão da fala, quanto na leitura e na escrita. Constitui-se como um problema de linguagem e não como uma dificuldade meramente motora (MORATO, 2002).

Essa alteração no conteúdo, na forma e no uso da linguagem, como também nos processos cognitivos subjacentes, tais como percepção e memória, é caracterizada por redução e disfunção, manifestando-se no aspecto expressivo e receptivo da linguagem oral e escrita, ainda que em diferentes graus para cada modalidade (ORTIZ, 2005).

Segundo Drummond (2006), é possível encontrar afasias sem comprometimento da compreensão verbal, porém o inverso não é verdadeiro, ou seja, todas as afasias, mesmo com prejuízo primário na compreensão, também apresentam algum nível de transtorno na produção verbal. Dessa forma, um nível lingüístico alterado representa transtornos tanto da compreensão como da produção verbal.

De acordo com a autora acima, o dado mais relevante para a avaliação da linguagem é a identificação da natureza primária da alteração da linguagem e a definição do principal nível lingüístico alterado. Com isso, o sujeito é considerado afásico, a partir do momento em que lhe faltam recursos expressivos e interpretativos da linguagem, sejam eles relativos ao sistema lingüístico ou aos processos discursivos.

Segundo Mansur e Machado (2004), a afasia é uma alteração da comunicação adquirida em consequência de lesão neurológica, envolvendo as modalidades de produção e compreensão das linguagens oral e escrita, não estando

relacionada a déficits sensoriais, intelectuais ou psiquiátricos.

Essa alteração no funcionamento da linguagem geralmente é adquirida em consequência de uma lesão no hemisfério encefálico esquerdo, que é a área predominante pela linguagem e responsável pela fala ou pela compreensão das palavras faladas. Quando a lesão é causada no hemisfério direito, a entonação e a melodia da fala podem ser alteradas. Esta lesão, por sua vez, poderá ter diferentes causas: um acidente vascular cerebral - AVE (conhecido como derrame cerebral), um trauma crânio encefálico – TCE (que poderá ser com ou sem perfuração da calota craniana), um aneurisma, tumores intracranianos, ou infecções e manifestações degenerativas locais comprometendo a área especificada. Geralmente, a afasia surge abruptamente, sem que a pessoa perceba, antecipadamente, que está por sofrer um dano neurológico (MORATO, 2002).

O diagnóstico diferencial entre a afasia decorrente de AVE e aquela que resulta de outros quadros degenerativos é fundamental, pois, há pouco tempo, foi descrita a afasia progressiva primária, como uma variante das atrofia corticais localizadas, cujo sintoma inicial é a alteração da linguagem em um contexto de preservação das demais habilidades cognitivas. Esse tipo de alteração se diferencia das afasias por manter-se durante dois anos, até que ocorra déficit mental generalizado (MANSUR e MACHADO, 2004).

Pode-se afirmar que a afasia, geralmente, é acompanhada por alterações de outros processos, como os neurológicos, a hemiplegia (paralisia de um dos lados do corpo), a apraxia (distúrbio da gestualidade), a agnosia (distúrbio do reconhecimento), a anosognosia (relacionada à falta de consciência do problema por parte do sujeito cérebro-lesado), a disfagia (relacionada às dificuldades de deglutição) etc., e, principalmente, os cognitivos, com seus estados psíquicos, como depressão, isolamento, agressividade ou frustração, podendo surgir em etapas e intensidade diferentes na vida da pessoa que se vê afásica (MORATO, 2002).

Devido à afasia apresentar alterações nos processos neurológicos e cognitivos de um indivíduo, Morato (2007) ressalta que, após adquirir a afasia, a qualidade de vida do sujeito será proporcional à intensidade do impacto psicossocial da afasia sobre ele e seus pares. Dessa maneira, a afasia deixa de ser apenas uma questão de saúde, lingüística ou cognitiva e torna-se uma questão social.

Santana, Dias e Serrato (2007) observaram que, com relação à qualidade de vida do afásico e o impacto psicossocial da afasia sobre esses sujeitos e seus

familiares, as mudanças ocorridas na vida familiar e social do afásico afetam tanto esses sujeitos quanto seus familiares, causando uma ruptura abrupta, ou seja, uma espécie de caos na vida do sujeito e daqueles com quem ele convive. Por tudo isso, em geral, há uma diminuição nas relações sociais, já que os amigos afastam-se e o afásico normalmente é impossibilitado de trabalhar. Em alguns casos, o sujeito se vê isolado socialmente em função das suas dificuldades comunicativas e locomotoras, como também, pelos sentimentos de vergonha diante de sua “nova” condição.

Segundo Drummond (2006), a perda abrupta da linguagem em decorrência de um evento neurológico não se restringe às dificuldades ou perda de uma ou mais modalidades da comunicação, podendo repercutir em mudanças na concepção e na percepção da própria identidade do sujeito afásico, de tal modo que, no novo contexto (da patologia), não haja reconhecimento do sujeito por ele mesmo e por sua família.

Por tudo isso, nos últimos anos, os aspectos sociais da afasia foram valorizados, baseados em estudos fundamentados nas linhas discursiva e pragmática, esta enfatizando a interação e ressaltando a limitação social do indivíduo afásico. Para Mansur e Machado (2004), a análise da afasia na perspectiva psicossocial favoreceu a visão além do indivíduo, estendendo a doença aos seus núcleos social e familiar.

### **1.2.2. Classificações e concepções**

Segundo Luria (1984), as afasias afetam distintamente os aspectos motores e sensoriais, voltados para as tarefas de articular e compreender a linguagem, que pode ser alterada em suas diferentes modalidades (fala, audição, leitura e escrita), ainda que de maneira seletiva.

Baseado na classificação neuropsicológica, no início dos estudos sobre afasia, Luria (1984) subdivide as afasias em seis tipos principais: três com componente primário na produção verbal: (a) afasia dinâmica, (b) afasia motora aferente (apraxia verbal) e (c) afasia motora eferente, e, três tipos cujo comprometimento primário envolve a compreensão verbal em diferentes níveis: (a) afasia sensorial, (b) afasia semântica e (c) afasia acústico-amnésica.

Segundo Oliveira (2005), o grau de afasia varia conforme a localização e

a extensão da lesão, sendo mais freqüente o aparecimento de sintomatologia mista com predomínio motor ou sensorial do que totalmente específica desta ou daquela função.

Ao longo do século XX, foram elaborados muitos trabalhos sobre a afasiologia, surgindo uma variedade de síndromes presentes na literatura, tornando a afasia uma das desordens neurológicas mais classificadas. Entretanto, essa variedade de classificações e terminologias tornou-se confusa, sendo a dicotomia mais usada ao longo dos anos para classificar a afasia a divisão entre distúrbios expressivos e receptivos (ORTIZ, 2005).

Considerando que a emissão e a recepção são as áreas em que há maior comprometimento, as afasias foram classificadas historicamente como: *emissivas*, cujo déficit de expressão é maior do que o déficit de compreensão, distribuídas como: (a) afasia de broca, (b) afasia de condução e (c) afasia transcortical motora; *receptivas*, nas quais o déficit de compreensão é maior do que o déficit de expressão, difundidas em: (a) afasia de wernicke, (b) afasia transcortical sensorial e (c) afasia amnésica/anômica; e, por fim, as *mistas* onde a recepção e a emissão estariam comprometidas em grau equivalente, sendo elas: (a) afasia transcortical mista e (b) afasia global (ORTIZ, 2005).

Para Oliveira (2005), a afasia ainda pode ser classificada como: (1) – *fluente*: afasia transcortical sensorial e afasia amnésica, caracterizadas por alterações semânticas, onde há anomias, a leitura geralmente encontra-se preservada, e na escrita pode aparecer as mesmas falhas da fala. Este tipo de afasia é uma evolução de outros tipos; (2) – *não fluentes*: afasia de condução e afasia transcortical motora; (3) – *mistas*: a afasia transcortical mista caracteriza-se pela repetição preservada, com a compreensão e a emissão severamente comprometidas. Neste último tipo, o afásico apresenta uma fala caracterizada por estereotípias e há supressão da escrita. A afasia mista apresenta características de vários dos quadros descritos, sem se restringir a nenhum deles. No entanto, a afasia global é caracterizada por comprometimento severo da emissão e da compreensão oral e gráfica, uma evolução da afasia motora mista, e, por isso, classificada como a mais grave.

Segundo Ortiz (2005, p.49), “a classificação clínica tradicional das afasias baseia-se nos desempenhos do paciente em uma série de variáveis fundamentais, sendo elas: linguagem espontânea, compreensão, repetição e nomeação”.



De acordo com a visão puramente localizacionista, o espectro clássico da tipologia clínico-topográfica das afasias envolve alterações de linguagem subdivididas pela dicotomia da não-fluência/fluência; expressão/compreensão; motora/sensorial; anteriores/posteriores, levando-se em conta, para essas divisões, o critério de localização da lesão. Segundo este modelo clássico de classificação das afasias, pode-se, ainda, observar a subdivisão das diferentes afasias por meio da representação dos sintomas de linguagem, tendo por ordem de prioridade os seguintes aspectos: 1) fluência; 2) repetição; 3) compreensão (DRUMMOND, 2006).

Para Mansur e Machado (2004), a classificação anatomoclínica não dá conta dos quadros afásicos, o que se deve a fatores individuais (idade, dominância manual), sociais (bilingüismo, escolaridade) e outros relacionados à lesão, como também, o tempo decorrido e a evolução do quadro.

Na literatura estudada, existem vários tipos diferentes de afasias, descritos com base no local exato da lesão encefálica, embora haja concordância sobre a existência de dois tipos principais: a afasia de expressão e a afasia de recepção, também chamadas, respectivamente, de Afasia de Broca e Afasia de Wernicke, decorrentes de lesão nessas áreas do hemisfério encefálico dominante.

A área de Broca é essencial na forma articulatória das palavras, sendo a principal responsável pela transmissão da mensagem verbal, através do sistema motor e articulatório, promovendo a seqüência dos fonemas em palavras e a seqüência das palavras em frases com estrutura sintática (ORTIZ, 2005).

A afasia de Broca é a mais encontrada, caracterizando-se por grande dificuldade em falar. A compreensão da linguagem, no entanto, encontra-se preservada. Essa síndrome é também dita como afasia não fluente, de expressão ou motora, com a expressão oral comprometida em diferentes graus. Os pacientes conseguem executar normalmente a leitura silenciosa, mas a escrita está comprometida. Nesses pacientes, a característica principal é a consciência do seu déficit, sendo preservada a capacidade de reconhecer os erros que ocorrem durante sua própria expressão, procurando corrigi-los, mas fazendo-o de maneira inadequada, provocando reações emocionais que os deixam deprimidos com facilidade (frustração), acentuando o distúrbio (COUDRY, 2001).

Segundo Rapp (2003), a afasia de Broca era denominada como afemia, referindo-se à dificuldade de articular as palavras. Nesta patologia, o vocabulário do afásico ficaria reduzido a um pequeno número de sons articulados, a pequenas

séries de sílabas, que seriam sempre as mesmas e arranjadas da mesma forma.

Para essa autora, a primeira classificação das afasias deve ser atribuída a Broca, em 1869, que, inclusive, já descreve e classifica o que veio a ser conhecido por afasia de Wernicke. São quatro as formas por ele descritas: *alogia*, vista como um distúrbio da linguagem decorrente de uma redução global na inteligência; *amnésia verbal*, que envolve os casos em que os pacientes apresentam problemas de compreensão e fala distorcida, quando ocorre um esquecimento do significado das palavras emitidas; *afemia*, atual afasia de Broca, apresentando como principal característica a dificuldade do paciente articular as palavras e; *alalia mecânica*, distúrbio da fala devido a problemas de coordenação dos órgãos fonoarticulatórios.

Inicialmente, Wernicke (1874) observou que não existia apenas o centro de linguagem proposto por Broca, e propôs dois tipos principais de afasia: a afasia motora, e a afasia sensorial, mas incluiu ainda um terceiro tipo, o da afasia de condução. Com isso, Wernicke (1885/1886) propôs sete tipos de afasias, dividindo-as em: três tipos de afasias sensoriais, três tipos de afasias motoras e um tipo de afasia de condução. Posteriormente, ele fez uma segunda divisão, indicando o nível da localização da lesão nas vias de condução dos sistemas de associação. Dessa forma, confirmou a existência das afasias corticais, subcorticais e transcorticais, deixando a afasia de condução ocupar um lugar ímpar em sua proposta (RAPP, 2003).

Segundo Ortiz (2005), a área de Wernicke atua na decodificação do material lingüístico para a compreensão do significado e na codificação do conceito em palavras, etapa necessária para a expressão oral, sendo um processador da forma das palavras, independentemente de sua representação sensorial, podendo ser auditiva, visual ou tátil, coordenando a interação recíproca entre elas e o significado semântico.

Em geral, a afasia de Wernicke caracteriza-se por não apresentar fraqueza associada, e os pacientes com essa síndrome não se dão conta de seu déficit, tornando a recuperação mais difícil. A compreensão encontra-se mais comprometida que a expressão, e a leitura e a escrita tornam-se bastante conturbadas, embora não haja dificuldade na articulação das palavras. Poderá haver um predomínio de dificuldade na área semântica, quando o indivíduo consegue emitir perfeitamente as palavras, mas é incapaz de compreender o que lhe é solicitado, ou na área fonêmica, quando, ao invés de articular uma palavra, o sujeito

a substitui por outra com significados distintos, não percebendo a troca (RAPP, 2003).

Segundo Morato (2002), as afasias podem variar desde o tipo que impede qualquer possibilidade expressiva ou interpretativa até aquele em que as dificuldades de linguagem são praticamente imperceptíveis. Essa variação tem várias razões, não estando apenas na dependência de uma causa, e sim de fatores diversos como a gravidade do comprometimento neurológico, a capacidade de regeneração ou a plasticidade cerebral.

Não há tratamento farmacológico ou cirúrgico para esse distúrbio de linguagem, embora possam ser administrados medicamentos que irão ajudar a estimular a dinâmica cerebral. Mesmo com bons e adequados acompanhamentos terapêuticos, segundo Morato (2002), o afásico, em geral, não chega a recuperar totalmente sua linguagem, ou seja, retomar integralmente o padrão anterior à lesão cerebral.

### **1.2.3. A linguagem do afásico**

Partindo do pressuposto de que a linguagem, como uma estrutura complexa, vai além do simples ato verbal, e como um processo ativo, envolve uma partilha constante entre interlocutores, não se rematando pela supressão do falar, a afasia é apontada, entre as deficiências lingüísticas, como um distúrbio da linguagem em seu funcionamento.

A linguagem do afásico é caracterizada por mais de uma desorganização em componentes lingüísticos, podendo o afásico desorganizar a habilidade de arquivar, acessar, monitorar e expressar nomes, idéias, eventos, com prejuízo na relação significado e significante.

Ocorrem, ainda, distúrbios amnésicos, desorganização na capacidade de gerar ou apreender as regras gramaticais da língua, de reter informações no cérebro, na capacidade de colocar a linguagem em códigos (codificar) ou a capacidade de compreender os códigos da língua (decodificar), sendo esses os distúrbios da expressão e da compreensão da linguagem (COUDRY, 2001).

A linguagem fica, então, reduzida e simplificada, ou desviada semântica, fonêmica e morfológicamente da linguagem normal, havendo um desvio fonético ou

parafrasia fonética (distorção na produção dos fonemas), um desvio fonêmico (inadequação na seleção do fonema ou na combinação dos fonemas na cadeia da fala), estereotípias (repetições perseverativas e involuntárias de um determinado comportamento), agramatismo (alteração na estrutura sintática, caracterizada pela omissão de elementos gramaticais), parafasia semântica (troca de um vocabulário por outro), neologismos (seqüências fonêmicas ou grafêmicas semelhante a palavras, mas que não existem na língua), supressão (ausência total de uma emissão oral ou gráfica). Assim, o afásico exprime defeituosamente seu pensamento, e as palavras adequadas não são evocadas, selecionadas e/ou ordenadas de maneira normal (MORATO, 2002).

Coudry (2001) afirma que é indispensável considerar as estereotípias particulares, os gestos complementares, o olhar e a orientação do olhar que os afásicos apresentam como recursos expressivos em situações dialógicas com outro sujeito, afásico ou não, pois, cada um desses recursos possui um valor próprio em cada situação, sendo importante conhecê-los com exatidão para interpretar e incorporar seus aspectos significativos.

Ainda segundo essa autora, além das condições dialógicas e das expressões produzidas nessas situações, tem-se que conhecer e interpretar o silêncio e as hesitações dos sujeitos afásicos, pois, essas pausas e hesitações diferem de sujeito para sujeito, sendo sempre um índice importante para ser identificado e compreendido.

Segundo Aguiar e Gomes (2005), cada sujeito afásico apresenta características individuais próprias de se expressar, independentemente dos sintomas da patologia, o que atribuiu à maneira que cada afásico procura disfarçar e mascarar tais sintomas, reorganizando a forma com que vinham lidando ou utilizando os símbolos lingüísticos. Os recursos não-verbais ou paralingüísticos e os supra-segmentais são de extrema importância para esses indivíduos, pois através deles os afásicos conseguem dar um melhor sentido ao seu discurso.

Com relação ao ponto de vista lingüístico (língua oral e escrita) do afásico, Morato (2006, p.155) comenta:

Pode acontecer de faltar-lhes as palavras de maneira importante, o que resulta muitas vezes em substituições ou trocas inesperadas e incompreensíveis de palavras inteiras ou de parte delas; longas pausas, hesitações, muitas vezes seguidas de desalentado

abandono do turno da fala ou do tópico conversacional, bem como a perda do “fio da meada”; de apresentar uma fala muito laboriosa ou com aspecto “telegráfico”; de apresentar dificuldade para objetivar ou “controlar” os sentidos e a forma de expressá-los, tendo em vista os contextos e as regras (pragmáticas, socioculturais) que presidem a utilização da linguagem; de infringir ao confabular (produz falsas informações ou falsas memórias), ao produzir circunlóquios e ao apresentar uma fala jargonafásica (fala permeada de parafrásias, de modo a parecer ininteligível).

Como conseqüência, há um deslocamento do sujeito afásico da posição de falante eficaz, manifestada através de um intradiscurso, em que a dispersão dos sentidos não encontra unidade, e quando encontra, trata-se de uma unidade com a heterogeneidade dominada por um discurso desorganizado (MORATO, 2002).

Não é difícil imaginar o impacto da afasia sobre a vida das pessoas que com ela passam a conviver, como o próprio sujeito afásico, seus familiares, amigos e todo corpo social, pois, a afasia afeta sobremaneira a linguagem (oral e escrita), e, em decorrência, todos os processos afeitos a ela (MORATO, 2002).

#### **1.2.3.1. Produção oral do afásico**

Com relação à produção oral do afásico, Morato (2002) afirma que, geralmente, os afásicos, hesitam muito para falar, mostrando alta instabilidade no uso das palavras, trocando-as de forma inesperada umas pelas outras, e, em alguns momentos, pronunciando-as como algo incompreensível, apresentando, também, dificuldades de encontrar e, conseqüentemente, expressar aquelas que gostariam de enunciar. Os afásicos não são gagos ou sofrem de deficiências físicas que os impeçam de articular, contudo, podem falar de maneira telegráfica, pronunciando de forma laboriosa os sons da fala, repetindo partes das palavras, distorcendo-as ou eliminando-as.

Segundo Aguiar e Marinho (2005), apesar das dificuldades em expressar o que desejam, em geral, os sujeitos afásicos fazem uso dos mesmos tipos de estratégias utilizadas em suas produções orais, sem apresentar nenhuma anormalidade em seu discurso. Dessa forma, esses sujeitos mantêm um mesmo padrão de discurso devido às características da doença. Aguiar e Gomes (2005) reforçam afirmando que os sujeitos afásicos mantêm um mesmo padrão dentro do seu discurso, tendo em vista que as características da doença coincidem entre si.

Para Morato (2002) os enunciados dos afásicos às vezes parecem desconexos, fazendo com que esses sujeitos sintam-se à deriva porque não conseguem estabelecer relações de sentido entre as palavras ou entre as palavras e as coisas do mundo a que se referem, dificultando não apenas os processos expressivos da linguagem, como também os interpretativos.

Aguiar e Gomes (2005; 2007a; 2007b; 2008) evidenciam a hesitação e os recursos prosódicos, presentes no discurso oral do sujeito afásico, como condições favoráveis encontradas pelo afásico para serem utilizadas nos momentos em que esse sujeito encontra-se esquecido, ansioso, frustrado, nervoso, tenso, etc.. Essas condições são consideradas pelas autoras como estratégias utilizadas pelo sujeito afásico nos momentos de descontinuidade do funcionamento da sua fala, para superar as dificuldades advindas de sua condição, particularmente nos momentos em que se encontram presentes algumas das características mais marcantes da patologia que são a anomia, os distúrbios amnésicos e a fala distorcida.

Em decorrência desses achados, Aguiar e Gomes (2005; 2007a) consideram a hesitação, o tipo de marcador paralingüístico mais predominante no discurso oral dos sujeitos afásicos, constituindo-se em um fenômeno discursivo sistemático, embora ocorra na fala desses indivíduos em diferentes situações do discurso de forma assistemática, mesmo estando presente durante toda a fala, revelando estratégias adotadas para resolver os problemas encontrados no funcionamento de sua linguagem.

Considerando as características da patologia, as autoras afirmam que os fenômenos prosódicos de pausas e alongamentos vocálicos são os tipos mais freqüentes de hesitação no discurso dos afásicos, ocorrendo nos momentos em que o sujeito apresenta dificuldade de planejamento cognitivo e nas circunstâncias onde reorganiza seus pensamentos e suas idéias antes de expressá-los.

Além da hesitação, Aguiar e Gomes (2007b; 2008) destacam os parâmetros prosódicos utilizados na construção de sentido no discurso oral do afásico, em momentos de trocas interativas, os quais aparecem em diferentes situações, na forma ascendente, mais fortemente destacada nos momentos em que o falante não permite a interferência do ouvinte, pressupondo um conhecimento prévio e um compartilhamento de assuntos e idéias. Esse mesmo padrão aparece em momentos em que o afásico encontra-se diante de alterações psíquicas e

cognitivas, acarretando uma dificuldade na organização de sua linguagem, o que corrobora os achados na literatura sobre os padrões entoacionais, em que a escolha do padrão ascendente reflete a intencionalidade do sujeito afásico em tentar manter o seu discurso oral, visando ser melhor entendido pelo outro.

Aguiar e Gomes (2008) observam que, nesse diálogo, existe a predominância do padrão entoacional neutro, surgindo, principalmente, em momentos onde nenhuma informação foi adicionada ou compartilhada no diálogo entre o sujeito afásico e os sujeitos não afásicos, e em momentos em que o afásico mostrou instabilidade no uso das palavras, repetindo-as, hesitando, alongando, etc.

### **1.2.3.2. Produção escrita do afásico**

Vale ressaltar que, na descrição feita neste trabalho sobre a classificação e concepções das afasias, surge, em cada quadro afásico, uma ou outra característica da linguagem escrita, sempre descrita pelo seu déficit, havendo alteração da linguagem escrita nos seguintes casos: *na afasia de Broca*, a escrita está comprometida, porém a compreensão da leitura é melhor (COUDRY, 2001); *na afasia de Wernicke* a compreensão encontra-se mais comprometida que a expressão, e a leitura e a escrita tornam-se bastante conturbadas (RAPP, 2003); *a afasia transcortical sensorial e a afasia amnésica* são caracterizadas por alterações semânticas, onde há anomias, a leitura geralmente encontra-se preservada, podendo aparecer na escrita as mesmas falhas da fala (OLIVEIRA, 2005); *na afasia transcortical motora*, a linguagem escrita encontra-se reduzida; *na afasia transcortical mista*, há supressão da escrita.

Apesar de surgir no conceito e nas classificações de afasia afirmações sobre a existência de alterações da linguagem escrita no afásico, ainda são poucos os dados disponíveis na literatura a respeito da relação entre oralidade e escrita nas afasias. Em razão disso, este sub-capítulo irá apoiar-se nos trabalhos de Santana (2002) e Macedo (2005), que fazem uma reflexão sobre a escrita no âmbito da Afasiologia.

Macedo (2005) ressalta que, desde o início dos estudos afasiológicos, a escrita tem sido vista como uma linguagem completamente à parte da oralidade, podendo ser observada na literatura neuropsicológica em que se encontram várias

terminologias e descrições do problema de leitura e escrita como:

- *Alexia literal* (a percepção de grafemas está preservada, no entanto, a diferenciação visual de seus signos está interrompida);
- *Alexia verbal ou alexia sem agrafia* (os sujeitos podem reconhecer letras isoladamente, mas, não conseguem compreender as palavras);
- *Alexia agnósica* (as letras (alexia literal) e as palavras (alexia verbal) não são identificadas como símbolos gráficos, por isso o sujeito é capaz de escrever sem conseguir ler o que está escrito);
- *Alexia para sentenças* (a habilidade para ler as palavras está preservada, assim como a habilidade para ler números);
- *Dislexia de superfície* (há preservação da capacidade de leitura de neologismos e palavras regulares, porém, há falhas nas palavras irregulares);
- *Dislexia fonológica* (apresenta boa leitura para palavras ditas reais, mas haveria uma dificuldade importante na leitura de não-palavras);
- *Dislexia de leitura letra-por-letra* (extrema lentidão na leitura pelo efeito de extensão da palavra. O sujeito parece só reconhecer uma palavra após o reconhecimento individual de cada letra).

Segundo Santana (2002), através dos primeiros estudos afasiológicos realizados por Paul Broca, em 1861, e dos estudos de Exner, em 1881, sobre a localização da função da escrita no cérebro, vigorava a idéia de afasia atribuída à agrafia (perda de memória que permite representar as palavras na escrita), pois, nessa época, a concepção de escrita era do tipo representacional, ou seja, a escrita representava a fala, que, por sua vez representava o pensamento ou outros conteúdos cognitivos. Assim, a escrita não era vista como uma modalidade de uso da linguagem, e sim como a representação da linguagem oral. No entanto, pode-se afirmar que, ainda nos dias de hoje, prevalece a concepção que se tem da escrita como uma representação da oralidade.

Santana (1999), em sua dissertação de mestrado, constatou que existe alteração da linguagem escrita em quase todos os tipos de afasias, induzindo os autores a falarem não apenas em dissociação, mas também em “paralelismo” (o que, no fundo, significa manter a dicotomia oral-escrita). O fato é que um sintoma, ou conjunto de sintomas, pode até permitir eventualmente uma classificação do tipo de distúrbio apresentado pelo sujeito, porém, não revela os processos envolvidos na



construção da escrita, nem leva em conta a relação do sujeito com a linguagem, como também não fornece pistas para a reelaboração de dificuldades.

Através da produção escrita do afásico, esses sujeitos acabam deixando marcas do processo de criação do texto, ficando evidenciadas as marcas de reformulações, as palavras e enunciados nos quais os afásicos têm mais dificuldades, as auto-correções e inserções de letras e palavras, a percepção e a correção de erros, como também as tentativas ou a desistência de acertos (SANTANA, 2002).

Com relação às alterações da expressão escrita do afásico, Macedo (2005) afirma que se pode encontrar a mesma descrição das alterações da linguagem oral do afásico na linguagem escrita desse sujeito, como: *agrafia* (manifestação escrita das alterações afásicas na linguagem oral), *redução de linguagem e agramatismo, jargão, parafasias, dissintaxia e disortografia*.

Ao analisar o que os afásicos falam enquanto escrevem, Santana (1999) chegou à conclusão de que, em alguns momentos, o texto falado é o escrito e, em outros, o texto escrito não é o falado, ou seja, a “grande divisa” entre oralidade e escrita não se justifica na linguagem dos afásicos, pois o que existe é uma interdependência entre elas, tanto com relação aos aspectos lingüísticos quanto cognitivos. A escrita realizada pelos sujeitos afásicos, analisados pela autora em seu trabalho, funciona como um “*prompting*” para a fala, indicando a escrita como um elo intermediário, assim também como o gesto.

Macedo (2005) ressalta que, nas afasias, ocorrem tanto alterações de linguagem oral quanto de linguagem escrita, por estas serem modalidades relacionadas entre si. Analisar este evento constitui entender a ocorrência de mudanças tanto na relação entre a oralidade e a escrita, como na relação do próprio sujeito com a linguagem em geral. Dessa forma, a afasia acaba apontando as diferenças e semelhanças entre os modos de produção de uma linguagem e outra.

Para Santana (2002, p. 34), “a escrita funcionaria como recurso de orientação para a fala, assim, a linguagem oral se (re)construiria sobre a escrita na medida em que ao escrever os sons da fala os utilizaríamos como apoio da oralidade”.

A autora faz uma observação especial em relação aos sujeitos afásicos que utilizam mais a escrita do que a fala, afirmando que esses sujeitos geralmente comunicam-se pela escrita ou a utilizam para atingir a fala. Nesses casos, a escrita

é, muitas vezes, incompleta, abreviada, pois tão logo o interlocutor apreende o sentido do que o sujeito quer dizer, ou tão logo o sujeito forneça para si próprio um *prompting escrito*, ela é interrompida. Dessa forma, a escrita tem um caráter de “fala informal”, de mediação com a oralidade.

Considera, ainda, que a escrita é multifuncional para alguns sujeitos afásicos, ou seja, em um momento, o sujeito usa a escrita para falar, no outro, a usa no lugar da fala, em outros, ainda, toma a escrita em suas especificidades. Em alguns sujeitos, a escrita apresenta-se mais ampla que a fala; em outros, a fala é mais ampla que a escrita, evidenciando que não existe uma sobreposição de “problemas” de linguagem. Há, sim, afásicos que, pelas diferenças de produção da oralidade e da escrita, saem-se melhor numa modalidade que em outra.

É importante ressaltar que este trabalho apóia-se num referencial teórico de base sociointeracionista, sustentado por uma abordagem enunciativo-discursiva ao tratar da afasia. Para Santana (2002), essa abordagem considera que a escrita, enquanto práxis discursiva, só é possível por um exercício de subjetividade, de trabalho lingüístico, de heterogeneidade, de possibilidade de conhecimento, o que significa tentar entender os procedimentos pelos quais o sujeito afásico vai apropriando-se dos recursos que o possibilitam assumir seu papel de “sujeito da escrita”, sujeito que, mesmo com dificuldades, é um leitor e escritor.

Considerar a escrita como um processo discursivo é incorporar, nas análises, as relações entre fala e a escrita, a inserção sociocultural dos sujeitos, a intertextualidade, a memória discursiva, os conhecimentos partilhados, os efeitos de sentido que se dão durante o processo da escrita e o impacto da afasia na vida de cada um. Porém, esse impacto vai depender de como estão representadas a escrita e a leitura em suas vidas.

Adotar a escrita enquanto prática social é também tomar o diálogo como natureza própria da linguagem, quer seja oral ou escrito, pois a escrita também é considerada um diálogo entre o escritor e o leitor, já que, ao escrever, temos em mente um interlocutor para quem a mensagem será destinada. Esse interlocutor tem um papel fundamental no discurso escrito, assim como no oral. Segundo Pêcheux (1969/1990 *apud* SANTANA, 2002, p.61), “o discurso escrito, como o oral, é um efeito de sentido entre interlocutores, o sentido não é dado pelo texto, mas pelo leitor”.

Para Santana (2002), ao falar do sujeito afásico, deve-se considerar tanto

o lugar social por ele ocupado quanto seu enunciado, escrito ou oral, o qual é determinado por certas condições de produção, pois, o discurso muda dependendo das condições e da posição ocupada por aquele que fala.

Por suas dificuldades com a escrita e a leitura, o afásico acaba assumindo um papel de “incapaz”, afirmando em seu discurso que “*não sabe mais ler e escrever*” como se ele perdesse a capacidade dos letrados e lhe restasse apenas a aceitação dessa nova condição (SANTANA, 2002).

De acordo com essa autora, o impacto da afasia na vida dos afásicos estabelece novas relações do sujeito com sua linguagem, pois de um sujeito que era “eficiente” na fala e na escrita, passa a ser um sujeito com “deficiência” em sua linguagem. Esse conflito entre o que o sujeito “era” e o que ele “passa a ser” está diretamente relacionado às concepções de linguagem vinculadas, em nossa sociedade, como também, a determinados conceitos pré-construídos, que produzem certos efeitos psicoafetivos e ideológicos.

Dessa forma, para que um sujeito que se torna afásico não seja estimado como “deficiente” e sim como um sujeito que apresenta “deficiência em sua linguagem”, é importante fundamentar-se em uma abordagem enunciativo-discursiva da linguagem, que apresenta uma concepção de linguagem enquanto prática discursiva e social, considerando todos os processos discursivos envolvidos em sua interação, permitindo ser estudada em seu modo de funcionamento como prática social.

Com base nesta fundamentação teórica, e com tudo o que foi apresentado até o momento, será possível realizar uma melhor observação da relação entre fala e escrita nas práticas discursivas dos sujeitos afásicos, enfatizando as “possíveis” marcas de oralidade presentes ou não na escrita desses sujeitos.

## **2. METODOLOGIA E QUESTÕES ACERCA DA ANÁLISE DE DADOS**

### **2.1. Descrição da pesquisa**

Os dados para a análise das produções escritas dos sujeitos desta pesquisa foram coletados em situações interativas, através de atividades em que foram trabalhados diferentes gêneros textuais, durante vinte e dois encontros realizados no Grupo de Convivência para Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

O Grupo de Convivência para Afásicos existe na Unicap há, aproximadamente, três anos, com o objetivo de proporcionar aos seus participantes momentos de socialização, através do desenvolvimento de diferentes atividades relacionadas às práticas sociais dos integrantes do Grupo, estimulando o contato com diferentes gêneros textuais, de forma a desenvolver a prática da leitura e da elaboração de textos escritos pelos próprios afásicos, como também estimular todas as possíveis formas de comunicação espontânea, por meio da interação social do afásico com outros afásicos e não afásicos.

Dentre essas atividades desenvolvidas no Grupo, foi realizada uma Oficina de Fala e Escrita com vistas a proporcionar produções de textos escritos, espontâneos e/ou induzidos, desenvolvidos pelos participantes afásicos, em diferentes gêneros textuais. A prática dessa Oficina propiciou uma coleta de dados efetiva e satisfatória para análise e desenvolvimento deste trabalho.

A Oficina transcorreu em vinte e dois encontros semanais, com duração de duas horas, considerando sempre as práticas lingüísticas do afásico, cuja dificuldade maior acontece quando colocado frente às atividades artificiais e fora de contexto.

Foram responsáveis pelo Grupo de Convivência para Afásicos, durante o período em que foi desenvolvida a pesquisa, duas professoras da Universidade Católica de Pernambuco, ambas do corpo docente do Mestrado em Ciências da Linguagem, sendo uma doutora em Psicologia e outra doutora em Letras e Lingüística, juntamente com uma aluna da Pós-Graduação do Programa de Mestrado, sendo esta Fonoaudióloga, especialista em Gerontologia, responsável por esta pesquisa e pelo desenvolvimento das atividades da Oficina de Fala e Escrita no Grupo.

As responsáveis pelo Grupo de Convivência coordenaram os trabalhos da Oficina, propondo temas para debates, levando aos encontros diferentes propostas de atividades com leitura e escrita, como as apresentadas no Quadro 1, bem como a relação dos materiais utilizados e as indicações de como foram realizadas as atividades para a produção de diferentes gêneros textuais.

Participaram do Grupo de Convivência para Afásicos e dos seus encontros semanais, durante o período da coleta dos dados, pessoas afásicas e não-afásicas (líderes do Grupo de Convivência, alguns familiares ou acompanhantes, presentes aos encontros).

Os familiares e acompanhantes são conscientes de que aquele espaço pertence ao afásico, devendo deixá-los sempre livres para se expressar. Essa foi uma das recomendações dadas pelas organizadoras do Grupo, sabendo que, muitas vezes, as pessoas que convivem com o afásico não têm paciência em escutá-lo e acabam falando por ele, o que o faz silenciar.

Os participantes não-afásicos atuaram nos encontros fazendo perguntas e propondo atividades lingüísticas relacionadas à leitura e à escrita, embora, na maior parte do tempo, tenham se dirigido aos afásicos como forma de estimulá-los a uma maior inserção na conversação, promovendo uma interação pela linguagem entre todos os participantes.

Os sujeitos afásicos, de ambos os gêneros e de qualquer faixa etária, participantes do Grupo de Convivência, freqüentam as Clínicas-Escolas da Universidade Católica de Pernambuco, apresentando variados graus de escolaridade, níveis sócio-econômico-culturais e seqüela afásica (alguns apresentam um maior grau de acometimento, enquanto outros apresentam um tipo de afasia mais leve). A riqueza do Grupo está, justamente, na diversidade e heterogeneidade de seus participantes. Dessa maneira, há sempre uma partilha de conhecimentos e habilidades entre os sujeitos.

Considerando as limitações, as características clínicas do indivíduo com afasia e a dificuldade de organizar sua linguagem oral e escrita, o Grupo de Convivência busca verificar de que forma o acometimento da doença está relacionado a mudanças na produção oral e escrita do afásico, proporcionando e atuando na identificação e no uso de estratégias que visem a contribuir para o restabelecimento de sua linguagem, como forma de superação dessas dificuldades,

além de resgatar a convivência em sociedade, visando ajudar esse sujeito em seu processo interativo, promovendo, como consequência, a sua re-inserção social.

Quadro 1- Apresentação do material e das atividades para a coleta de dados

<b>Material utilizado</b>	<b>Atividades realizadas durante o período de coleta de dados para produção de gêneros textuais</b>
Documentário sobre a origem e a história do carnaval pernambucano (DVD)	Debate sobre o documentário.
Jogos de mesa populares (dominó, cartas, dama e xadrez)	Jogar um dos jogos escolhido pelo grupo; debater como se deve jogar; discutir sobre quem gosta mais de qual jogo; definir qual é o mais fácil ou mais difícil entre os jogos de mesa populares e qual dos jogos é mais comum entre os participantes do Grupo.
Revistas e jornais	Relacionar imagens de reportagens aos textos das reportagens; discutir as principais reportagens destacadas nos jornais e revistas; debater sobre as reportagens atuais.
CD com Músicas populares brasileira	Cantar junto com o grupo; acompanhar a música tentando ler a letra da música cantada; reconhecer o cantor ou cantora da música.
Fotografias de personalidades famosas	Descrever e opinar sobre cada personalidade apresentada; adivinhar que personalidade está sendo descrita; concordar ou discordar com a opinião do colega sobre a personalidade que foi comentada.
DVD: Mr. Bean	Assistir a três cenas diferentes; adivinhar os finais das cenas descrevendo por escrito; debater sobre o filme.
Livro de fotografias de paisagens do Estado de Pernambuco e cartões postais de pontos turísticos das cidades de Recife e Olinda	Debater sobre os pontos turísticos mais bonitos, mais freqüentados e mais importantes para representar o Estado de Pernambuco; relatar as recordações dos lugares conhecidos pelos participantes; reproduzir por escrito, no verso dos cartões postais, relatos de lembranças vivenciadas em cada ponto turístico apresentado.
Jogo de imagem e ação	Escrever e/ou desenhar as ações sorteadas para serem adivinhadas durante o jogo.
DVD: Fernão Capelo Gaivota	Debater sobre a opinião dos participantes em relação ao que foi exposto no filme e a linguagem que é utilizada; descrever por escrito o filme e o que ele tenta representar.
Imagens impressas de cenas de filmes antigos e atuais	Discutir sobre filmes antigos e atuais; descrever os gêneros dos filmes e apontar suas preferências; sugerir filmes para próximos encontros e justificá-los.
DVD: O Ditador, de Charles Chaplin	Debater sobre o filme; relatar por escrito a parte que mais gostou do filme; apresentar críticas sobre o filme e elaborar sua própria crítica.
Fotografias pessoais	Relatar, através da escrita, passagens de sua vida ou lembranças relacionadas às fotos apresentadas por cada participante.
CD com músicas populares relacionadas ao São João Nordestino	Selecionar músicas que gostariam de escutar na Festa de São João; eleger uma música a ser ensaiada, previamente, e cantada por todos no dia da festa.
Pinturas famosas impressionistas	Oficina de Arte: trabalhar o reconhecimento do pintor da obra e a época em que foi pintada; descrever o que é percebido e interpretar de maneira pessoal a pintura analisada;
Convites e cartões comemorativos	Elaborar o convite de Confraternização dos Aniversariantes do Semestre, com os nomes de todos aqueles que fizeram aniversário de Janeiro a Junho; elaborar o convite da Festa de São João, com figuras e palavras relacionadas ao tema; elaborar os cartões dos aniversariantes com mensagens pessoais.

Poemas e poesias populares	Leitura e escrita de poemas e poesias populares relacionadas ao Dia dos Namorados; debater sobre a crença das simpatias realizadas no Dia de Santo Antônio (11/06); discutir porque ele é conhecido como o Santo mais popular do Brasil.
Receitas de culinária	Elaborar uma lista de comidas típicas do São João; escolher uma comida a ser apresentada para o Grupo; escrever e apresentar (lendo) a receita escolhida.
Agendas e diários	Sugestão para relatar e descrever os acontecimentos e atividades realizadas no período de férias do Grupo de Convivência.

### **2.1.1. Os encontros do Grupo de Convivência para Afásicos**

Normalmente, os encontros do Grupo foram subdivididos em três partes. No primeiro momento, logo que chegam, os sujeitos relatam fatos ocorridos durante a semana, sejam notícias de jornal e televisão ou acontecimentos ocorridos com eles próprios, a serem compartilhados com o Grupo. Em seguida, são realizadas atividades voltadas para a produção escrita, trabalhadas sempre fazendo sentido para o afásico, afastando-se da abordagem terapêutica mais utilizada na clínica, aquela com caráter estritamente escolar. E, para encerrar, sugere-se uma atividade “descontraída”, na qual são propostos jogos de mímica, adivinhações, dominó, música, entre outros.

É importante destacar que, uma vez por mês, acontece também um encontro com os familiares dos afásicos, lugar onde esses indivíduos podem expressar melhor suas queixas, dúvidas e demais sentimentos.

### **2.1.2. A coleta dos dados**

A metodologia para a coleta dos dados é de natureza descritiva, de caráter qualitativo, o que permite observar a evolução no resgate da linguagem do sujeito afásico, embora não tenha sido esta a preocupação central do trabalho. Para a coleta, levaram-se em consideração os usos e sentidos relacionados às práticas discursivas cotidianas dos afásicos. As produções escritas realizadas durante os encontros do Grupo de Convivência pelos participantes afásicos, sujeitos desta pesquisa, em folhas de papel em branco, expostas sobre a mesa principal da sala onde eram realizados os encontros, bem como aquelas produzidas individualmente por cada sujeito desta pesquisa, com intenções comunicativas, foram registradas, datadas e anexadas aos dados lingüísticos e, posteriormente, digitalizadas, através

do scanner modelo HP Photosmart C3100, para apresentação.

Em alguns encontros, o quadro branco, disponível na sala onde eram realizados os encontros, foi utilizado pelos afásicos, como um instrumento de comunicação, na elaboração de produções escritas ou desenhadas, sendo registrado todo esse material por fotografias em máquina digital modelo Olympus Stylus 1010.

Seguindo a perspectiva adotada neste trabalho, a coleta de dados afastou-se das práticas lingüísticas tradicionais, que têm sua abordagem centrada em baterias de testes-padrão, priorizando apenas as atividades metalingüísticas. Um dos motivos para essa escolha metodológica é a possibilidade de demonstrar, por meio da análise qualitativa dos dados, a relação existente entre as duas modalidades da língua, oralidade e escrita, ao buscar a reconstrução da linguagem em situações interativas contextualizadas.

Posteriormente à realização de todos os encontros e do registro de todo o material escrito produzido pelos sujeitos afásicos envolvidos nesta pesquisa, foram realizadas as análises de suas produções escritas, observando as “possíveis” marcas de uma oralidade, presentes ou não, na expressão oral desses sujeitos, levando em consideração a fundamentação teórica deste trabalho. Adotou-se o pressuposto de que a diferença entre fala e escrita ocorre dentro de um “*continuum tipológico*” das práticas sociais de produção textual, resultando em uma diversidade de gêneros textuais (Marcuschi, 2008), enfocando a relação fala - escrita como ponto fundamental para a reconstrução da linguagem de sujeitos afásicos.

Dos dez sujeitos, sugeridos previamente para este trabalho, somente seis apresentaram produções escritas que, relacionadas à sua oralidade, adequaram-se à análise desta pesquisa, assim como uma assiduidade favorável, estando presente nas principais atividades da Oficina de Fala e Escrita, relacionadas à produção escrita com gêneros textuais, e, no encontro em que foi apresentado e explicado o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pacientes com Afasia (em Anexo)*, permitindo, com isso, a sua inclusão neste trabalho. Abaixo, seguem as características desses sujeitos.



## **2. 2. Apresentação dos sujeitos**

Os dados apresentados a seguir referem-se às informações sociolingüísticas dos sujeitos afásicos (a cidade de origem, grau de escolaridade, profissão, religião idade e inserção social), à história do acometimento cerebral e relação das seqüelas presentes, bem como algumas de suas atividades diárias.

### **a) O Sujeito A1**

O sujeito A1 é do sexo masculino, com 53 (cinquenta e três) anos de idade, casado, pai de duas filhas, residente na cidade do Recife com suas filhas e esposa; concluiu o ensino médio, foi caminhoneiro, porém, desde que sofreu o segundo AVE em 2007, está aposentado. O primeiro AVE, em 2004, não deixou seqüelas significativas em sua vida, nem afetou sua linguagem. Católico, freqüenta a igreja regularmente nos fins de semana.

O sujeito A1 não apresenta dificuldades de ordem compreensiva, podendo ser classificado por uma afasia de predomínio expressivo, com dificuldades práxicas importantes, bastante dificuldade para falar, em grande parte, devido à produção alterada dos movimentos articulatorios e a “carência” que apresenta em seus órgãos e músculos do sistema fonoarticulatório.

É possível observar, que os órgãos e músculos envolvidos na emissão da fala de A1 estão bastante prejudicados, com a presença de poucos dentes. Por dificuldades financeiras e falta de informação, A1 não faz uso de prótese dentária há anos, resultando em uma notável hipotonia de lábios e bochechas, e em uma macroglossia severa (língua bastante alargada e bastante hipotônica).

Como a boca desempenha uma função primordial na articulação dos sons, conseqüentemente, na produção oral, e a emissão da fala depende diretamente da posição e da mobilidade da língua, presença e posição dos dentes, mobilidade dos lábios e bochechas, e, como todos esses fatores encontram-se alterados no sujeito A1, sua produção oral encontra-se bastante prejudicada, tanto por ser portador de uma afasia de expressão como por apresentar “limitações” em seus órgãos e músculos do sistema fonoarticulatório.

A fala do sujeito A1 é caracterizada por apresentar hesitações, pausas longas, em sua grande maioria, não-preenchidas, anomia, distúrbios amnésicos, fala distorcida, laboriosa, mostrando, em alguns momentos, instabilidade no uso das

palavras, em outros, pronunciando-as como algo incompreensível.

Apesar de toda sua dificuldade para falar e ser compreendido, A1 apresenta discurso coerente, com a compreensão preservada e favorável a respostas a perguntas diretas e indiretas, debate e discussão sobre assuntos de seu interesse, contar histórias, descrever pessoas e lugares conhecidos, como também relatar situações vivenciadas.

A1 é uma pessoa preocupada com sua recuperação, interessada em melhorar sua comunicação com os outros, tendo estado sempre envolvido com as atividades propostas na Oficina de Fala e Escrita, e com uma frequência regular aos encontros, estando presente em 11 (onze) deles.

### **b) O Sujeito A2**

O sujeito A2 é do sexo masculino, possui 50 (cinquenta) anos de idade, é casado, pai de uma filha, residindo com a esposa, na cidade do Recife. Católico, embora, não praticante. Não concluiu o ensino médio, trabalha como auxiliar de serviços gerais há mais de 15 (quinze) anos, na Universidade Federal de Pernambuco, atualmente assume o cargo de vigilante, embora lhe tenha sido sugerido um cargo como auxiliar de jardinagem, ao qual declinou, pois achou que seu supervisor o estava rebaixando de posição devido ao seu estado geral de saúde.

O sujeito A2 não apresenta dificuldades de ordem compreensiva, podendo ser descrito como portador de uma afasia de predomínio expressivo. Apresenta discurso claro e coerente, bom raciocínio lógico para responder perguntas direcionadas, debater e discutir sobre assuntos de seu interesse, descrever pessoas e lugares conhecidos, assim como relatar situações vivenciadas.

Contudo, a fala do sujeito A2 é caracterizada por apresentar hesitações, pausas, curtas e longas, preenchidas e não-preenchidas, alongamentos vocálicos, anomia, distúrbios amnésicos, fala distorcida, mostrando, em alguns momentos, instabilidade no uso das palavras, trocando-as de forma inesperada umas pelas outras, e, em alguns momentos, falando de maneira telegráfica, repetindo partes das palavras, distorcendo-as ou eliminando-as. A produção oral do sujeito A2 apresenta, ainda, estereotípias, repetições perseverativas e involuntárias, agramatismo, parafasia semântica, neologismos e, por vezes, supressão (ausência total de uma emissão oral ou gráfica).

Embora as características acima estejam presentes na fala de A2, não significa que todas ocorram ao mesmo tempo e com muita frequência, ao contrário, essas características surgem esporadicamente em sua fala, umas mais frequentes do que outras, algumas quase despercebidas, o que resulta em uma fala compreensível, razoavelmente “normal”. No entanto, o sujeito A2, por ter bastante autocrítica e ser perfeccionista, está sempre se queixando e relatando sua angústia de achar que os outros não o compreendem, afirmando que sua fala é deficiente e que seu maior desejo é voltar a falar “normal”, como antes do AVE.

Mesmo diante de tudo que já foi revelado sobre a produção oral de A2, sua fala parece ter sido menos afetada quando comparada às dos outros sujeitos envolvidos neste trabalho, sendo uma das falas mais bem compreendidas dentre as dos outros afásicos participantes deste trabalho.

Podemos concluir sobre A2, acrescentando que ele é uma pessoa preocupada com sua recuperação, muito interessada em melhorar sua comunicação com os outros, que procura sempre se informar sobre Acidentes Vasculares Encefálicos e suas seqüelas, particularmente sobre Afasia, e que, em decorrência, sempre que pôde, compareceu à Oficina de Fala e Escrita e aos encontros do Grupo de Convivência, contabilizando 07 (sete), sempre envolvido e participativo nas atividades propostas.

### **c) O Sujeito A3**

O sujeito A3 é do sexo masculino, com 63 (sessenta e três) anos de idade, está no segundo casamento há mais de 15 (quinze) anos, pai de seis filhos, três homens e três mulheres, fruto do seu primeiro casamento; confessa que desde que se casou pela segunda vez o relacionamento com seus filhos e sua ex-esposa é muito complicado, e que eles não têm conhecimento do seu estado de saúde atual, nem tomam conhecimento das dificuldades que ele teve que enfrentar após o seu AVE.

Atualmente, A3 reside na cidade do Recife com sua esposa, que além de ser sua companheira, diz ser sua melhor amiga, quem o acompanha por todos os lugares, ajudando-o em sua recuperação. A3 possui o ensino médio completo; foi caminhoneiro, dirigia por toda a cidade do Recife e região metropolitana, o que o levou a conhecer bem essa região, porém, desde que sofreu o AVE está aposentado. Católico, frequenta a igreja regularmente, todos os finais de semana e

dias santos, participando de todos os eventos e festas da igreja.

O sujeito A3 não apresenta alterações ou dificuldades de ordem compreensiva, sendo portador de uma afasia de predomínio expressivo, embora com uma produção oral favorável, apresentando pouca dificuldade para emissão de sua fala. Entretanto, ainda é possível observar algumas hesitações, pausas curtas não-preenchidas, alongamentos vocálicos, anomias, estereotípias e repetições, contudo, estes elementos lingüísticos estão presentes na fala de A3 da mesma forma que estão presentes na fala de uma pessoa não afásica, quase imperceptíveis. Por isso, o sujeito A3 apresenta discurso claro e coerente ao responder perguntas abertas ou fechadas, participar de debates e discussões sobre assuntos de seu interesse.

A3 nos confessa que gostava muito de ler a bíblia, porém, atualmente, não pratica mais este tipo de estudo com tanta frequência como gostaria, e nos relata que *“quase não sabe mais escrever ou ler”*, dada à dificuldade para realizar essas atividades depois do AVE, não se preocupando em deter-se na superação desse problema, dando mais importância a debelar suas dificuldades motoras. Contudo, atualmente, A3 está procurando reverter esta situação, mostrando-se interessado em se dedicar a atividades com leitura e escrita, visando a superar esta deficiência e voltar aos estudos da bíblia, a ler o jornal da missa e acompanhar as músicas da igreja, pela leitura.

O sujeito A3 não sabia que era hipertenso quando sofreu o AVE, em outubro de dois mil e cinco, quando passou mal após dirigir por horas o seu caminhão. Depois deste incidente, ele ficou, aproximadamente, três meses sem conseguir movimentar as pernas, tendo que utilizar cadeiras de rodas, ficando acamado a maior parte do seu tempo. Após este período, foi conseguindo recuperar os movimentos das pernas e a força nos braços, o que o deixou bastante determinado a se dedicar plenamente à sua recuperação. No período de recuperação, passou a realizar fisioterapia e fonoaudiologia.

Atualmente, A3 relata estar bem melhor do que jamais esteve, com apenas dificuldades motoras parciais do lado direito, hemiparesia direita, embora não consiga, ainda, movimentar muito bem as articulações do tornozelo, joelho e cotovelo direito, o que dá a impressão que ele anda *“puxando a perna e segurando o braço”*. No entanto, tem se esforçado muito, participado de todas as terapias, em fisioterapia e fonoaudiologia, e tem conseguido recuperar a força nos membros

direitos, conseguindo escrever cada vez mais, legivelmente, com a mão esquerda.

Observa-se que A3 é uma pessoa muito dedicada a sua recuperação, muito interessada em voltar a praticar suas atividades de leitura e escrita, como também, melhorar sua comunicação com os outros. A3 entrou para o Grupo de Convivência depois do início da Oficina de Fala e Escrita e após ter iniciado os encontros que fazem parte deste trabalho, daí ter comparecido apenas a 07 (sete) encontros no Grupo de Convivência, sempre envolvido e participativo com as atividades propostas.

#### **d) O Sujeito A4**

O sujeito A4 é do sexo masculino, com 45 (quarenta e cinco) anos de idade, divorciado, é pai de uma filha de vinte e um anos, reside na cidade do Recife com seus pais, é católico não praticante, freqüentou curso superior, mas não o concluiu (Física, na UNICAP). Antes de sofrer o Acidente Vascular Encefálico Isquêmico (AVCI), trabalhava como responsável técnico de uma empresa de desinsetização e desratização, atualmente está aposentado e recebe auxílio do INSS.

A4 sofreu um AVE em julho de dois mil e cinco, aos quarenta e um anos, e, de imediato, foi socorrido, após sentir uma forte dor no peito. De acordo com o laudo da ressonância magnética do encéfalo, conforme cópia entregue às responsáveis pelo Grupo de Convivência para Afásicos da UNICAP, há efeito de massa sobre o ventrículo lateral esquerdo e leve desvio das estruturas da linha média para a direita, apresentando, como seqüela neurológica, uma discreta hemiparesia direita e uma importante afasia mista, com predominância expressiva, bem como dificuldades práxicas importantes.

Em decorrência do seu AVE, A4 apresenta bastante dificuldade ao falar, porém, grande parte desta dificuldade está relacionada à produção alterada dos movimentos articulatórios, devido a uma disartria severa. Com isso, A4 não apresenta uma produção oral satisfatória, raramente consegue se expressar e se comunicar através da fala, muito limitada, já que, o máximo que A4 consegue é produzir algumas palavras.

Verificam-se, também, algumas dificuldades de ordem compreensiva. Em alguns momentos, A4 tem bom desempenho nas atividades realizadas na Oficina de Fala e Escrita, demonstrando que entendeu aquilo que foi dito, embora, em outras

situações, apresente visíveis dificuldades, não obtendo êxito em alguma atividade ou conversação, o que dificulta o processo interativo.

Segundo A4, ele não sente dificuldades em ler e compreender o que está lendo, por isso, mantém o hábito de ler jornais e revistas; demonstra também facilidade em navegar pela internet, realizar pesquisas, baixar músicas, jogos e filmes, ou seja, de utilizar o computador para se comunicar e se atualizar.

Para se comunicar, A4 utiliza, quase que exclusivamente, a modalidade escrita, expressões faciais e uso de gestos, ou seja, recorre a processos de produção não-verbais e paralingüísticos para se fazer entender melhor.

A escrita do sujeito A4 encontra-se fragmentada, mas, na maioria das vezes, realiza o acesso lexical e, assim, consegue veicular a intencionalidade para a produção de sentido.

A4 é uma pessoa muito interessada em melhorar sua comunicação com os outros, procura sempre se informar sobre Acidentes Vasculares Encefálicos e suas seqüelas, particularmente sobre Afasia. Muito comprometido com suas terapias, é participativo e colaborativo em todos os encontros e em todas as atividades da Oficina de Fala e Escrita, sendo o mais assíduo aos encontros do Grupo de Convivência, entre os outros sujeitos deste trabalho, comparecendo a 20 (vinte) encontros.

#### **e) O Sujeito A5**

O sujeito A5, é do sexo feminino, com 62 (sessenta e dois) anos de idade, divorciada, mãe de três filhos, dois homens e uma mulher, contudo, seu filho mais velho mora em Brasília. Reside na cidade do Recife com seu filho e sua filha; embora católica, não frequenta regularmente a igreja. Possui o ensino médio completo, trabalhou em uma Fábrica de biscoitos e bolachas, há mais de vinte anos, tendo, então, passado a cuidar dos filhos e da casa, até os dias de hoje.

O sujeito A5 sofreu um Acidente Vascular Encefálico em mil novecentos e noventa e dois, ou seja, há dezessete anos, ficando, como seqüela neurológica, uma hemiparesia direita e uma afasia mista com predominância expressiva, com dificuldades práxicas importantes, acometendo tanto a seqüência dos movimentos necessários à produção dos sons da fala como a realização de seqüências de movimentos não-verbais.

Em alguns momentos, A5 apresenta dificuldades de ordem compreensiva,

embora, às vezes, apresente um bom desempenho nas atividades, demonstrando que entendeu aquilo lhe foi dito, e, em outras situações, demore um pouco mais para entender.

A5 apresenta bastante dificuldade ao falar, porém, grande parte desta dificuldade está relacionada à produção alterada dos movimentos articulatórios, não apresentando uma produção oral satisfatória. Sua fala é caracterizada por apresentar muitas hesitações, longas pausas, geralmente não-preenchidas, alongamentos vocálicos, anomias, distúrbios amnésicos, fala distorcida, mostrando em alguns momentos instabilidade no uso das palavras, substituindo-as ou trocando-as de forma inesperada umas pelas outras, tornando às vezes incompreensíveis e, em alguns momentos, falando de maneira telegráfica, repetindo partes das palavras, distorcendo-as ou eliminando-as. A produção oral do sujeito A5 apresenta ainda: estereotípias, repetições perseverativas e involuntárias, agramatismo, parafasia semântica, neologismos e, por vezes, supressão (ausência total de uma emissão oral ou gráfica).

Para ajudar em sua comunicação, A5 utiliza, às vezes, a modalidade escrita, expressões faciais e uso de gestos ou mímicas, ou seja, recorre a processos de produção não-verbais e paralingüísticos para se fazer entender melhor.

Com relação às seqüelas motoras decorrentes do seu AVC, A5 apresenta hemiparesia direita moderada, ou seja, uma significativa dificuldade motora do lado direito, resultando em uma dificuldade para andar (anda mancando) e movimentar o braço e a mão direita. Entretanto, A5 têm se sobressaído nas atividades de escrita e pintura, conseguindo concluí-las com êxito.

Ressaltamos que A5 é bastante preocupada em melhorar sua comunicação com os outros, muito interessada e comprometida com o Grupo de Convivência, participativa e colaborativa nos encontros e nas atividades da Oficina de Fala e Escrita, sendo uma das mais freqüentes, tendo comparecido a 15 (quinze) encontros.

#### **f) O Sujeito A6**

O sujeito A6, é do sexo masculino, com 58 (cinquenta e oito) anos de idade, casado, pai de três filhos, sendo dois homens e uma mulher, reside na cidade do Recife com seus filhos e esposa. Possui o ensino superior completo, sendo formado em Licenciatura em Química, e tendo atuado como professor de ensino

médio durante mais de 20 anos em várias escolas particulares das cidades do Recife e Olinda. Porém, desde que sofreu o AVC, A6 está aposentado, ficando a maior parte do seu tempo sozinho em casa, já que todas as pessoas que moram com ele saem para trabalhar, estudar e realizar seus afazeres.

Muito boêmio, A6 costumava freqüentar clubes, festas, bailes e blocos de rua, como também, gosta de freqüentar bares e mercados populares. Contudo, atualmente, A6 raramente freqüenta esses lugares, declarando que sua atividade mais habitual é assistir a televisão.

O sujeito A6 sofreu um Acidente Vascular Encefálico, herdando como seqüela neurológica, pequena hemiparesia direita e uma afasia mista, com predominância na expressão, como também, dificuldade de ordem compreensiva, apresentando em alguns momentos bom desempenho nas atividades, demonstrando que entendeu aquilo lhe foi dito, embora, em outras situações, demore um pouco mais para entender, algumas vezes sem sucesso.

Sua fala é caracterizada por apresentar muitas hesitações, pausas longas e curtas, preenchidas ou não-preenchidas, alongamentos vocálicos, anomias, distúrbios amnésicos, fala distorcida e laboriosa, mostrando, em alguns momentos, instabilidade no uso das palavras, substituindo-as ou trocando-as de forma inesperada umas pelas outras, tornando-as, às vezes, incompreensíveis e, em alguns momentos, falando de maneira telegráfica, repetindo partes das palavras, distorcendo-as ou eliminando-as. A fala de A6 ainda é caracterizada por apresentar: estereotípias, muitas repetições, parafasia semântica, neologismos e, por vezes, supressão (ausência total de uma emissão oral ou gráfica).

Para melhorar sua comunicação com os outros e se fazer melhor entendido, A6 utiliza a modalidade escrita, como desenhos e elementos pictóricos, expressões faciais e uso de gestos ou mímicas, ou seja, recorre a processos não-verbais e paralingüísticos.

Sobre A6 podemos afirmar que ele é um dos mais comprometidos com o Grupo de Convivência, dentre todos os outros afásicos participantes deste trabalho, bastante incomodado com sua fala, daí procurar melhorar sua comunicação com os outros, participando dos encontros e das atividades da Oficina de Fala e Escrita, sendo bastante assíduo, tendo comparecido a 15 (quinze) encontros.



### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, serão apresentadas a descrição e a discussão dos resultados encontrados através da análise das produções escritas de seis afásicos, “possíveis” marcas de uma oralidade, presentes ou não, na expressão oral desses sujeitos. Para isso, partiu-se de um trabalho de produção de textos em 22 (vinte e dois) encontros do Grupo de Convivência para Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, nos quais foram desenvolvidas atividades relacionadas à Oficina de Fala e Escrita, cujas produções textuais comunicativas foram realizadas em situações interativas, através de diferentes gêneros textuais.

Inicialmente, serão apresentados os gêneros textuais produzidos por cada sujeito nas atividades realizadas durante a Oficina de Fala e Escrita e, posteriormente, as produções escritas daí resultantes.

**Tabela 1 – Distribuição dos gêneros textuais produzidos por afásico**

Sujeitos Afásicos participantes da Oficina de Fala e Escrita	GÊNEROS TEXTUAIS						
	1-Conversa Espontânea	2-Cartão Postal	3-Sugestão de gênero de filme	4-Narração sobre filme assistido	5-Lista de comidas típicas do São João	6-Lista de músicas típicas do São João	7-Convite de Festa Junina
A1		X				X	X
A2	X		X			X	
A3		X		X		X	X
A4	X	X		X	X	X	X
A5	X	X	X		X	X	X
A6	X	X	X	X	X	X	X

De acordo com a fundamentação teórica deste trabalho, os gêneros textuais podem ser considerados como “famílias” de textos, orais ou escritos, que compartilham características comuns. A escolha de um determinado gênero textual está relacionada à situação, definida por um conjunto de elementos, tais como o objetivo do locutor, a instituição social em que se processa a interação, o destinatário e os conteúdos a exprimir. Dessa forma, os sete gêneros trabalhados durante a Oficina de Fala e Escrita determinou os conteúdos possíveis, o tipo de estruturação, o tipo de relação entre os afásicos e não-afásicos e o uso de elementos lingüísticos presentes na escrita do afásico.

É importante lembrar que este trabalho apóia-se no princípio de que a diferença entre fala e escrita ocorre dentro de um “*continuum tipológico*” das práticas sociais de produção textual, resultando em uma diversidade de gêneros textuais (Marcuschi, 2008). Além disso, enfoca a relação fala-escrita como ponto fundamental para a reconstrução da linguagem de sujeitos afásicos, observando que a relação entre essas duas modalidades se dá dentro de um contínuo e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.

Seguem abaixo, as análises retiradas dessas produções escritas, por meio de um levantamento de dados nos quais foram observadas as “possíveis” marcas de uma oralidade (presentes ou não) na expressão oral desses sujeitos, através das ocorrências e das situações contextuais onde essas marcas de oralidade foram encontradas.

### **3.1. Análise da produção textual escrita de seis sujeitos afásicos**

A análise das produções textuais escritas por cada um dos seis sujeitos afásicos participantes da Oficina de Fala e Escrita teve como finalidade identificar em que circunstância os tipos e ocorrências de marcas de oralidade são preservados na produção escrita do afásico, a função que essas marcas de oralidade desempenham na descontinuidade presente na organização da produção escrita desse sujeito, como também verificar as estratégias lingüísticas utilizadas pelos afásicos para superar dificuldades advindas de sua condição.

#### **a) Análise da produção textual escrita do sujeito A1**

Como visto no capítulo anterior, sabe-se que o sujeito A1 é do sexo masculino e tem 53 (cinquenta e três) anos de idade. A1 concluiu o ensino médio e trabalhou como caminhoneiro durante anos, o que o levava à prática da leitura, dada à necessidade de busca de informações com relação, por exemplo, às notas fiscais de sua carga, endereços, placas, avisos e outdoors. Por outro lado, A1 também escrevia bastante, fazendo anotações e referências dos endereços de destino, rascunho da quantidade de material e o peso da carga que transportava, agenda telefônica, lista de compras, lembretes, cartas, etc. No entanto, desde 2007, ano em que sofreu o seu segundo AVE, está aposentado, e o costume de ler e escrever

também foi aposentado.

Apesar da dificuldade em se expressar oralmente, A1 conseguiu apresentar um discurso claro e coerente em momentos interacionais com seus colegas afásicos e não afásicos durante os 11 (onze) encontros do Grupo de Convivência para Afásicos em que esteve presente, como também conseguiu ser compreendido em debates e discussões sobre assuntos de seu interesse, ao relatar situações vivenciadas, contar histórias, descrever pessoas e lugares conhecidos, recorrendo apenas a alguns gestos ou expressões faciais para se fazer melhor entendido pelos colegas, ou seja, A1 não recorreu à produção escrita espontânea para auxiliá-lo em sua comunicação.

O sujeito A1 elaborou apenas as produções escritas sugeridas durante as atividades realizadas na Oficina de Fala e Escrita, como o cartão postal, a lista de músicas típicas do São João e o convite da festa de São João, as quais serão analisadas a seguir.

#### **- Cartão postal**

Esta atividade foi realizada durante dois encontros. No primeiro momento, no 12º encontro, foram apresentados cartões postais de pontos turísticos do estado de Pernambuco e um livro de imagens com fotos de pontos turísticos das cidades de Recife e Olinda, em seguida, foi estimulada uma conversa espontânea sobre as imagens expostas na mesa e vista por todos os presentes, através de perguntas diretas e indiretas sobre os lugares das imagens, como: *“Quem conhece este lugar?”*, *“Quem já visitou este lugar”*, *“Em que circunstância você foi a este lugar?”*, *“Como é este lugar?”*, *“Você gostou de ter ido?”*, *“Com quem você foi a este lugar?”*, *“Quais as lembranças que você tem deste lugar”*, *“Como foi sua experiência em conhecer este lugar?”*, etc.

Esta atividade foi realizada com êxito, pois, todos os afásicos presentes falaram um pouco sobre os lugares que conheciam, perguntaram aos colegas sobre alguns lugares, relataram espontaneamente sobre passeios e viagens que lhes traziam boas lembranças. Este momento foi exclusivamente para estimular a comunicação, por meio de qualquer modalidade lingüística, seja oral, escrita ou gestual, conquanto que fosse espontaneamente.

No segundo momento, no 13º encontro, foram lembrados os cartões postais e as imagens do livro, tendo sido solicitado que cada afásico repetisse os

comentários feitos por eles no encontro anterior, falando sobre os lugares que eles lembravam. Depois que alguns afásicos falaram, foram expostos novamente os cartões postais dos pontos turísticos do estado de Pernambuco e o livro de imagens com fotos das cidades de Recife e Olinda. Em seguida, foram distribuídas sobre a mesa principal folhas com o formato da parte posterior de um cartão postal, dividida em dois espaços: um com 29 nomes de pontos turísticos de Pernambuco, todos com imagens dentro do livro ou dos cartões postais expostos sobre a mesa, e outro com linhas em branco, o lugar do selo postal e do CEP. Em seguida, foi solicitado que cada afásico escrevesse nas linhas em branco o seu próprio cartão postal, falando sobre um ou mais pontos turísticos, dos 29 sugeridos no espaço ao lado, direcionando este cartão a alguém de sua preferência.

Mesmo após a orientação, alguns afásicos apresentaram dificuldades em elaborar os seus cartões postais, não conseguindo realizar a atividade. Neste momento, foi sugerido que os afásicos recorressem a lembranças e recordações de momentos vivenciados por eles, em algum desses lugares, e depois descrevessem essas lembranças ou o lugar, escrevendo no espaço em branco, lembrando de indicar o lugar, escrevendo o nome ou mesmo sublinhando a palavra ao lado.

Dessa forma, esta atividade com o gênero textual cartão postal relacionado ao gênero textual narração de lembranças e descrição de lugares, permitiu não só que o aspecto da escrita, mas também a oralidade fosse trabalhada, favorecendo uma melhor compreensão de algumas produções.

A partir desta atividade, foi possível evidenciar a importância de se trabalhar produções escritas concomitantemente com produções orais, visto que isso enriquece o trabalho com o afásico que, muitas vezes, apóia sua fala na escrita e vice-versa.

Durante esta atividade, A1 confessou para o seu colega ao lado ser devoto de Nossa Senhora da Penha e de São Félix e, olhando depois para o seu cartão postal ainda em branco, pensativo, circulou dois pontos turísticos, decidindo-se por escrever sobre a Basílica de Nossa Senhora da Penha e o Museu Franciscano de Arte Sacra, descrevendo-os, respectivamente, como uma das igrejas mais bonitas que ele já conheceu e um lugar com muitas imagens santas.

**Brasil Turístico**  
**Recife – Pernambuco**  
**Pontos turísticos:**

1. Capela Dourada	15. Matriz de Santo Antônio
2. Casa da Cultura	16. Mercado de São José
3. <u>Basílica Nossa Senhora da Penha</u>	17. Museu do Estado
4. Faculdade de Direito	18. Museu do Trem
5. Forte do Brum	19. <u>Museu Franciscano de Arte Sacra</u>
6. Forte das Cinco Pontas	20. Museu-Oficina Francisco Brennand
7. Fundação Gilberto Freyre	21. Paço Alfândega
8. Gabinete Português de Leitura	22. Palácio da Justiça
9. Igreja do Espírito Santo	23. Palácio das Princesas
10. Igreja do Pilar	24. Pátio de São Pedro
11. Igreja Madre Deus	25. Rua da Aurora
12. Igreja Nossa Senhora do Carmo	26. Rua do Bom Jesus
13. Instituto Ricardo Brennand	27. Teatro Apolo
14. Marco Zero	28. Teatro Santa Isabel
	29. Torre Malakoff

RPC

SELO POSTAL

*Estava na Igreja  
muito bonita que  
eu conhecia Nossa  
Senhora da Penha  
de São Antônio e  
milagrosa tem  
o milagre de  
São Félix do Brasil  
além de muito graças  
museu Franciscano  
de arte sacra tem  
muita importância  
santa que deixa  
gente abismado*

-

Em sua produção escrita para o gênero cartão postal, A1 não seguiu a proposta de um cartão postal, visto que não colocou o destinatário nem sua assinatura no final, no entanto, seguiu a sugestão que lhe foi dada sobre recorrer a lembranças de momentos vivenciados por ele e descrever essas lembranças ou lugar, contudo, essas informações também caracterizam os elementos lingüísticos presentes no gênero cartão postal.

O sujeito A1 ainda relatou sua opinião sobre uma igreja que ele já conhecia, descrevendo-a como um lugar santo e milagroso, comentou sobre os milagres de São Félix, e, como se continuasse falando do mesmo lugar, A1 descreveu o Museu Franciscano de Arte Sacra.

A partir desta produção escrita, verifica-se que A1 não se preocupa em diferenciar a sua produção escrita da sua fala, escrevendo da mesma forma e na mesma seqüência como se estivesse falando, não se importando com acentos e espaços, apresentando como traço mais acentuado da sua escrita a presença de elementos associados à língua falada, ou seja, marcas de sua oralidade em sua produção escrita.

Considerando a distribuição das produções orais e escritas no contínuo tipológico defendido por Marcuschi (2008), os gêneros textuais trabalhados nesta atividade estão mais próximos das produções da fala do que da escrita, o que justifica a evidência de características próximas à oralidade, sem indícios formais, já que A1 preferiu seguir a sugestão dada, relacionando o gênero textual proposto com a narração de lembranças e descrição de lugares, e, com isso, aproximando-se mais das características presentes nas produções da fala do que na escrita.


A produção escrita do sujeito A1, ainda pode estar relacionada ao fato de, freqüentemente, A1 conseguir ser compreendido através da sua fala, embora com seqüelas da afasia que comprometem sua produção oral e, principalmente, de sua limitação nos órgãos e músculos do sistema fonoarticulatório. É bem provável que esta seja a razão pela qual A1 procura se apoiar em sua fala para produzir a escrita, buscando atingir o mesmo objetivo alcançado com sua expressão oral, ao ser compreendido pelos outros.

Antes de se tornar afásico, A1 utilizava bastante a escrita informal em seu cotidiano, escrevendo anotações com os pontos de referência dos endereços, placas, bilhetes, etc., sem preocupação com regras ou com o leitor, pois afirma que geralmente costumava escrever da mesma forma como falava, característica que manteve em sua produção escrita após o seu AVE.

Durante a atividade com o cartão postal, A1 demonstrou ter menos dificuldade do que seus colegas afásicos presentes, concluindo o seu cartão postal bem antes que os outros. Enquanto aguardava os colegas, A1 pegou uma folha de um caderno que sempre andava com ele, observou um cartão postal com a imagem do Forte Orange na Ilha de Itamaracá e começou a escrever.

Inicialmente A1 escreveu um cabeçalho, informando sobre a cidade onde estava escrevendo, e a data; destacando o título do texto que iria elaborar, escrevendo ITAMARACÁ. Em seguida, A1 escreveu um texto sobre a Ilha de Itamaracá, contendo dois versos que lembram uma música popular cantada por

Reginaldo Rossi, em que o cantor faz uma homenagem à Ilha de Itamaracá. Depois, A1 escreveu um trecho relatando que na Ilha de Itamaracá há um presídio e emitiu sua opinião sobre a existência desse presídio ali, como também, sua opinião sobre a Ilha de Itamaracá. Abaixo, um trecho de um poema sobre o amor, e, no final da página, sua assinatura.

 15/04/08


AERIFE, 19 DE ABRIL DE 2008  
ITAMARACA

ITAMARACA É UMA ILHA  
EM ESTADO LUGAR MAIS BONITO  
QUE EU VIER

ILHA DO SOL DO MAR DE TODOS  
AS PESSOAS QUE QUEREM DEGRUTAR  
DO AMOR, E DA PAZ

APESAR DE TER UM PRESIDIO  
QUE EU SOU TOTALMENTE CONTRA  
DA PARA SE MORAR MAIS ASSIM  
MESMO SOU GAMADO NELE.

O AMOR E ALGO DE BELEZA  
COISA QUE NÃO PODEMOS  
DESCREVER. EM CAMINHO  
DA NATUREZA  
COISA QUE NOS FAZ SOVERE

ASS. 

01 IGARASSU  
02 ITAPISUMA  
03 ITAMARARA  
04 MANGUE SECO

Após acabar de escrever o seu texto, A1 mostrou-lhe à organizadora da Oficina de Fala e Escrita, que perguntou se ele costumava freqüentar a Ilha de Itamaracá. A1 respondeu que sim, pegou novamente o papel, enumerou de 1 a 4 e escreveu ao lado de cada número o nome das cidades que apareciam nos ônibus que o levavam a Itamaracá, explicando que ele tinha que pegar dois ônibus para lá chegar. Comenta que não se importava com o transtorno, a distância e as passagens pagas para duas conduções, informando que, ao chegar à praia de Itamaracá, ele se sentia muito satisfeito e feliz.

Ao escrever de 1 a 4, e colocar ao lado o nome das cidades referentes aos ônibus, o sujeito A1 utiliza a escrita como estratégia lingüística de apoio ao seu esquecimento, buscando reorganizar suas lembranças antes de expressá-las. Para isso, recorre à memória visual, relembando as placas indicativas dos ônibus, colocando em prática o uso funcional da linguagem. Nesse contexto, a escrita é utilizada como uma auto-ajuda para lembrar e descrever corretamente o percurso que fazia para chegar à praia de Itamaracá. Após conseguir lembrar-se do que havia esquecido, o sujeito A1 ainda utiliza esta produção escrita para enfatizar a história que contava.

Analisando este último texto relacionado à atividade com o gênero textual cartão postal, A1 tenta organizá-lo em um formato espacial do modelo de letra de música, distribuindo-o em quatro trechos pequenos, sendo os três primeiros alinhados proporcionalmente a um mesmo espaço nas margens laterais, e o quarto, e último, trecho, um pouco mais recuado na margem esquerda do que os trechos anteriores. Comparando este texto a um texto modelo de letra de música, poderíamos considerar o quarto trecho como se fosse o refrão de uma música.

Observa-se, ainda neste texto, que A1 tem uma preocupação maior com a pontuação. Inicialmente, A1 coloca corretamente uma vírgula no cabeçalho, porém, erra ao usar uma vírgula no segundo trecho, voltando a acertar ao utilizar um ponto final no final do terceiro trecho e a usar a sigla Ass., antes da sua assinatura.

#### **- Lista de músicas típicas do São João**

Esta atividade foi realizada durante o 18º encontro, quando foram distribuídos CDs populares relacionados ao São João, expostos sobre a mesa principal, propondo que, inicialmente, todos observassem os CDs para, posteriormente, selecionarem as músicas que eles gostariam de escutar durante a Festa de São João, informando-lhes que essas músicas seriam previamente ensaiadas durante os próximos encontros, a fim de serem cantadas por todos no dia da festa.

Em seguida, a organizadora da Oficina de Fala e Escrita comentou que iria elaborar um CD com músicas juninas e distribuir entre os participantes afásicos do Grupo no dia da festa, e, para isso, cada participante afásico deveria selecionar as músicas que gostariam no CD, construindo uma lista com 3 a 5 músicas de sua preferência. No entanto, as músicas sugeridas na lista deveriam estar entre as



indicadas, explicando que essas músicas já estavam em seu computador, o que facilitaria a gravação do CD.

Depois de explicar sobre o CD de São João, a ser elaborado para o Grupo, a organizadora da Oficina de Fala e Escrita distribuiu algumas folhas em branco para que os participantes afásicos escrevessem suas listas e outras folhas com uma lista de sugestão com várias músicas clássicas de São João, como:

**LISTA DE SUGESTÃO DE MÚSICAS DE SÃO JOÃO:**

1. SÃO JOÃO DO CARNEIRINHO - LUIZ GONZAGA
2. NOITE DE SÃO JOÃO - ALCEU VALENÇA
3. VEM MORENA - LUIZ GONZAGA
4. A VIDA DO VIAJANTE - LUIZ GONZAGA
5. NUMA SALA DE REBOCO - LUIZ GONZAGA
6. É DE DAR ÁGUA NA BOCA - LUIZ GONZAGA
7. LUAR DO SERTÃO - LUIZ GONZAGA
8. ELA SÓ QUER SÓ PENSA EM NAMORAR - LUIZ GONZAGA
9. QUI NEM GILO - LUIZ GONZAGA
10. CINTURA FINA - LUIZ GONZAGA
11. DE TERESINA A SÃO LUIS - LUIZ GONZAGA
12. FOGUEIRA DE SÃO JOÃO - LUIZ GONZAGA
13. PEDIDO A SÃO JOÃO - LUIZ GONZAGA
14. RETRATO DE UM FORRÓ - LUIZ GONZAGA
15. NAQUELE SÃO JOÃO - TRIO NORDESTINO
16. AVE MARIA SERTANEJA - LUIZ GONZAGA
17. ASA BRANCA - LUIZ GONZAGA
18. MANDACARU - LUIZ GONZAGA
19. ISTO AQUI TÁ BOM DEMAIS - DOMINGUINHOS
20. OLHA PRO CÉU - DOMINGUINHOS
21. GOSTOSO DEMAIS - DOMINGUINHOS
22. ONDE ESTÁ VOCÊ - DOMINGUINHOS
23. NO MEU PÉ DE SERRA - DOMINGUINHOS
24. FESTA JUNINA (SEM VOZ) - SÃO JOÃO PORRETA - HORA DA FOGUEIRA - ISTO É LÁ COM SANTO ANTÔNIO - PAGODE RUSSO

A partir da explicação da atividade com o gênero textual Lista, com músicas típicas do São João, A1 elaborou sua lista, copiando exatamente como estava na lista de sugestão, escrevendo o número que indicava a música de acordo com a ordem da lista de sugestão e, ao lado, a música, uma abaixo da outra. Após elaborar sua lista, A1 apenas assinou seu nome completo e entregou a lista, sem comentar ou ler suas músicas escolhidas.

17 ASA BRANCA  
18 MANDACARU  
4 A VIDA DO VIAJANTE



Durante esta atividade, A1 não demonstrou apresentar dificuldades, no entanto, buscou a cópia como uma estratégia facilitadora, copiando os números antes das músicas exatamente como na lista de sugestão.

### **- Convite de Festa Junina**

Esta atividade foi realizada durante o 21º encontro, no qual a organizadora da Oficina de Fala e Escrita distribuiu, aleatoriamente, sobre a mesa principal, vários exemplos de convites de Festa de São João, todos bem juninos e temáticos, com a intenção que os participantes afásicos observassem o que tinham de comum aqueles convites, excluindo o fato de todos estarem relacionados ao mesmo tema: São João.

Após alguns minutos, uma das voluntárias da Oficina de Fala e Escrita perguntou a todos os presentes, quais eram as informações em comum contidas em todos os convites. Neste momento, alguns participantes afásicos começaram a observar mais atentamente os convites. Em seguida, A1 e A6 pegaram alguns convites e leram em voz alta para o Grupo todas as informações dos convites em suas mãos. Logo em seguida, A1 falou “*hora, local, nome*” e a voluntária confirmou dizendo que eram exatamente essas as informações principais que todo convite deveria ter.

Foram distribuídos sobre a mesa principal algumas folhas em branco, tesouras, canetas e lápis coloridos, cola e diversos recortes de figuras juninas como fogueiras, balões, matutos, quadrilhas, bandeirinhas, chapéu de palha, etc.

Posteriormente, a organizadora da Oficina dirigiu-se ao quadro e pediu para que os colegas afásicos escrevessem em um pedaço de papel as informações que deveriam ter em nosso convite da Festa de São João e fossem lendo em voz alta, com a intenção de chegar a um consenso sobre as informações necessárias para o convite. Como o Grupo continuava em silêncio, ela escreveu as seguintes perguntas no quadro branco da sala:

- Onde será a festa?

- Que horas será a festa?

- Que tipo de festa?

- O que vai ter na festa?

- Que roupa usar na festa?

Com isso, alguns afásicos começaram a responder as perguntas do quadro, fornecendo novas informações, sendo registradas no quadro.

Festa de São João e Comemoração dos Aniversariantes de Janeiro a Junho

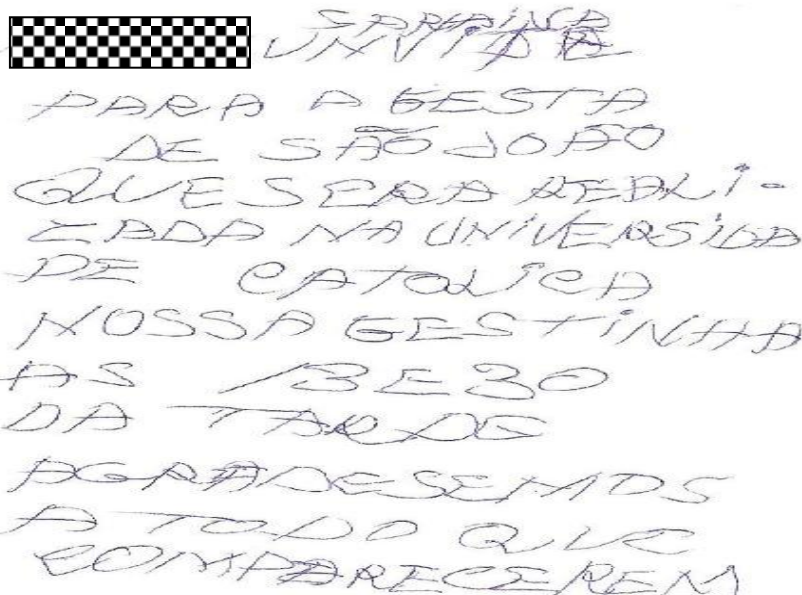
Data: 17/06/2008

Hora: 14h

Local: 7º andar do Bloco B da UNICAP

Ao terminar de escrever todas essas informações no quadro, a organizadora da Oficina perguntou se o que seus colegas afásicos tinham escrito em seus papéis eram essas mesmas informações. Todos começaram a rir e mostraram seus papéis em branco. Então, ela pediu que os afásicos escrevessem em um papel um esboço do convite que eles iriam confeccionar, ou seja, fizessem um borrão daquilo que eles iriam construir, contendo as informações do quadro.

Neste momento, A1, silenciosamente, em seu lugar, sem observar os modelos expostos sobre a mesa nem as informações do quadro, escreveu seu próprio convite.



SAPRINCA  
UNIVERSIDADE  
PARA A FESTA  
DE SÃO JOÃO  
QUE SERÁ REALI-  
ZADA NA UNIVERSIDADE  
DE CATOLICA  
NOSSA GELATINA  
AS 13:30  
DA TARDE  
AGRADECEMOS  
A TODO QUE  
COMPARECEREM

A1 conseguiu elaborar sozinho o seu convite, sem dificuldades, estando seu texto de acordo com as características que formam e identificam o gênero convite, como o nome da festa, local e hora. Confirmou quem estava convidando, escrevendo seu nome no topo do convite e agradecendo previamente a presença do convidado.


Ao escrever seu nome e agradecer previamente, A1 utiliza a modalização relacionada ao tema do seu texto que é o gênero convite, para expressar sua posição de escritor com relação ao seu interlocutor, neste caso, o convidado. De acordo com Marcuschi e Dionísio (2005), os modalizadores escritos são estratégias que os escritores usam para se posicionarem diante das proposições que produzem ou recebem, sendo utilizados para indicar como seu texto deve ser interpretado, ou como ele quer que seja interpretado.

Contudo, A1 novamente, escreve da mesma forma e na mesma seqüência como se estivesse falando, não se importando com acentos, pontuação e espaços, apresentando em sua escrita a presença de elementos associados à língua falada, ou seja, marcas de sua oralidade em sua produção escrita, sendo a modalização uma dessas marcas de oralidade.

Após escrever o esboço do convite, A1 perguntou se poderia apenas escrever em seu convite maior, sem usar as figuras para colagem, desenhar ou pintar, informando que não tinha muito jeito para esse tipo de coisa, nem gostava de artes. A organizadora da Oficina de Fala e Escrita confirmou que sim, e, em seguida, A1 pegou uma folha em branco, sem a ajuda de ninguém, produziu o seu convite.

CONVIDAMOS

TODA A COMUNIDADE PARA A  
NOSSA FESTA DE SÃO JOÃO  
QUE SERÁ REALIZADA NO DIA  
12/06/2008 ÀS 14 HORAS  
NA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
COM A PRESENTAÇÃO DE  
~~GUARANTA~~ E COMIDA DE MÍLHO  
GUARANTA = COMO E AMARICA  
FOMONHA - MÍLHO COZIDO E  
BOLO-TEMO TAMBÉM BRAPIDA  
E SOFONEIRO E BORO PARA DASACEM  
AGRADECEREMOS A PRESENÇA DE  
TODOS.  
BRIGUE, 10 DE JUNHO DE 2008  
OBS - 30.0



Analisando o segundo convite de A1, podemos confirmar que, mais uma vez, ele conseguiu elaborar o seu convite de acordo com as características que identifica o gênero textual convite, informando os principais tópicos necessários em um convite. No entanto, desta vez, A1 distribuiu melhor as informações, sabendo aproveitar mais o espaço disponível para a produção do convite, informando, logo no início, no topo do convite, que aquele documento tratava-se de um convite. Em seguida, prosseguiu com todas as informações necessárias em um convite, escritas seqüencialmente em formato de texto corrido, finalizando com um ponto final. Logo abaixo, escreveu por extenso a data da elaboração do convite e assinou o seu nome completo.

Repetindo o que fez no primeiro convite, A1 agradece previamente a presença dos convidados, utilizando elementos indicadores de modalização, expressando sua posição de escritor com relação ao seu leitor, neste caso, o convidado, com a intenção de ser bem interpretado.

Vale ressaltar que A1, novamente, demonstra dar pouca importância ao uso da pontuação e dos acentos, quase não os utilizando ou usando-os de maneira incorreta, apresentando poucas pontuações corretas.

Nesta última produção escrita por A1, pôde-se observar um episódio de correção, revelando uma reorganização de seu texto, riscando a palavra errada e reescrevendo-a abaixo corretamente. De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2002), as correções correspondem a um processo altamente interativo e colaborativo, atuando como um dispositivo dinâmico em potencial da língua falada.

Contudo, A1 expõe sua correção, contrariando o que Marcuschi e Dionísio (2005) defendem, ao afirmarem que na escrita, as correções, geralmente, não são vistas, pois o escritor usa diversos recursos para não mostrar suas correções, e, que as correções só ficam expostas em situações de prática da escrita como: anotações pessoais, trabalhos escolares, preenchimentos de palavras cruzadas, bilhetes, bate-papos escritos, etc.

Com o que foi apresentado caracterizando a produção escrita de A1, é possível constatar que seus textos escritos foram sempre marcados pela presença da sua fala, apresentando traços na escrita com características da fala do afásico, como também, marcas da sua fala na escrita, assim como as marcas de oralidade do tipo modalização, correção e pouco uso de acentos e pontuações.

## **b) Análise da produção textual escrita do sujeito A2**

Recordando as principais características do sujeito A2, já apresentadas no capítulo 2 deste trabalho, podemos citar que A2 é do sexo masculino e tem 50 (cinquenta) anos. A2 não concluiu o ensino médio e trabalha como auxiliar de serviços gerais na Universidade Federal de Pernambuco.

Diante das dificuldades de planejamento cognitivo e das circunstâncias onde o sujeito A2 demonstra reorganizar seus pensamentos e suas idéias antes de expressá-las, ou seja, em momentos de descontinuidade do funcionamento da sua fala, A2 geralmente recorre a estratégias não-verbais ou paralingüísticas para superar as dificuldades advindas de sua condição. Dessa forma, A2 raramente recorreu à produção escrita espontânea para auxiliá-lo em sua comunicação.

O sujeito A2 recorreu à escrita apenas uma vez para facilitar sua comunicação durante momentos de conversas espontâneas, entretanto, utilizou a escrita durante as atividades sugeridas na Oficina de Fala e Escrita, como a sugestão de gênero de filme e a lista de músicas típicas do São João, as quais serão analisadas a seguir.

### **- Conversa espontânea**

Esta atividade foi realizada durante todos os encontros, quando eram expostas sobre a mesa principal algumas folhas de papel em branco e algumas canetas para serem utilizadas, espontaneamente, por algum participante afásico, para auxiliar em sua comunicação.

Durante o 14º encontro do Grupo de Convivência para Afásicos, A2 compareceu após ter faltado a três encontros anteriores, ou seja, esteve ausente às atividades da Oficina de Fala e Escrita por três semanas. Ao entrar na sala onde eram realizados os encontros, foi surpreendido pela coordenadora da Oficina que, brincando com A2, lhe desejou “*boas vindas ou bom retorno*”. Logo em seguida, A2 respondeu, também brincando, que não recordava de tantas faltas, afirmando só ter faltado uma vez ou duas, no máximo. Neste momento, o sujeito A4 fez uma expressão de espanto e apontou para a ata de freqüência, e, com gestos, expressou que se A2 observasse as atas de freqüência anteriores, o colega não teria como provar apenas uma ou duas, como ele dizia, e sim, mais de três faltas.

Diante de tantas acusações, A2, bem humorado, continuou brincando e,

com uma expressão irônica, disse que não sabia assinar o seu nome, por isso, nem poderia verificar nas atas de frequência, pois, de fato, não teria sua assinatura. Todos os presentes no encontro riram. Em seguida, A4 lhe entregou um papel e uma caneta e, com mímicas e expressões faciais, discordou de A2 afirmando que ele sabia escrever e assinar o seu nome. Apontando para o papel, pediu que A2 escrevesse seu nome. Em seguida, A2 pegou o papel e escreveu apenas seu nome, rebatendo a atitude de A4. A5, rindo, pegou o mesmo papel e, embaixo, assinou o seu nome completo, devolvendo-o a A2, e pediu para ele assinar seu nome completo também. Ingenuamente, contradizendo o que ele havia dito anteriormente, afirmando não saber assinar o seu nome, aceitou o papel e assinou-o, com isso, A2 se entregou, mostrando à organizadora da Oficina de Fala e Escrita que sabia escrever seu nome completo.



Apesar desta produção escrita ter sido espontânea, partindo de A2 a aceitação da sugestão de A4 e A5 em escrever o seu nome e sua assinatura, podemos afirmar que, indiretamente, foi uma produção induzida por meio da cobrança de outros afásicos e da organizadora da Oficina, com relação a sua presença nos encontros do Grupo, chamando-lhe a atenção por ter faltado a muitos encontros consecutivos.

#### **- Sugestão de gênero de filme**

Esta atividade foi realizada durante o 15º encontro pela organizadora da Oficina de Fala e Escrita e sua convidada, ex-organizadora dos encontros do Grupo de Convivência para Afásicos, conhecida por todos os participantes presentes.

Inicialmente, foram distribuídas sobre a mesa várias imagens de capas de DVDs de filmes, como também, cenas famosas de filmes populares e clássicos. Posteriormente, foi sugerido que os participantes afásicos observassem as imagens expostas sobre a mesa, pegando-as e lendo os títulos dos filmes, reconhecendo os filmes já assistidos e comentando sobre os filmes conhecidos. A partir dessas recomendações, iniciou-se um debate sobre cinema e filmes no Grupo. Enquanto acontecia o debate, através de conversas espontâneas, foi distribuída aos participantes afásicos uma folha de papel contendo mais de vinte gêneros de filmes, e ao lado de cada gênero duas colunas. Os afásicos foram orientados para que



marcassem, na primeira coluna, os gêneros de sua preferência, depois escrevessem nomes de filmes, sugerindo um filme para ser exibido e assistido no próximo encontro.

Durante esta atividade, A2 apontava para os filmes que ele afirmava ter em casa, informando quais ele classificava como bons e como ruins, comentando com o Grupo que por gostar muito de filmes ele tinha muitos DVDs em sua casa. Enquanto conversava, A2 foi preenchendo a sua sugestão, porém não chegou a marcar nenhum gênero, apenas escreveu o nome do filme ao lado do gênero correspondente, comentando e descrevendo cada filme logo após escrever o seu nome.

Ao concluir sua escrita, A2 comentou que já assistira a todos os filmes que indicara, informando tê-los vistos por mais de uma vez, fazendo críticas sobre cada filme.

Enquanto os outros afásicos concluíam suas sugestões, o sujeito A2 dirigiu-se à organizadora da Oficina e comentou, com uma voz mais baixa, que, desde o último encontro, quando A2 assinou o seu nome para todos do Grupo ver, ele ficou “*inculcado*” por não ter conseguido assinar o seu nome completo, mostrando sua identidade e apontando para o seu nome do meio, confessando que sua maior dificuldade estava naquela palavra e que, depois daquele episódio, ele ficou tentando escrever outras vezes, todas sem sucesso.

FILMES SUGERIDOS PELOS INTEGRANTES DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA PARA AFÁSICOS

GÊNEROS	Marque um "X" na opção desejada	Nome(s) de filmes sugeridos
Ação		
Animação		
Artes Marciais		
Aventura		
Cinema Nacional	MEU NAMORADO	
Clássico	SETE ANOS NO TIBET	
Comédia		
Comédia romântica		
Cultura		
Documentário		
Drama	HAMLET	
Esporte		
Ficção		
Gastronomia		
Guerra		
Musical		
Policia		
Religioso		
Romance		
Suspense		
Terror		
Western		

Handwritten signatures and checkmarks below the table, including the name 'L' and the word 'L' written multiple times.



A organizadora pediu que ele assinasse o seu nome no papel de sugestão dos filmes, ressaltando que A2 não se preocupasse em escrever correto seu nome completo. O sujeito A2 escreveu seu primeiro nome sem dificuldades, porém, ao iniciar o seu segundo nome, parou, riscou a letra escrita, observou a sua identidade e com dificuldade escreveu seu nome do meio, sem seguida, concluiu escrevendo seu último sobrenome rapidamente. Depois, A2 sublinhou o nome do meio e mostrou à colega, que pediu para ele escrever apenas a palavra que tinha dificuldade. Então, A2 escreveu novamente seu nome sem dificuldade, e, repetiu o mesmo episódio, iniciando a segunda palavra, parando, riscando e continuando a palavra, sublinhando-a.

A organizadora da Oficina percebeu que a maior dificuldade de A2 estava em escrever a letra L, então pediu que ele apenas escrevesse esta letra. A2 escreveu três vezes a letra L em várias formas diferentes, insistindo em escrever desenhando-a. Depois, a organizadora escreveu apenas uma vez a letra L, desenhando-a, aproximando da forma que A2 insistia em escrever, e, em seguida, A2 escreveu por duas vezes a mesma letra, desta vez com mais êxito do que antes, escrevendo-a corretamente. Por fim, tentou assinar seu nome pela última vez, escrevendo seu primeiro nome rapidamente e riscando a letra inicial do seu segundo nome por duas vezes, retornando ao seu lugar e não persistindo mais.

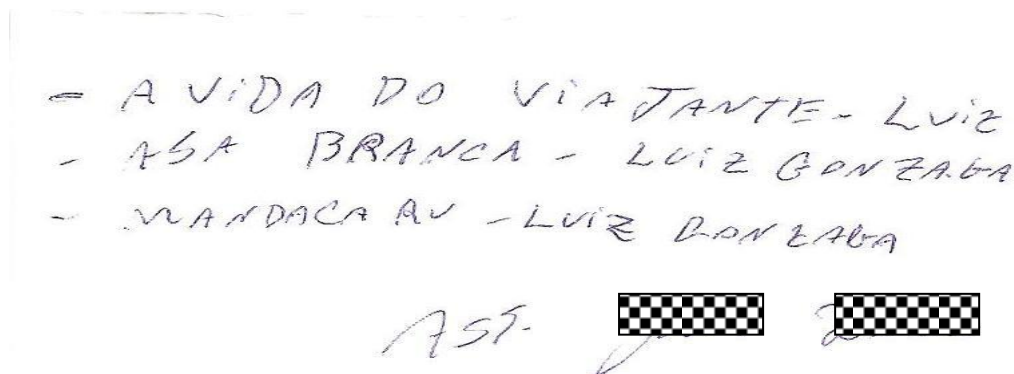
Na produção escrita de A2, pôde-se observar episódios de correção, indicando uma reorganização de seu texto, como também uma conscientização e insatisfação do seu erro, demonstrando descontentamento por não conseguir escrever seu sobrenome corretamente, persistindo em superar este obstáculo, riscando a letra ou toda a palavra e reescrevendo-a, na tentativa de conseguir escrevê-la corretamente. Para atingir seu objetivo, A2 não se preocupa em expor sua correção em sua produção escrita, riscando os seus erros tantas vezes quanto necessário.

#### **- Lista de músicas típicas do São João**

Esta atividade foi realizada conforme já explicada na análise da produção textual escrita do sujeito A1.

Após a explicação de como seria realizada a atividade com o gênero textual lista de músicas típicas do São João, A2 escreveu, copiando da lista de sugestão uma música abaixo da outra, conforme estava escrito na lista, a música e o cantor, em

seguida assinando seu nome. Desta vez, no entanto, escrevendo até o seu segundo nome, sobre o qual demonstrava ter dificuldade em escrever nos encontros anteriores. Ao entregar a sua lista pronta, A2 comentou que, apesar de ter escrito três opções, como orientado, a primeira música escrita, “A vida do Viajante”, é sua preferida, dizendo que a música narra uma história muito bonita.



Durante os 7 (sete) encontros do Grupo de Convivência para Afásicos, em que foram desenvolvidas as atividades da Oficina de Fala e Escrita e ao qual o sujeito A2 esteve presente, pôde-se observar que A2 teve pouca produção escrita, utilizando a escrita apenas quando induzido e orientado a realizar as atividades da Oficina, raramente recorrendo a estratégias escritas para ajudar em sua comunicação.

O motivo que leva o sujeito A2 a praticar tão pouco sua escrita está relacionado ao fato de A2 não utilizar com frequência a modalidade escrita em sua vida profissional e pessoal, antes e depois de ter se tornado afásico, comentando durante alguns encontros que trabalha como auxiliar de serviços gerais há mais de quinze anos, função que não estimula a prática da leitura e da escrita. Com relação a sua vida pessoal, relata que não tem o hábito de escrever cartas, agendas, diários, documentos, lista de compras etc., confessando deixar essas atividades para sua esposa elaborar.

Devido à sua fala não ser tão comprometida, apresentando pouca dificuldade em se expressar oralmente, proporcionando uma fala compreensível e satisfatória a interpretação do interlocutor, o sujeito A2 utilizou apenas estratégias orais, geralmente recorrendo a estratégias orais não-verbais ou paralingüísticas para superar as dificuldades advindas de sua condição.

Por fim, verificamos em sua produção escrita poucas características de sua fala, com evidência apenas de correção como marca de oralidade presente

tanto em sua fala quanto em sua escrita. Relacionando-as, é possível afirmar que a correção surge na fala de A2 com a mesma função e da mesma forma que surge em sua escrita, já que, em ambas as modalidades, a correção surge explicitamente, como um traço na escrita com características da sua fala e vice-versa.

### **c) Análise da produção textual escrita do sujeito A3**

Resgatando brevemente o que foi dito sobre este sujeito na metodologia, A3 é do sexo masculino e tem 63 (sessenta e três) anos de idade. Concluiu o ensino médio completo e, em seguida, começou a trabalhar como caminhoneiro, tendo exercido este cargo até o dia em que sofreu o Acidente Vascular Encefálico, quando se aposentou.

O sujeito A3 entrou para o Grupo de Convivência depois do início da Oficina de Fala e Escrita, daí ter comparecido a apenas 7 (sete) encontros, elaborando apenas as produções escritas sugeridas durante as atividades realizadas na Oficina, como o cartão postal, a narração sobre o filme assistido, a lista de músicas típicas do São João e o convite da festa de São João, analisadas a seguir.

#### **- Cartão postal**

Esta atividade foi realizada durante dois encontros, o 12º e o 13º, como explicado na análise da produção textual escrita do sujeito A1.

Com esta atividade, o sujeito A3 informou ao Grupo sobre o seu conhecimento e sua opinião com relação à Basílica de Nossa Senhora da Penha, escrevendo e, posteriormente, relatando oralmente que o lugar escolhido é muito bonito e do qual ele gosta muito. Narra uma missa assistida nesta igreja, celebrada por um Frei João, o qual, em sua opinião, transmitia paz e era muito bonita.

Ao concluir o seu cartão postal, A3 comentou oralmente tudo o que havia escrito, sem recorrer à leitura. Neste momento, alguém no Grupo lhe perguntou sobre a localização da igreja, ao que A3 respondeu, inicialmente, de forma oral, completando seu cartão postal e escrevendo um ponto de referência do endereço da igreja.

**Brasil Turístico**  
**Recife – Pernambuco**  
**Pontos turísticos:**

1. Capela Dourada	15. Matriz de Santo Antônio
2. Casa da Cultura	16. Mercado de São José
3. Basílica Nossa Senhora da Penha	17. Museu do Estado
4. Faculdade de Direito	18. Museu do Trem
5. Forte do Brum	19. Museu Franciscano de Arte Sacra
6. Forte das Cinco Pontas	20. Museu-Oficina Francisco Brennand
7. Fundação Gilberto Freyre	21. Paço Alfândega
8. Gabinete Português de Leitura	22. Palácio da Justiça
9. Igreja do Espírito Santo	23. Palácio das Princesas
10. Igreja do Pilar	24. Pátio de São Pedro
11. Igreja Madreus	25. Rua da Aurora
12. Igreja Nossa Senhora do Carmo	26. Rua do Bom Jesus
13. Instituto Ricardo Brennand	27. Teatro Apolo
14. Marco Zero	28. Teatro Santa Isabel
	29. Torre Malakoff

RPC

SELO POSTAL

Basílica Nossa Senhora da Penha  
 é muito bonita  
 eu gosto muito  
 missa frei João  
 da paz Ele faz  
 celebração, bem  
 bonita, e imagem  
 dos Santos.  
 Esta fica praça  
 dom Vital.

-

Com relação à atividade com o gênero textual cartão postal, A3 não informa as principais características de um cartão postal, não indicando o destinatário nem se identificando, embora descreva um lugar e relate um momento vivido por ele nesse lugar. Dessa forma, A3 segue a sugestão facilitadora proposta pela organizadora da Oficina de Fala e Escrita ao explicar esta atividade, recorrendo a lembranças vivenciadas e descrevendo os lugares lembrados.

É possível verificar na escrita de A3 pouco uso de pontuação e acentos, como também uma inadequação da utilização de letras maiúsculas e minúsculas, empregando-as desajustadamente. É o caso de alguns nomes próprios iniciados com letra minúscula como: penha, frei, praça dom Vital. Esta, no entanto, não constituiu uma preocupação para este trabalho.

Esta atividade confirma a importância de relacionar produções escritas a

produções orais em atividades lingüísticas com afásicos, visando enriquecer a sua linguagem.

### **- Narração sobre filme assistido**

Esta atividade foi realizada no encontro posterior ao encontro em que foi realizada a apresentação do filme “O Grande Ditador”, de Charles Chaplin, escolhido pelos próprios participantes da Oficina de Fala e Escrita para a “Sessão Pipoca”. Como o filme teve a mesma duração de tempo de encontro do Grupo, a atividade escrita com o gênero textual narração foi adiada para o encontro seguinte.

No 17º encontro, após o encontro da “Sessão Pipoca”, a organizadora da Oficina de Fala e Escrita lembrou aos participantes afásicos presentes sobre a atividade escrita relacionada ao filme, que não pôde ser realizada no encontro anterior por falta de tempo, ficando combinado para este encontro.

Após relembrar a atividade escrita com o gênero textual narração, a organizadora da Oficina entregou aos afásicos presentes uma folha de papel com duas perguntas dissertativas: - *Parte mais interessante e que mais lhe chamou atenção durante o filme;* - *Qual a idéia central do filme?*. Depois, sugeriu que respondessem à primeira pergunta com a narração de uma cena do filme de sua preferência. Entretanto, ao perceber que estavam presentes participantes afásicos que não compareceram ao encontro anterior, ela sugeriu que respondessem sobre qualquer filme que eles lembrassem, de preferência, aos que eles recordassem bem.

A partir da orientação e sugestão para a realização da atividade escrita com o gênero textual narração sobre um filme assistido, o sujeito A3 confessou não lembrar muito bem do filme do encontro passado, porém recordava de um filme que havia assistido na noite anterior a este encontro, informando que o nome do filme era “A Feiticeira”, escrevendo sobre este filme.

Primeiramente, A3 completou o cabeçalho, escrevendo seu nome, data e o nome do filme sobre o qual iria escrever, passando a responde à primeira pergunta, informando sua opinião e narrando o trecho que mais lhe agradou no filme. Após concluir a primeira pergunta, A3 fez questão de ler para o Grupo, em voz alta, o que havia escrito. Em seguida, acrescentou narrativas orais de outras cenas do filme, desenvolvendo alguns comentários. Não concluiu a atividade, deixando de responder à segunda questão.

# Sessão Pipoca

Apresentação de filme sugerido e escolhido pelo próprio  
Grupo de Convivência para Afásicos

Nome:   
Nome do filme: A Feticheira  
Data: 20/05/2008

- Parte mais interessante e que mais lhe chamou atenção durante o filme:

A parte emocionante: filha a  
feticheira foi quando ela caiu  
no braço do pai dela

- Qual a idéia central do filme?

Diante desta pequena produção escrita da narração sobre um filme assistido, continuamos a observar a presença de elementos que caracterizam a produção oral do sujeito A3 em sua escrita, com ausência de palavras como artigos e conectivos, em ambas as modalidades, além de escasso uso de acentos e pontuação, causando a impressão de estar faltando alguma informação.

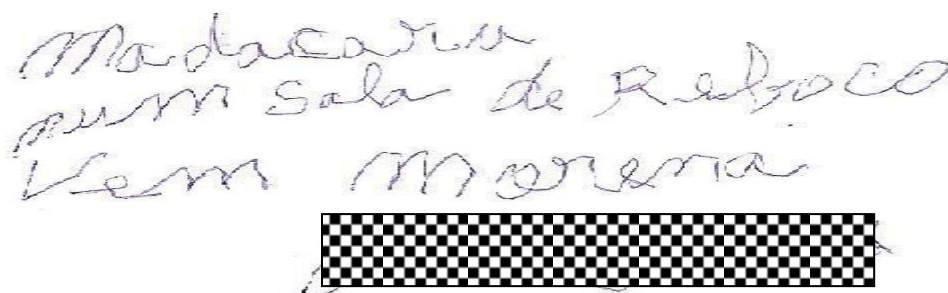
Com base nas duas produções escritas pelo sujeito A3, em diferentes gêneros textuais, podemos afirmar que a característica comum nestes textos escritos, relacionada à ausência de palavras, artigos, conectivos e pouco uso de acentos e pontuação, não é fator determinante para a compreensão do conteúdo, uma vez que, mesmo fragmentados, realizam-se como texto, conseguindo transmitir sua mensagem.

A presença de elementos comuns à fala e à escrita, no sujeito A3, está relacionada ao que Marcuschi e Dionísio (2005) se referem com relação à escrita, em que a forma de textualização se adéqua ao modo de organizar o texto em suas propriedades formais a partir do discurso oral para levá-lo, então, ao texto escrito.

## - Lista de músicas típicas do São João

Esta atividade foi realizada de acordo como descrita na análise da produção textual escrita do sujeito A1.

Após a explicação de como deveria ser realizada a atividade com o gênero textual lista de músicas típicas do São João, A3 escreveu, sem copiar da lista de sugestão e sem apresentar dificuldades, três nomes de músicas de sua preferência. Depois, informou, falando em voz alta, as suas músicas sugeridas. Em seguida, A3 comentou que essas músicas eram suas preferidas e que gostava de escutá-las, mesmo sem ser época de São João. Por fim, assinou seu nome.



Madagascar  
num sala de Reboco  
Vem Morena

A partir da lista sugerida por A3 com as músicas típicas do São João, observamos que ele não enumera as músicas, ordenando-as uma abaixo da outra, não indica sua favorita, nem por uma marcação ou elemento de destaque da escrita.

Ainda foi possível constatar neste tipo de gênero, o uso inadequado das letras maiúsculas e minúsculas, que, por se tratar de uma listagem, deveria facilitar este tipo de uso, indicando com letra maiúscula apenas os primeiros nomes de cada música sugerida ou algum nome próprio que surgisse no nome da música, entretanto, A3 não segue este tipo de uso corretamente, iniciando a segunda música com letra minúscula e usando maiúscula nas palavras seguintes: num Sala de Reboco.

#### **- Convite de Festa Junina**

Esta atividade transcorreu da mesma forma como foi explicada na análise da produção textual escrita do sujeito A1, com sugestões e dicas sobre o gênero textual convite de festa junina, informando as principais informações que devem conter um convite.

Com as informações expostas no quadro e os modelos de convites exibidos sobre a mesa, A3 pôde recorrer a várias dicas. A3 leu o que estava escrito no quadro, observou alguns convites sobre a mesa, e, sem copiar, conseguiu elaborar um esboço de convite, informando as principais características desse gênero, escrevendo o nome da festa, o local, a data e o horário, assinando o seu nome no final.



Festa de João  
estamos fazendo na  
Unioap. festa João  
17/6/2008  
Hora 14



Continua, aqui, a presença de elementos que caracterizam a produção oral do sujeito A3 em sua produção escrita, e a idéia de estar faltando alguma informação, palavra, artigo ou conectivo, bem como o pouco uso de acentos e pontuações.

A3 apresenta a correção como uma marca de oralidade até então não encontrada em suas produções escritas anteriores, surgindo com mais freqüência em sua fala do que em sua escrita. Essa correção aparece na escrita de A3 como um falso indício, através da tentativa de iniciar uma palavra, parando, pensando, reorganizando e reiniciando-a abaixo, dando continuidade ao texto, sem riscar ou apagar o seu erro.

Entretanto, baseado na orientação da organizadora da Oficina com relação ao desenvolvimento desta atividade, esta produção escrita também pode ser considerada um “esboço” do convite final, assim, sendo inserida como anotação pessoal dentro de um contínuo de gêneros textuais, de ambos os domínios lingüísticos, aproximando-se da modalidade falada, e, por este motivo, justifica-se o fato de A3 expor a sua correção, não a apagando ou desprezando o papel rasurado e refazendo em outro papel.

Este episódio da exibição da correção na escrita de A3 é destacado por Marcuschi e Dionísio (2005), ao afirmarem ser comum, em algumas situações de prática da escrita, deixarmos nossas correções à mostra, como em anotações pessoais, trabalhos escolares, preenchimentos de palavras cruzadas, bilhetes, bate-papos escritos, etc.

Conclui-se que o pouco uso de pontuação e acentos, a ausência de



palavras, artigo e conectivos, transmitindo a idéia da falta de alguma informação, bem como a correção, são características presentes na produção escrita do sujeito A3, refletidas pela presença de marcas de sua oralidade, como traços de sua escrita com características da sua fala e vice-versa.

#### **d) Análise da produção textual escrita do sujeito A4**

Sintetizando as principais características do sujeito A4, já apresentadas no segundo capítulo deste trabalho, podemos destacar que A3 é do sexo masculino, tem 45 (quarenta e cinco) anos de idade. Frequentou o curso superior (Física, na UNICAP), mas não o concluiu. Antes de sofrer o Acidente Vascular Encefálico Isquêmico (AVEI), trabalhava como responsável técnico de uma empresa de desinsetização e desratização. Atualmente, A3 está aposentado e recebe auxílio do INSS.

É importante destacar que A4 refere não sentir dificuldades para ler e, por isso, mantém o hábito de ler jornais e revistas regularmente, como também demonstra facilidade em navegar pela internet, realizar pesquisas, baixar músicas, jogos e filmes, ou seja, o sujeito A4 tem o hábito de utilizar o computador.

O sujeito A4 demonstrou interesse em melhorar sua comunicação, mostrando-se comprometido com suas terapias, participativo e colaborativo nas atividades da Oficina de Fala e Escrita. Foi o mais assíduo aos encontros do Grupo de Convivência, dentre todos os sujeitos deste trabalho, comparecendo a 21 (vinte e um) encontros. Elaborou produções escritas sugeridas durante as atividades realizadas na Oficina de Fala e Escrita, apresentando escritas espontâneas através de conversas, debates e discussões, assim como as produções escritas induzidas e orientadas como o cartão postal, a narração sobre o filme assistido, a lista de comidas e músicas típicas do São João e o convite da festa de São João, analisadas a seguir.

#### **- Conversa espontânea**

Esta atividade foi realizada durante todos os encontros, nos quais eram expostas sobre a mesa principal algumas folhas de papel em branco e algumas canetas com a finalidade de serem utilizadas, espontaneamente, por algum participante afásico com a intenção de auxiliar em sua comunicação.

Como visto anteriormente, o sujeito A4 raramente consegue se expressar e se comunicar através da fala, utilizando a modalidade escrita com muita frequência para ser mais bem compreendido pelos outros, e, por este motivo, elaborou produções escritas em forma de conversas espontâneas para se comunicar com seus colegas afásicos e não-afásicos do Grupo de Convivência durante os 16 (dezesesseis) encontros dos 21 (vinte e um) em que esteve presente.

Também foi visto que os encontros do Grupo são divididos em três momentos: no primeiro, os afásicos relatam fatos ocorridos durante a semana, sejam notícias de jornal e televisão ou acontecimentos ocorridos com eles próprios. É neste momento que o sujeito A4 mais utiliza a conversa espontânea por meio da escrita.

No segundo momento, são realizadas atividades voltadas para a produção escrita relacionadas aos gêneros textuais, as quais estão sendo analisadas neste trabalho separadamente por cada gênero textual. E, por fim, sugere-se uma atividade “descontraída”, na qual são propostos jogos de mímica, adivinhações, dominó, música, entre outros. Neste momento, o sujeito A4 recorre novamente à escrita por meio de conversas espontâneas, com a função de interagir com os outros afásicos e não-afásicos participantes do Grupo, durante a atividade que estiver sendo realizada.

Durante os 16 (dezesesseis) encontros nos quais o sujeito A4 utilizou a escrita como conversa espontânea, pôde-se observar que, geralmente, A4 recorreu a esta modalidade para relatar ou descrever fatos ocorridos recentemente, publicados em notícias de jornal e televisão, comentar sobre assuntos de seu interesse (computador, internet, jogos, músicas e filmes), relatar sobre o seu acidente vascular encefálico, indicar suas principais queixas e dificuldades em decorrência do seu AVE, comentar sobre o seu tratamento fonoaudiológico, expressar sua opinião sobre futebol, política e violência, perguntar sobre as ex-organizadoras do Grupo de Convivência, explicar assuntos relacionados à sua vida pessoal, como também interagir com outros afásicos e não afásicos.

Com isso, foram muitas as produções escritas pelo sujeito A4, relacionadas ao gênero conversa espontânea, e, por isso, serão analisadas através de 7 (sete) temas principais, comuns em seu discurso durante diferentes encontros, debatidos e discutidos pelo sujeito A4 por meio de sua escrita, com o auxílio de gestos, mímicas e expressões faciais. Assim, serão apresentados os temas e as

produções escritas.

**1) Atualidades (fatos publicados em notícias de jornal e televisão), debatidos em 12 (doze) encontros**

Entre os temas comuns ao discurso do sujeito A4, pôde-se constatar que este foi o tema que o sujeito A4 mais desenvolveu em sua escrita com intenção comunicativa, apresentando uma diversidade maior de palavras, principalmente, como uma forma de mostrar-se presente, indicando e debatendo sobre diferentes assuntos, sempre polêmicos e atualizados, os quais envolveram diferentes vocábulos.

Sobre este tópico, o sujeito A4 recorreu por mais vezes à escrita, totalizando 23 (vinte e três) produções escritas, embora uma parte dessas produções tenha resultado em palavras fragmentadas, escritas corretamente, que, pelo fato de não apresentarem elementos lingüísticos escritos relacionados à sua oralidade, não foram analisadas neste trabalho.

Contudo, entre as 23 (vinte e três) produções escritas elaboradas por A4 sobre este tema, destacaram-se 12 (doze) produções que apresentaram marcas de oralidade do tipo: ênfase, através de elementos de destaque (círculos e sublinhações), correção, desenhos, elementos pictóricos, pontuação, palavras inacabadas e palavras inexistentes na língua. Com isso, serão essas produções textuais escritas, relacionadas a notícias publicadas em jornais, revistas e internet, que se destacaram entre as demais por apresentarem elementos característicos da fala do sujeito A4, descritas e analisadas a seguir.

De uma forma geral, A4 demonstrou envolvimento e conhecimento sobre os assuntos discutidos, transmitindo segurança ao defender ou criticar sua posição e opinião diante do assunto debatido, bem como acrescentando aos temas discutidos novas informações, tanto através da escrita, como por meio de mímicas, gestos e expressões faciais. Dessa forma, a descrição do contexto e da situação em que os assuntos foram debatidos torna-se fundamental na interpretação da produção escrita desse sujeito, tanto com relação a este tema quanto aos outros. Por isso, serão descritas as circunstâncias nas quais foram produzidas as escritas analisadas, como também serão indicados os interlocutores envolvidos na elaboração e interpretação dessas escritas.

No 8º encontro, foi realizado um debate sobre as Olimpíadas de 2008, realizadas em Pequim, na China. A4 escreveu CHINA e fez mímicas de jogos como

vôlei, basquete e futebol, em seguida, ele mostrou uma reportagem impressa da internet que falava sobre a população pobre da China, mostrando que 65% da população chinesa é pobre, e que, além de ser um país muito rico, a China também é um país muito populoso. Durante a discussão deste assunto, enquanto algumas pessoas falavam, A4 escreveu abaixo da palavra CHINA a palavra LADRÃO, e, logo abaixo, escreveu SIM, fazendo um gesto com as mãos de pegar algo no ar e guardar em seu bolso. Nesse momento, alguém perguntou a A4 quem seriam os ladrões na China. Então, A4, apontando para baixo, disse: “*Sim sim! Aqui óh e lá! Xau Xau!*”, afirmando, através de mímicas, que o dinheiro do povo vai embora para os bolsos do Governo, tanto aqui no Brasil como lá na China.

Enquanto todos debatiam e concordavam com sua opinião, A4 foi escrevendo INSTAC, sendo interrompido por uma das professoras que, observando sua escrita, perguntou “*Instalação?*”. No mesmo momento, A4 parou de escrever e confirmou com a cabeça que sim, depois, mostrou um trecho na reportagem que falava sobre “*monstruosas instalações que foram realizadas em Pequim*”. Abaixo desta última escrita, A4 escreveu SIM, concordando com a reportagem que ele apresentava, ao ver que todos também concordavam com ele, A4, em silêncio, circulou a palavra SIM.

Handwritten notes and a date stamp. The notes include: 'CHINA' written above 'LADRÃO', which is circled in blue. Below 'LADRÃO' is the word 'SIM' underlined. To the right, 'INSTAC' is written above a circled 'SIM'. Above these notes is '65%' and a date stamp '11/03/2008' enclosed in a box.

Nesta produção escrita do sujeito A4, pode-se verificar a fragmentação, o uso de palavras soltas e desorganizadas espacialmente, como também a topicalização, através da presença de algumas palavras indicando um tema ou um assunto, transmitindo o significado e a intenção do que se quer expressar através daquela palavra. Estes usos estão relacionados à oralidade do sujeito A4, cuja fala é bastante fragmentada e topicalizada, limitando-se à emissão de poucas palavras, desorganizadas, as quais conseguem expressar o sentido de uma frase completa, ou até mesmo, um texto maior.

É possível observar, ainda, a presença de uma palavra desconhecida e inexistente na língua portuguesa, INSTAC, usada como se realmente existisse e fizesse parte do seu vocabulário, visto que ele não a reconhece como erro, e, ao explicar o texto, aponta para ela, explicando-a e lhe dando significado, como se essa palavra estivesse escrita corretamente.

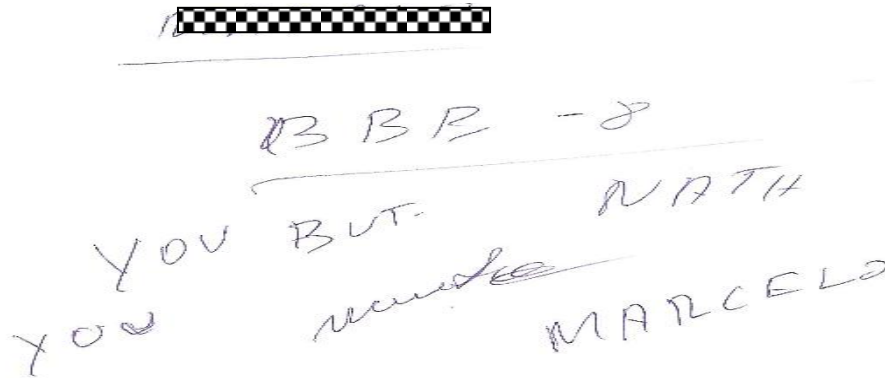
Embora, a palavra INSTAC não exista na língua portuguesa, ao representá-la, o sujeito A4 demonstra tê-la escrito de forma incompleta, interrompendo-a assim que uma das professoras compreendeu sua intenção comunicativa e perguntou se ele estava se referindo à palavra *instalação*.

Pode-se constatar, também, nesta escrita de A4 que, para destacar ou enfatizar algum assunto ou palavra, realizada na fala por meio da entoação e repetição, o sujeito A4 procura representar esta mesma função na escrita, buscando uma forma de destacar a palavra, sublinhando-a e circulando-a, assim, construindo e transmitindo o sentido ao seu texto.

Segundo Morato (2002), a linguagem do afásico fica reduzida e simplificada, ou desviada semântica, fonêmica e morfológicamente da linguagem normal. Assim, o afásico exprime seu pensamento de forma confusa, e as palavras adequadas não são evocadas, selecionadas e/ou ordenadas de maneira normal, fenômeno que se observa na produção escrita de A4.

Em outro momento, ainda no 8º encontro, em uma discussão sobre o programa do Big Brother Brasil 8, da Rede Globo, enquanto a conversa transcorria de forma descontraída, A4 escreveu o nome dele e abaixo BBB-8. Em seguida, com gestos, informou que ele assistia ao programa BBB8 o tempo todo. Ao ser questionado sobre essa informação, A4 confirmou, com movimentos de cabeça indicando que sim, e, sublinhou o que escreveu. Depois, escreveu YOU BUT, indicando que acompanhava o programa BBB8 pelo *Youtube*, um programa de vídeos da internet. Antes de perceber que os demais já tinham compreendido, A4 começou a re-escrever a palavra YOU, entretanto, ao observar que todos já tinham entendido o que ele queria expressar, ele parou de escrever.

Sobre este assunto, A4 ainda escreveu NATH e abaixo MARCELO, indicando com a mão que ele estava torcendo para que a participante Nathália ganhasse o programa e para que o participante Marcelo saísse logo do programa, apontando o nome MARCELO e dizendo “*xau xau xau*”.



BBB-8  
YOU BUT NATH  
~~mundo~~  
MARCELO

Com esta produção escrita, verificam-se novamente a fragmentação e a topicalização como características relacionadas à fala do sujeito A4, bem como a ênfase através do traço abaixo da palavra BBB-8, destacando-a.

É possível observar, ainda, a presença de palavra inacabada, com o início da escrita de YOU e, ao perceber que já o haviam compreendido, abandona a palavra e continua sua conversa, utilizando outros meios como mímica e expressões faciais.

Santana (2002) faz uma observação em relação aos sujeitos afásicos que utilizam mais a escrita do que a fala, afirmando que esses sujeitos geralmente comunicam-se pela escrita ou a utilizam para atingir a fala. Nesses casos, a escrita é, muitas vezes, incompleta, abreviada, pois tão logo o interlocutor apreende o sentido do que o sujeito quer dizer, ou tão logo o sujeito forneça para si próprio um *prompting escrito*, ela é interrompida. Dessa forma, a escrita do sujeito A4 também se caracteriza, tendo sido verificado ocorrências de palavras inacabadas.

Durante o 9º encontro, discorreu-se sobre uma reportagem que acusava o Governador do Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos, de ter se envolvido com uma prostituta brasileira que havia sido presa nos Estados Unidos há pouco tempo. Sobre este assunto, A4 escreveu GAIA, comentou com A5 que estava ao seu lado, riu e riscou a palavra, depois, escreveu BACHI, também riscando-a, e, em seguida, fez um gesto com a cabeça indicando que não era aquilo que queria escrever. Com as mãos, fez um gesto para que se esperasse um pouco e escreveu SABATH. Nesse momento, A5, que havia discutido este assunto com ele, começou a rir e o compreendeu rapidamente, falando “Safada? É isso, né?”, então, A4 riu e confirmou com o balanço da cabeça e um sorriso.

~~GAFA~~

~~BACH~~ SABATH

Segundo Santana (2002), através da produção escrita do afásico, esses sujeitos acabam deixando marcas do processo de criação do texto, ficando evidenciadas as marcas de reformulações, as auto-correções, a percepção e a correção de erros, bem como as tentativas ou a desistência de acertos. Todos os sinais indicados pela autora como marcas presentes na escrita do afásico, foram constatados nesta produção de A4, como no momento em que A4 escreveu BACHI, depois riscou e fez um gesto indicando que não era aquilo que queria escrever. Em seguida, tentou re-escrever com SABATH, demonstrando a percepção do erro e a tentativa de corrigi-lo.

No 13º encontro, discutiu-se o caso da menina *Isabela Nardoni*, de 5 anos, que teria sido jogada da janela de seu quarto no apartamento do seu pai, *Alexandre Nardoni*. Neste momento, A4 escreveu ISABELA – MATAR. Desenhou um boneco em cima de uma cama, sendo enforcado, escreveu PAI e desenhou uma seta indicando o desenho.

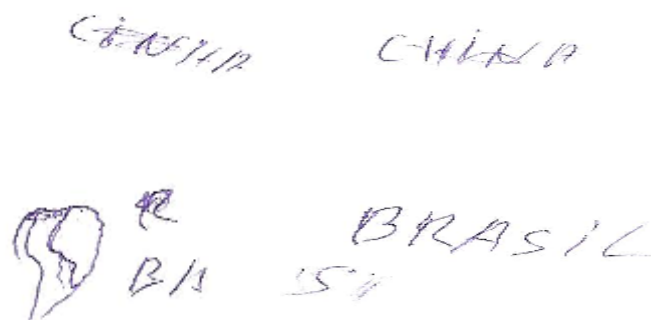
Esta produção mostra que A4 opinou sobre este assunto, apontando para sua escrita, complementando-a com o uso de mímicas, gestos e expressões faciais, informando que o pai da menina era o principal culpado junto com a madrasta. Comentou que esse pai deveria estar bêbado ou drogado para causar uma brutalidade tão grande com a própria filha. A4 também comentou que a irmã do acusado era sua cúmplice e sabia de toda a verdade, através da escrita BARILA, corrigida e reescrita como BAR, fez a expressão de beber algo e escreveu IRMÃO, expressando que a irmã do acusado estava em um bar bebendo quando recebeu a ligação lhe contando tudo. A4 ainda desenhou um mapa do Brasil e, ao lado, escreveu BRASIL, fazendo gestos e mímicas, referindo que o Brasil está acompanhando essa história e que muita gente quer ver o casal preso. Depois, em cima da palavra PAI, escreveu 30 ANOS e fez novamente o gesto de preso, expressando que ele deveria ficar preso por uns 30 anos, no mínimo.



Através desta produção escrita, o sujeito A4 não utiliza apenas palavras topicalizadas e fragmentadas para contar uma história, mas recorre também ao desenho, seta e elementos pictóricos, com a intenção de comunicar a forma como a menina foi morta, apontando o acusado e seus cúmplices. Assim, o sujeito A4 atinge seu objetivo com o uso dessa produção textual, sendo facilmente compreendido e conseguindo defender sua opinião.

A4 realiza o acesso lexical corretamente, conseguindo veicular sua intencionalidade para esta produção escrita, dando-lhe sentido e transmitindo o seu ponto de vista com relação ao fato.

Ainda no 13º encontro, conversando agora sobre a proximidade das Olimpíadas de 2008 e sobre os lugares por onde a Tocha Olímpica já esteve e que ainda iria passar, A4 escreveu CINHA, depois, escreveu CHINA. Olhando a palavra como se tivesse dúvida, ele risca ambas as palavras. Em seguida, A4 desenha um pequeno mapa da America Latina e separa o Brasil, escrevendo a letra R. Com isso, perguntam a A4 se ele estava querendo dizer que a Tocha também vai passar no Brasil, pelo Rio de Janeiro. Ele afirma com a cabeça que sim, que a tocha vai passar pelo Brasil, e escreve BA, querendo dizer que a tocha deveria passar pela Bahia.





Nesta produção escrita, é sugerida a presença da conscientização do erro através de riscos sobre a palavra escrita errada ou interpretada como errada, assim como a presença da correção, reescrevendo a palavra errada, embora, ainda assim, tenha demonstrado incerteza de ter escrito a palavra corretamente. Parece considera-la como erro, desistindo de usá-la, e recorrendo ao desenho do mapa do Brasil como uma forma de conduzir o sentido do que queria dizer por outro caminho, expressando-se de outra forma e com outras palavras.

A correção surge como uma marca presente na oralidade de A4, o que se justifica pelo fato do gênero conversa espontânea ser classificado, dentro do contínuo tipológico defendido por Marcuschi (2008), como um dos menos formais, estando mais próximo das produções da fala do que da escrita.

Com essa pequena produção escrita, permeada de palavras inexistentes na língua, palavra considerada como erro, correções, desenhos e elementos pictóricos, o sujeito A4 consegue expressar sua informação, inserindo-se na conversa sobre as Olimpíadas de 2008, participando ativamente da conversação, assim como os outros afásicos e os não-afásicos.

No encontro seguinte, no 14<sup>o</sup> encontro, o assunto sobre o caso da menina *Isabela Nardoni* ainda foi muito discutido. O sujeito A4 comentou que viu a capa da revista *Veja* com a imagem dos olhos do pai e da madrasta da vítima, presos e algemados, dentro do carro da polícia. Sobre isso, A4 escreveu PAI – MADRITA, fazendo uma expressão de que os dois eram ruins e cruéis, e que estava feliz por vê-los presos, indicando que eram cúmplices e armados tudo juntos. A4 escreveu MARMA, levando o sujeito A2 a entender o que ele queria dizer. Ao perguntar ao colega “*Armação?*”, A4 confirmou que sim. Abaixo do que já tinha escrito, A4 escreveu AVÔ CUMUCH, depois, COMÚA e ISABELA, com um gesto encostando um dedo indicador no outro, referiu que o avô paterno e o pai da madrasta estavam acobertando os filhos ao defendê-los. Depois, sublinhou o nome MADRITA e disse que o casal estava o tempo todo se escondendo na casa dos pais dela. Escreveu GLOBO informando que estava acompanhado tudo sobre este caso, por esta emissora.

GLÓRIAS PAI - MADRITA  
AVÔ COMUA  
COMUA  
ISABELA MARMA

Neste momento, o sujeito A4 não apenas está inserido ativamente em uma conversação do Grupo, como também demonstra ser o mais participativo, informando que está acompanhando esse caso por uma emissora de televisão, defendendo a sua opinião sobre os sujeitos envolvidos e sobre a conclusão do caso.

Contudo, para conseguir veicular sua intencionalidade e sua posição pessoal sobre o assunto, o sujeito A4 recorre novamente a palavras fragmentadas e topicalizadas, embora contextualizadas, indicando um significado de um texto completo. A4 utiliza, ainda, elementos de destaque, sublinhando a palavra MADRITA, recorrendo à palavra escrita anteriormente em um outro momento da conversa, enfatizando que se referia novamente à palavra madrastra, e palavras incorretas, reconhecendo-as como erro. Neste caso, porém, no momento em que os interlocutores percebem sua intenção comunicativa, A4 desiste de reescrevê-las, deixando de corrigi-las.

Seguindo a discussão sobre o caso da menina *Isabela*, A4 pegou o papel novamente escrevendo, pensativo, 05 ANOS – MACHOMA, depois, mostrou o papel à organizadora da Oficina, pedindo-lhe para escrever, abaixo da palavra que ele apontava, aquela à qual ele se referia, corretamente, demonstrando sua consciência do erro e sua dificuldade em escrevê-la na forma correta. A4 quis dizer que, para um homem matar sua própria filha, de apenas 05 anos, só poderia estar drogado. Em outro lugar do papel, A4 escreveu POVO? É PAI, afirmando que para a maioria das pessoas o maior culpado foi o pai.

05 ANOS - MACHOMA  
MACONHA

POVO? É PAI

Com esta produção, podemos observar, novamente, sua percepção do erro, embora, desta vez, o sujeito A4 recorra à ajuda da organizadora da Oficina,

demonstrando, também, conscientização da dificuldade em corrigir o seu erro. Contudo, apesar de ter escrito de forma incorreta a palavra *maconha*, o sujeito A4 consegue transmitir o sentido da escrita MACHOMA, pela semelhança com a forma correta e da contextualização, utilizando recursos como mímicas e gestos de fumar ou estar se drogando.

No segundo recorte, o sujeito A4 utiliza a interrogação, transmitindo na escrita a mesma função da entoação na fala, utilizando ainda recursos paralingüísticos, a expressão facial, como uma forma de auxiliá-lo em sua comunicação, dando, assim, sentido a sua escrita.

No 15º encontro, foi sugerido não tocarem mais no assunto sobre o caso da menina *Isabela Nardoni*, embora A4 tenha insistido em defender sua opinião, afirmando que o pai da menina era o culpado. Escreve a palavra PAI e a sublinha ao mostrar o papel aos colegas. Defendendo sua posição, A4 escreve MULHE e, abaixo, CUMA, depois, com gesto de unir os dedos, diz que a mulher, referindo-se à madrasta, estava apenas acobertando o pai da menina, como a principal cúmplice.



PAI  
MULHE  
CUMA

Novamente, o sujeito A4 utiliza riscos abaixo das palavras, sublinhando-as em sua produção escrita, como se estivesse enfatizando-as como ao usar a entoação em sua fala. É importante destacar que, ao sublinhar a palavra, o sujeito A4 consegue expressá-la oralmente e reforça sua expressão facial, confirmando a sua intenção comunicativa, apontando o pai como culpado.

Ao obter êxito na aferição de sentido a sua escrita, A4 interrompe-a, deixando as palavras MULHE e CUMA inacabadas, esta última, inclusive estranha à língua, e possivelmente escrita pela metade, pois A4 para de escrevê-la assim que um participante do Grupo fala “*cúmplice*”, dando conta da intenção de A4.

Insistindo em permanecer neste assunto, durante o 15º encontro, A4 escreveu ISALLE. Percebendo que tinha escrito errado, apressadamente sublinhou apenas ISA, referindo-se ao nome *Isabela*. Ao perceber que todos o compreendiam, continuou e escreveu PM; em seguida, sublinhou a palavra, e com gestos e mímicas, comentou sobre a reconstituição do assassinato da menina, que não teve a participação nem do pai nem da madrasta. A4, pensativo, escreveu ALMA e com gestos, apontando e sublinhando novamente a palavra PAI, comentou que este não tinha coração nem alma, por isso, era capaz de fazer qualquer crueldade.

ISAC LE PM ALMA

Para expressar sua opinião e transmitir uma informação nova, mesmo sendo reprimido a não tocar no assunto que ele insiste em comentar rapidamente, A4 consegue escrever o que queria, embora, de forma incorreta, porém, pela pressa de concluir sua informação, não corrige, nem risca a palavra, apenas destaca as letras que já transmitem o sentido da palavra, sendo compreendido pelos outros. Com isso, utilizando, mais uma vez, elementos de destaque, como o risco abaixo da palavra, o sujeito A4 consegue passar sua informação e sua opinião sobre o assunto.

No 17º encontro, A4 foi o primeiro do Grupo a mencionar uma reportagem polêmica que ficou conhecida no mundo, a respeito de um Austríaco que manteve sua própria filha presa durante vinte e quatro anos no porão de sua casa, violentando-a sexualmente, praticando incesto, e, assim, teve sete filhos com ela, sendo três adotados por ele próprio e sua esposa, que acreditava serem esses filhos de sua filha que havia fugido quando criança e não tivesse condições financeiras de criá-los, deixando-os na porta de sua casa com uma carta escrita por ela, e os outros três filhos criados juntos com a própria mãe, todos mantidos presos no porão.

Essa história chegou ao fim quando seu último filho nasceu muito doente, complicando muito o seu estado de saúde, e o pai resolve ajudar. Nesse momento, a filha prisioneira conseguiu fugir. Para contar essa história, primeiramente, A4 escreveu ALEMÃO e abaixo complementou escrevendo FRITZ – ANTARCTICA, em seguida, sem muita dificuldade, falou “Fritz”, deixando seus colegas surpresos tendo em vista sua dificuldade para falar. Depois, com gestos, mímicas e expressões faciais, indicou sete crianças, imitou uma mulher e um homem com expressões de mal, enquanto seus colegas, que já conheciam esta história, foram acrescentando algumas informações, revelando oralmente o que A4 queria expressar com suas mímicas e expressões, até que toda a história foi contada e discutida.

~~ALEMÃO~~

FRITZ - ANTARCTICA  
86 ANOS

Neste momento, podemos constatar como a modalidade escrita pode ser um caminho para facilitar e auxiliar a organização e emissão da fala de um sujeito afásico. A4, que tem muita dificuldade de expressão, consegue falar a palavra “Fritz” após escrevê-la. Assim, concordamos com Santana (2002) ao afirmar que a escrita do afásico funciona como recurso de orientação para a fala. A linguagem oral se (re)constrói sobre a escrita no sentido de que, ao escrever os sons da fala, nós os utilizamos como apoio para a oralidade.

Observamos que, por mais de uma vez, através de palavras topicalizadas e fragmentadas, desorganizadas espacialmente no papel, o sujeito A4 consegue transmitir uma informação nova no Grupo, narrando uma história através do uso de gestos, mímicas, expressões faciais e da fala.

Durante o 19º encontro, a organizadora da Oficina de Fala e Escrita colocou quatro reportagens atuais, soltas sobre a mesa, e, quatro imagens referentes às reportagens. Como o sujeito A4 já conhecia aquela atividade, sabendo que teria que comentar sobre uma daquelas reportagens, antes que a atividade fosse iniciada, A4 escreveu AMOZAN, parou, pensou e reescreveu AMAZONIA – PARÁ, depois, escreveu abaixo E.U.A. – JAPÃO. Diante desta escrita, com gestos e mímicas, comentou sobre um tema muito abordado na TV que não estava entre as reportagens sobre a mesa, relacionado ao interesse da Internacionalização da Amazônia por países como os Estados Unidos e o Japão, que mais poluem o planeta. Comentando que esses países ricos (fazendo um gesto de dinheiro na mão), como o Japão e os EUA (apontando as palavras escritas), não estão interessados em poluição mundial e sim nos ricos produtos que a Amazônia pode oferecer, escrevendo ACAÍ citando-a como um exemplo de muitos outros produtos da Amazônia e do Pará.



AMOZAN > AMAZONIA - PARÁ  
E.U.A. - JAPÃO  
ACAÍ

Novamente, o sujeito A4 se insere na conversação do Grupo, transmitindo uma informação nova, conseguindo a atenção de todos os outros participantes presentes no encontro, deixando-os interessados na transmissão de sua reportagem e não nas reportagens sugeridas sobre a mesa, mostrando-se atualizado não só

sobre questões de seu interesse pessoal, mas também, com relação a questões políticas e internacionais.

Nesta produção escrita, o sujeito A4 utiliza novamente a correção, embora reescreva a palavra ainda incorretamente, porém, desta vez, o erro está no uso do acento agudo na vogal A no lugar do acento circunflexo na vogal O. Contudo, o erro pode estar relacionado à sua preocupação em utilizar os acentos, confundindo-os e apoiando-os em outras palavras.

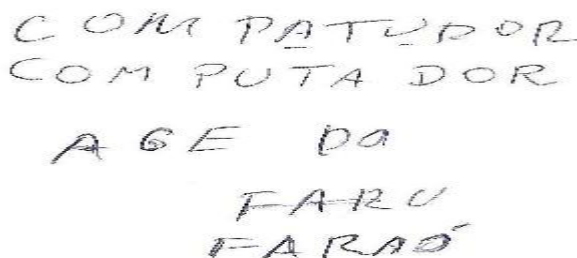
A correção surge, também, sobre as letras escritas de forma incorreta, reescrevendo-as corretamente com mais força, apresentando, assim, a letra correta mais escura, apagando a letra errada.

## **2) Assuntos de interesse particular como computador, internet, jogos, músicas e filmes, comentados em 9 (nove) encontros**

Sobre esse tema, foi observado que o sujeito A4 geralmente recorreu à palavra *computador*, escrevendo-a de diversas formas e com diferentes erros, para comentar algum assunto da internet ou sobre algum CD ou DVD que ele possuía, a exemplo do 2º encontro, ao informar que a atividade que ele mais gosta é usar o seu computador.



No 3º encontro, ao comentar sobre sua preferência por jogos eletrônicos, escrevendo COMPATUDOR e se corrigindo, logo abaixo, ao escrever COMPUTADOR. Depois, indica os seus jogos favoritos escrevendo AGE DO e FARU, concertando, em seguida, e escrevendo abaixo FARAÓ, referindo-se a dois jogos de computador que ele gosta muito.




COM PATUDOR  
COM PUTA DOR  
AGE DO  
FARU  
FARAÓ

No 9º encontro, foi abordado o tema com músicas da década de 80. No início desta atividade, uma afásica, muito religiosa, comentou que só gostava de músicas da sua igreja. Diante deste comentário, A4 escreveu JESUS e perguntou a ela se eram músicas sobre Jesus, sublinhando a palavra enquanto a mostrava.

Depois, A4 escreveu ROCK e lhe perguntaram qual a música de rock que ele gostava mais e qual era a banda de sua preferência. Sobre a música, A4 respondeu escrevendo VIETAN, com relação à banda, ele escreveu OZZY. Neste momento, A6 cantou no ritmo certo, falando apenas “*ra-tá-tá-tá ra-tá-tá-tá ra-tá-tá-tá*, e fazendo um gesto como se estivesse tocando uma guitarra. Com isso, uma das professoras presentes, cantou o seguinte trecho: “*Era um garoto, que como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones, girava o mundo mas, acabou fazendo a guerra do Vietnã. Cabelos longos, não usa mais, não toca a sua guitarra e, sim, um instrumento que sempre dá a mesma nota: ra-tá-tá-tá*”.

A4 confirmou com expressão facial, demonstrando que era sobre esta música que ele queria se referir. A4 pegou o papel, apontou para VIETAN e ROCK confirmando, em seguida, escreveu VOCAL abaixo de OZZY e circulou os dois dentro de um mesmo balão, informando que ali se tratava de outra banda que ele gostava e que também era de Rock. O grupo não conseguiu adivinhar sobre quem ele estava falando, então A4 informou, escrevendo e sublinhando a palavra DVD, que tinha um DVD sobre esse cantor e, com gestos, avisou que traria o seu DVD para o Grupo conhecer e saber sobre quem ele estava falando.



The image shows handwritten notes on a piece of paper. At the top, the word 'ROCK' is written in capital letters. Below it, 'VIETAN' is written. To the right, 'OZZY' is written inside a hand-drawn circle, with 'VOCAL' written below it. At the bottom right, 'DVD' is written and underlined.

Nesta produção, A4 utiliza círculos e traços abaixo de palavras, enfatizando e destacando algumas, facilitando a transmissão da sua expressão, conseguindo conduzir o sentido de sua escrita

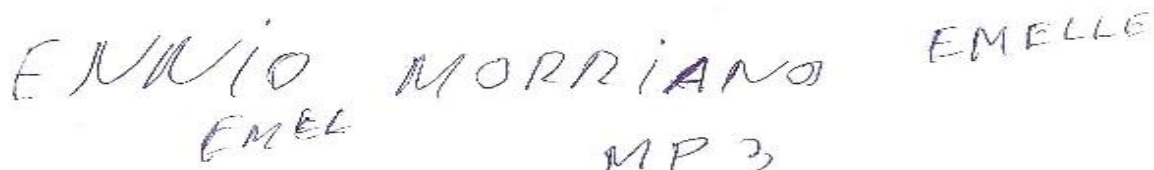
Durante o 11º encontro, A4 escreveu XADREZ sugerindo jogar xadrez, depois, escreveu DVD, sublinhou, apontou a palavra sugerindo jogar xadrez depois da atividade com o DVD.



The image shows handwritten notes on a piece of paper. On the left, 'XADREZ' is written in capital letters. On the right, 'DVD' is written and underlined.



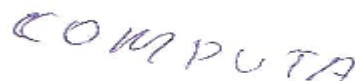
No final do 11º encontro, A4 entregou um CD à organizadora da Oficina, informando, através da escrita, que se tratava de um CD MP3, tentando escrever o nome do cantor por duas vezes sem sucesso. Primeiro escreve EMELLE e depois EMEL, ao perceber que estava escrevendo errado, parou e observou o CD, copiou de forma incorreta ENNIO MORRIANO, informando que o CD era de Ennio Morricone.



Handwritten text on a CD cover: ENNIO MORRIANO, EMELLE, EMEL, MP3

Mesmo recorrendo à cópia, o sujeito A4 não conseguiu escrever corretamente o nome do cantor que ele queria indicar, conseguindo, no entanto, atingir seu objetivo com a elaboração desta escrita, transmitindo a informação corretamente e sendo compreendido pela organizadora da Oficina, a quem ele se dirigia no momento desta produção.

No 13º encontro, A4 escreve COMPUTA, acreditando completa e correta, informando que acompanhou a semana das candidatas a Miss Brasil pela internet em seu computador.



Handwritten word: COMPUTA

O 15º encontro, com a participação da convidada e ex-organizadora do Grupo, pela qual A4 demonstra ter grande simpatia, A4 escreveu COMPUTA, novamente utilizando esta palavra como se estivesse escrita corretamente, depois, complementou com gestos e mímicas, imitando estar em um chat de internet, teclando em um computador e interagindo com alguém, sugerindo que eles se comunicassem pela internet.



Handwritten word: COMPUTA

Com isso, o sujeito A4 afirma que utiliza o seu computador, não só para baixar seus jogos, filmes e se informar sobre os acontecimentos no mundo, mas também, para se comunicar com os outros através de e-mail e chat de bate-papos, reafirmando a importância da escrita em sua vida, no seu cotidiano, para se comunicar e se inserir no mundo.



Durante o 18º encontro, A4 escreveu EMULE duas vezes, uma abaixo da outra, e, ao lado PM3 se referindo a MP3; depois, escreveu COMPATADOR e apontou para si próprio, comentando, com expressões e gestos, que ele costumava baixar várias músicas pelo programa do *emule* em seu computador, e, educadamente, se oferece para gravar o CD do São João, informando que pode baixar as músicas e gravá-las.



EMULE  
EMULE PM3  
COMPATADOR  
COMPATADOR

No 19º encontro, durante a atividade com o som, A4 tirou um CD de sua bolsa e pediu, com gestos e expressões faciais, para a organizadora da Oficina colocar no som o seu CD, depois que escutassem o CD da festa, informando que o seu CD era de rock, escrevendo ROCK OZZI BACOTH, riscando as letras O e H da última palavra, sublinhando, em seguida, todas as palavras ao repetir o pedido, insistindo em ser atendido.



ROCK      OZZI      BACOTH

No momento em que uma pessoa, que não apresenta dificuldades de expressão oral, insiste em um assunto ou reforça um pedido, geralmente recorre a fenômenos prosódicos como a entoação para dar maior ênfase, buscando transmitir o sentido desejado. Tudo indica que esse recurso pode ser visto na produção escrita de uma pessoa que apresenta dificuldade de expressão oral, e utiliza a escrita para se expressar, como o sujeito A4, evidenciando em sua produção escrita a utilização de linhas e traços para sublinhar as palavras que ele pretende destacar e enfatizar durante a sua comunicação, a exemplo da produção acima.

Com isso, a ênfase presente na oralidade é refletida na escrita através de elementos que destaquem as palavras, frases, textos, desenhos ou elementos pictóricos, como sublinhação, círculos, escrita em tamanho maior, canetas coloridas ou uso de marca-textos, enfim, qualquer tipo de elemento que realce essa produção.

No penúltimo encontro, A4 presenteou A5 com um CD, informando que ele tinha gravado um CD com músicas do cantor preferido de A5, escrevendo CARLOS ROBERTO, se referindo ao cantor Roberto Carlos, depois, apontou a palavra CD informando que se tratava de um CD comum e não MP3.

CARLOS ROBERTO

Podemos observar nesta produção que A4 consegue atingir seu objetivo, informando o nome do cantor, não deixando dúvidas ao seu interlocutor, embora tenha escrito o nome do cantor com as palavras organizadas na ordem inversa do nome do cantor, apresentando outro nome próprio composto comum, o que poderia causar uma confusão ou dificuldade de compreensão por parte do interlocutor. Porém, a rápida interpretação do interlocutor justifica-se pelo fato de existir entre os sujeitos afásicos, A4 e A5, conhecimentos prévios partilhados, como também, pelo fato do cantor referido por A4 ser bastante popular e conhecido entre eles.

Ainda neste encontro, A4 também tinha sido presenteado por A6 com um CD, o que A4 informou aos demais participantes presentes escrevendo CD, e que o CD que A6 lhe deu era um MP3, por isso, ele só podia escutá-lo através do seu DVD, escrevendo PM - 3 - DVD.

PM-3 - DVD  
CD

Enquanto vai desenvolvendo sua escrita, A6 percebe que está sendo compreendido e reutiliza as mesmas produções escritas, destacando-as ou apontando-as em diferentes momentos, conseguindo transmitir um sentido diferente para cada situação. Essa ocorrência justifica-se pelo fato dessas produções estarem inseridas em um mesmo contexto, sendo partilhadas com os mesmos interlocutores.

Na produção anterior, A4 reutiliza as palavras PM-3 e CD, destacando-as com um traço abaixo de CD, circulando, depois, ambas as palavras, referindo-as em outro momento da conversação. Assim, A4 consegue ser compreendido por outros afásicos, da mesma forma como se faz entendido por pessoas não-afásicas.

**3) Relato sobre seu AVE, suas principais queixas e dificuldades com relação às seqüelas neurológicas e seu tratamento fonoaudiológico, descritos em 8 (oito) encontros da seguinte maneira**

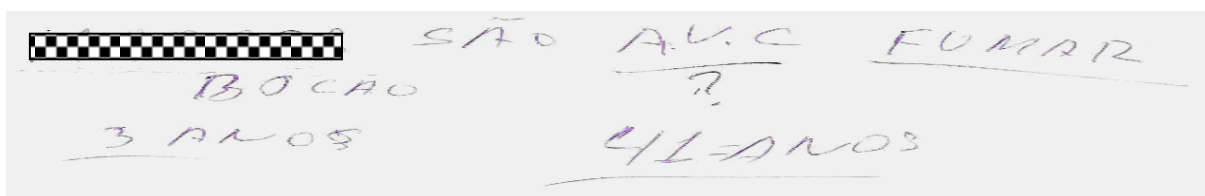
Com relação ao seu acidente vascular encefálico, suas principais queixas e dificuldades com relação à afasia, o sujeito A4 repete a escrita das mesmas palavras ou de palavras semelhantes, inseridas no mesmo contexto, com praticamente os mesmos interlocutores, em diferentes momentos como no 2º, 3º, 7º,

9º, 17º e 20º encontros, embora em diferentes situações, com a finalidade de comunicar uma nova informação sobre o mesmo assunto. É o que acontece com a repetição de palavras, em diferentes encontros, para informações com diferentes sentidos para cada encontro, ao re-escrever as palavras AVC, FUMAR e BOCA, por três vezes, cada palavra.

No primeiro encontro do sujeito A4 junto ao Grupo de Convivência, no ano de 2008, após o recesso de final de ano, a organizadora da Oficina de Fala e Escrita solicitou que A4 se apresentasse aos novos integrantes afásicos do Grupo e lhes contasse um pouco sobre o seu AVE. A4 escreveu seu nome e, em seguida, com dificuldade, falou seu nome. Depois, comentou que a principal causa do seu AVE está relacionada ao fato de ter sido fumante, por isso, escreveu AVC e abaixo uma interrogação, depois escreveu FUMAR com a intenção de apontar o motivo que causou o seu AVC.

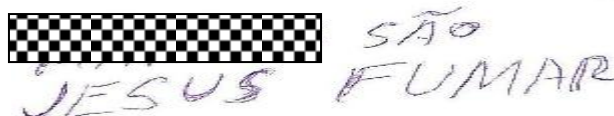
Após perceber que todos o estavam compreendendo por meio de sua escrita, A4 retira de sua carteira um documento destinado ao setor de recursos humanos da AMBEV referente a uma carta de solicitação de aumento de salário, e indica sua assinatura no final do documento, revelando ter sido o responsável pela elaboração deste documento, relatando, assim, que trabalhava na AMBEV e que escrevia muito bem antes do AVE.

Em seguida, A4 escreveu BOCÃO e imitou estar interagindo com outras pessoas, referindo-se, novamente, ao documento em sua mão, comentando que antes do AVE ele era muito comunicativo e tinha muitos amigos no trabalho. Através da escrita, ele informou que tinha 41 ANOS quando teve o AVE, e, em seguida, apontou para uma afásica no Grupo, que sofreu o AVE há três anos, e escreve 3 ANOS, confirmando que o seu AVE tem o mesmo tempo que o da afásica.



Pode-se afirmar que o sujeito A4 conseguiu relatar seu AVE, informando o possível motivo que causou esse incidente em sua vida, e que relatou sua principal queixa através da escrita de apenas algumas palavras, apresentadas de forma topicalizada e fragmentada, assim como o uso de uma interrogação e alguns elementos de destaque, sublinhando algumas palavras.

No 3º encontro A4 lembrou que cansava muito ao jogar futebol, fazendo mímicas de cansado, imitando uma respiração ofegante, escrevendo, em seguida, seu nome e, ao lado, a palavra SÃO. Abaixo, escreveu as palavras JESUS e FUMAR, alegando que, em sua opinião, deve ter sido algum Santo ou Jesus quem o ajudou em vários momentos que sentiu esses desconfortos respiratórios que antecederam o seu AVE, relatando que fumava muito, daí apresentar dificuldades respiratórias e cansar muito rápido durante qualquer atividade física.



A handwritten note on a white background. At the top, the word "SÃO" is written in purple ink. Below it, the words "JESUS" and "FUMAR" are written in purple ink. A black and white checkered rectangular box is drawn over the word "JESUS".

No 7º encontro, A4 escreve BACA, em seguida, sobre o primeiro A, escreve um O, concertando seu erro, escrevendo BOCA; depois, com a mão sobre sua boca, faz um gesto de quem não consegue falar, expressando sua dificuldade comunicativa.



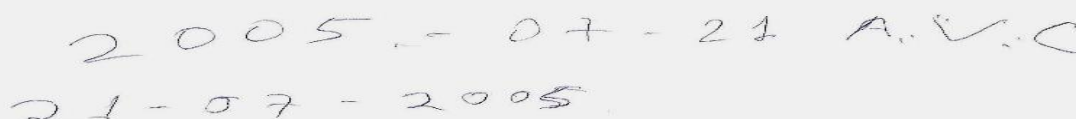
The word "BOCA" is handwritten in purple ink. A small circle is drawn around the letter "O".

Da mesma forma, repetindo o mesmo gesto, colocando as mãos novamente sobre a boca, buscando atingir o mesmo objetivo, o sujeito A4 escreveu BOCA no 9º encontro, não apresentando, dessa vez, qualquer dificuldade, escrevendo-a corretamente.



The word "BOCA" is handwritten in purple ink.

No 17º encontro, ao se apresentar a uma afásica nova no Grupo, o sujeito A4 falou seu nome e escreveu 2005 – 07 – 21 A.V.C informando a data do seu AVC. Ao comentarem sobre o formato da data, dizendo que estava ao contrário, A4 reescreveu abaixo a mesma data, no formato usual 21 – 07 – 2005.



Two lines of handwritten text in purple ink. The first line reads "2005 - 07 - 21 A.V.C" and the second line reads "21 - 07 - 2005".

Apesar de ter escrito a data inversamente, o sujeito A4 consegue se fazer entendido, porém, após chamarem atenção ao formato da data, A4 a corrige, escrevendo-a no formato mais comum.

No 20º encontro, durante a Oficina de Artes, A4 é o primeiro a se apresentar à professora de artes, falando o seu nome e informando a data do seu AVE, escrevendo 21-07-2005 indicando a data do seu A..V..C.

21-07-2005  
A.V.C

Ainda durante a Oficina de Artes, ao concluir sua pintura e explicá-la à professora convidada, A4 escreveu 14 ANOS e apontou para si próprio, contando que ele começou a fumar aos 14 anos, depois, desenhou 4 carteiras de cigarros e com gestos disse que fumava tudo isto em apenas um dia; com mímicas, imitou sentir uma dor de cabeça muito forte seguida por um desmaio, descrevendo o seu AVE e associando-o à quantidade de cigarros fumados em um dia e o tempo que ele fumou.

  
14 ANOS

Seguindo a mesma proposta, o sujeito A4 relata sobre o seu tratamento fonoaudiológico, repetindo a escrita de palavras semelhantes, ou das mesmas palavras, durante o 2º, 9º, 10º e 12º encontro, com a mesma intenção, indicando os dias e os horários de sua terapia fonoaudiológica.

Assim, durante o 2º encontro, A4 escreveu:

TER  
SEX -  
FONO  
08:45

De forma semelhante, A4 escreveu no 9º encontro:

QUA 8:15  
SEX 8:15  
18/03/2008

Praticamente igual ao encontro anterior, A4 escreveu no 10º encontro os dias e os horários, acrescentando a palavra UNICAP, indicando que realiza a terapia fonoaudiológica na Clínica de Fonoaudiologia na Unicap.

QUA 8:15  
SEX 8:15  
UNICAP

Por último, no 12º encontro, escreveu FONO QUA QUI, riscando QUA e QUI ao perceber que se confundiu, reescrevendo abaixo QUA=08:15 – SEE - 08:15 e circulando junto a palavra FONO, excluindo, assim, a informação errada e destacando a informação correta, transmitindo-a sem deixar dúvidas. Ao concluir sua escrita, A4 percebeu que escreveu a sigla referente à sexta-feira errada e se auto-corrige, escrevendo um X sobre o E.



QUA QUI  
QUA=08:15 - FONO - SEX - 08:15

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), a repetição é uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade, favorecendo o movimento da progressão textual, uma vez que, a cada estrutura repetida, uma nova informação é acrescentada ao texto. Já na escrita, a repetição desempenha um forte recurso persuasivo. Entretanto, na escrita do sujeito A4, a repetição surge com a mesma função que na oralidade, ou seja, favorece o movimento da progressão textual, e, a cada palavra repetida por A4, uma nova informação está sendo transmitida.

#### **4) Futebol, discutido em 8 (oito) encontros**

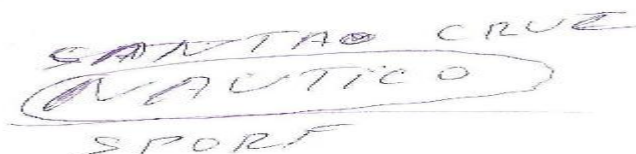
Sobre este tema, A4 recorre, geralmente, às mesmas palavras, indicando o seu time preferido, destacando-o de alguma forma, sublinhando ou circulando, e comentando sobre os times mais populares da cidade, às vezes, indicando algum placar dos jogos já realizados ou sugerindo algum placar de jogos a serem realizados.

Dessa forma, já no 2º encontro, A4 comenta sobre o início do campeonato pernambucano, indicando para qual time irá torcer, escrevendo NÁUTICO.



NAUTICO

No 3º encontro, A4 escreveu o nome dos três times mais populares do Recife, SANTA CRUZ, NÁUTICO E SPORT, depois, circulou o time de sua preferência, destacando-o.



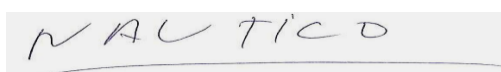
SANTA CRUZ  
NAUTICO  
SPORT

No 7º encontro, A4 escreveu NAUTICO SANTA CRUZ SPOATR, uma palavra abaixo da outra, e, ao lado, indicou com traços a quantidade de gols que cada time fez nos últimos jogos.



NAUTICO 2  
SANTA CRUZ 4  
SPOATR 1

Durante o 9º encontro, A4 apenas escreveu o nome do seu time, destacando-o sublinhando e indicando com gestos que é o melhor time.



NAUTICO

No 13º encontro, A4 brincou com A6, apontando para baixo, indicando que o time do amigo será rebaixado, escrevendo, em seguida, NAUTICO referindo ser este o melhor time, e escrevendo SPORT, concordando que esse time também caminha bem no campeonato.



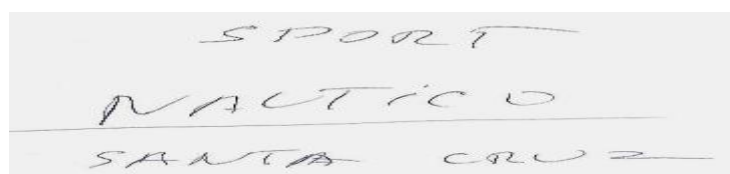
NAUTICO SPORT

Durante o 18º encontro, foi debatido sobre a final da Copa do Brasil de 2008, tendo sido comentada a realização da semi-final em Recife com o jogo do Sport X Vasco. Neste momento, A4 escreveu SPORT, comentando sobre este acontecimento na cidade, e SANTA CRUZ, querendo perguntar ao sujeito A6 sobre o seu time, utilizando ainda expressões faciais e gestos. Encerrando o assunto, A4 escreveu NAUTICO e completou fazendo elogios ao seu time.



SPORT  
SANTA CRUZ  
NAUTICO

No 19º encontro, A4 comentou que o Sport ganhou do Vasco e que estava na final da Copa do Brasil de 2008, escrevendo SPORT. Abaixo, A4 escreveu NAUTICO e SANTA CRUZ, depois, apontou para a palavra NAUTICO, sublinhando-a, enfatizando mais uma vez o seu time preferido.



SPORT  
NAUTICO  
SANTA CRUZ

Com a realização da final da Copa do Brasil 2008 em Recife, A4 confessou, durante o 20º encontro, que iria torcer pelo Sport, justificando sua torcida,



informando por gestos e expressões faciais que estava torcendo pelo estado de Pernambuco contra o estado de São Paulo e não apenas pelo time do Sport. Com isso, sugeriu o placar do jogo escrevendo:

SPORT 3 X 0 CONT

De acordo com Marcuschi e Dionísio (2005), a repetição na escrita exerce um recurso persuasivo. Dessa forma, através da repetição da palavra NAUTICO, sempre destacada em suas produções escritas, o sujeito A4 consegue convencer a todos sobre sua opinião com relação ao melhor time do estado de Pernambuco.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), quando alguém escreve algo, está, concomitantemente, expressando sua atitude ou ponto de vista sobre o que escreve. Pode-se afirmar que, nas produções escritas do sujeito A4, sobre o tema *futebol*, a transmissão do seu time preferido, bem como sua opinião sobre os times populares da cidade do Recife, está explicitado, em sua escrita, o seu ponto de vista com relação ao tema discutido.

Pode-se, ainda, levantar a hipótese de que se encontram presentes nas produções do escritor afásico, implícita ou explicitamente, elementos como a repetição e marcadores de destaque, utilizados como uma das estratégias de formulação textual, desempenhando um forte papel argumentativo e persuasivo.

##### **5) Comentários relacionados às ex-organizadoras do Grupo de Convivência, levantados em 7 (sete) encontros**

O sujeito A4 sempre foi um dos participantes mais assíduos e envolvidos com o Grupo de Convivência para Afásicos, desde sua origem, quando era organizado por duas alunas do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, as quais serão referidas aqui como C1 (convidada 1) e C2 (convidada 2).

Entretanto, ao concluírem os seus mestrados, C1 e C2 afastaram-se do Grupo de Convivência, não participando mais dos encontros semanais. No entanto, o sujeito A4 tem o conhecimento de que a atual organizadora do Grupo é amiga de C1 e de C2, daí, freqüentemente, ele perguntar pelas ex-organizadoras do Grupo, em especial, por C1, por quem teve grande simpatia.

Assim, o sujeito A4 faz referência por escrito, através de conversas espontâneas durante o 2º, 3º, 7º, 12º, 14º, 15º e 20º encontros, a C1 e C2, comentando, perguntando ou informando algo a respeito delas. Para isso, A4



geralmente utiliza as mesmas palavras, escrevendo os nomes de C1 e C2, freqüentemente, escrevendo corretamente o nome de C1 e com erros o nome de C2, e escrevendo corretamente o estado em que, atualmente, C1 está morando.

No 2º encontro, A4 comentou com uma afásica do Grupo que também utiliza bastante a escrita para se comunicar, sobre o trabalho de C1 com a sua escrita, escrevendo o nome de C1 e sublinhando-o.



No 3º encontro, A4 pergunta como está C1 à organizadora da Oficina de Fala e Escrita, escrevendo corretamente o nome de C1.



No 7º encontro, após a data das apresentações das dissertações de mestrado de C1 e C2, relacionadas à Afasia e às atividades desenvolvidas no Grupo de Convivência durante o ano de 2007, ambas assistidas por A4, a organizadora da Oficina sugeriu que A4 contasse sobre as apresentações aos afásicos do Grupo que não puderam assistir às defesas. A4 escreveu os nomes de C1 corretamente e o de C2 com erros, reescrevendo por duas vezes, não conseguindo acertar e desistindo; depois, com gestos e mímicas, comentou que ambos os trabalhos foram muito bons, que ele havia gostado das apresentações, e que os trabalhos eram relacionados às suas produções escritas e às dos outros participantes afásicos.



No 12º encontro, ao falarmos sobre a cidade de Olinda, A4 escreve corretamente o nome de C1, lembrando que ela morava em Olinda.



No 14º encontro, após A2 perguntar sobre C1, A4 respondeu escrevendo corretamente o nome de C1 e, com mímicas, conta que ela está viajando e morando longe.



Durante o 15º encontro, C1 esteve presente, participando das atividades da Oficina. No primeiro momento do encontro, A4 conversando com C1, perguntou por C2, escrevendo seu nome de forma incorreta, corrigindo-o, em seguida.



Depois, em outro momento do 15º encontro, A4 escreveu COMPUTA sugerindo a C1 que eles pudessem se comunicar pelo computador quando ela estivesse em São Paulo. Depois, escreveu corretamente o nome de C1, pedindo o seu e-mail, e escreveu SÃO PAULO, afirmando que quando ela voltar a São Paulo ele irá lhe enviar um e-mail.

COMPUTA



SÃO PAULO

No penúltimo encontro, o 20º encontro, no qual foi elaborado o convite para a festa de São João, A4 escreveu o nome de C1, sugerindo que a organizadora da Oficina convidasse C1, enviando-lhe o convite confeccionado por ele.



É importante ressaltar que a ex-organizadora do Grupo, C1, concluiu o seu mestrado com a defesa de sua dissertação, cujo tema principal foi a produção escrita do sujeito A4. Assim, por essa razão e pelo fato de A4 demonstrar simpatia por C1, ele repete por sete vezes, em diferentes encontros e em diferentes situações, através de sua produção escrita, o nome de C1, sempre escrito corretamente em todos os casos.

Contudo, em cada situação, o nome de C1 foi citado relacionando-o a um assunto diferente, como, por exemplo, ao perguntar por C1, ao comentar sobre sua apresentação da dissertação, ao lembrar que C1 morava em Olinda, ao informar que ela está morando em outra cidade, ao interagir com C1 propondo manterem o

contato através da internet, e ao sugerir convidá-la para a festa de São João do Grupo.

Assim, a repetição da palavra referente ao nome de C1 é utilizada pelo sujeito A4 em sua produção escrita, de acordo com o que Marcuschi e Dionísio (2005) afirmam sobre o uso da repetição na modalidade escrita, ressaltando que a cada estrutura repetida, uma nova informação é acrescentada ao texto.

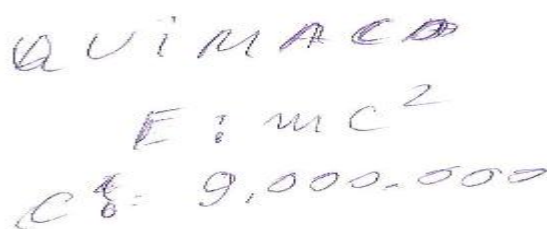
**6) Assuntos relacionados à sua vida pessoal, como também, interação com outros afásicos, ocorridos durante 7 (sete) encontros**

No geral, o sujeito A4 comentou, durante os encontros do Grupo, sobre o que fazia antes do AVE, quais eram os seus hábitos no dia-a-dia e o que costumava fazer como lazer, nos fins de semana e feriado. Comentou com frequência sobre o uso que fazia de bebidas, comidas salgadas e cigarros, escrevendo, na maioria das vezes, palavras relacionadas a bebidas e comidas.

Diante deste assunto, A4 sempre encontrava semelhanças com seus colegas, e, vice-versa, principalmente com o sujeito A6, que tinha os mesmos hábitos que os seus e gostava de beber, fumar e comer alimentos muito temperados e salgados, embora, com frequências diferentes. Por isso, quando esses assuntos eram debatidos, geralmente, esses afásicos interagiam entre eles, compartilhando histórias e experiências parecidas.

Conseqüentemente, nas produções escritas de A4, realizadas durante o 7º, 9º, 11º, 12º, 17º e 18º encontro, constatam-se momentos de interação entre os afásicos sobre seus hábitos e costumes, antes e após o AVE, tendo o sujeito A4 interagido com outros afásicos, conseguindo ser compreendido por eles, apenas, através do uso da escrita, de gestos e mímicas.

No 7º encontro, A4 escreveu QUIMOCO, logo abaixo E:MC<sup>2</sup>, e, mais abaixo C:=9,000,000, dirigindo-se a A6 que era professor de química e havia faltado há dois encontros anteriores, demonstrando que havia sentido a sua ausência. Depois, com gestos perguntou a A6 o motivo das faltas.



QUIMOCO  
E:mc<sup>2</sup>  
C:=9,000,000

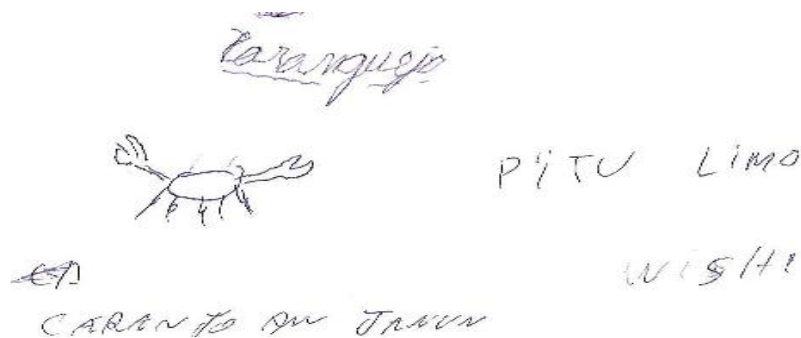
Para conseguir a atenção do sujeito A6, A4 recorre à escrita, embora não escreva o nome de A6, recorrendo a palavras relacionadas às características desse sujeito, e, assim, consegue atingir o seu objetivo, captando a atenção de A6, buscando interagir com ele através de mímicas e gestos. Observa-se que A4 utiliza a paráfrase como uma estratégia facilitadora, diante de sua dificuldade em expressar ou escrever o nome de A6, facilitando, com isso a compreensão do seu interlocutor.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2002, p.59), a paráfrase é uma atividade de reformulação textual pela qual se restaura “bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte, num texto-derivado”. Dessa forma, a paráfrase exerce inúmeras funções, porém, sua função principal é a de garantir a intercompreensão, assim como o sujeito A6 conseguiu ser compreendido por seus interlocutores ao se referir a A6, por meio da escrita de palavras, fórmulas e números que o caracterizem.

Durante o 9º encontro, houve um debate sobre músicas e festas da década de 80. Neste momento, A6 comentou sobre as festas que freqüentava e o que costumava beber e comer nestas festas. Então, o sujeito A4, conhecendo algumas características de A6, escreveu WISHI indicando que A6 costumava tomar whisky. Com isso, A6 concordou e tentou dizer o que costumava comer, sem sucesso.

Então, o sujeito A4 sugeriu a A6 que ele recorresse à escrita, indicando uma forma de ajudá-lo diante de sua dificuldade de expressão. A6, então, desenhou um caranguejo e escreveu acima a palavra CARANGUEJO. Em seguida, A4 escreveu abaixo CARANJO OU JANUN com a intenção de informar que a época para comer caranguejo é janeiro. Apesar de A4 ter escrito as palavras de forma incompleta e incorreta, A6 entendeu o que A4 quis dizer com esta produção, o que levou A4 a não corrigi-las nem reconhecê-las como existentes na língua.

Com esta produção escrita, A6 comentou que A4 também gostava de beber, porém, informou que A4 não gostava de whisky, e sim, de outra bebida. Em seguida, A4 escreveu PITU e, ao lado, LIMO referindo-se a limão, afirmando que gostava de tomar pitu com limão.

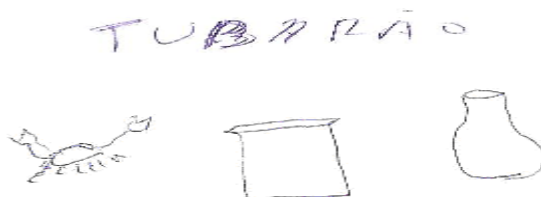


Através do uso da escrita de algumas palavras soltas e fragmentadas e do uso do desenho, A4 consegue interagir com outro afásico, sendo compreendido por ele, veiculando a intencionalidade de sua produção escrita.

No 11º encontro, A4 justificou o fato de ter chegado atrasado aos últimos encontros do Grupo por estar resolvendo assuntos pessoais sobre o seu INSS, escrevendo INSS, e informou que não podia ir sozinho, que estava resolvendo este problema com a ajuda do seu pai, então, escreveu PAI.

INSS PAI

Durante o 12º encontro, enquanto conversávamos sobre a cidade de Olinda, A4 desenhou e escreveu TUBARÃO, querendo dizer que na praia de Olinda têm muitos tubarões, depois, com gestos e mímicas, contou que gostava de ir à praia apenas para beber e comer, e desenhou um caranguejo, uma garrafa e um copo.



Novamente, o sujeito A4 recorre à elaboração de desenhos e elementos pictóricos, juntamente com a escrita de uma palavra, para transmitir uma informação sobre um determinado lugar e descrevendo um lazer de sua preferência.

No 17º encontro, A4 comentou novamente que costumava beber pitu, e que, logo após tomar uma dose da cachaça, ele gostava de beber coca-cola. Com isso, ele escreveu COCA +, e, ao começar a escrever a palavra pitu, logo percebe que estava escrevendo outra palavra, então, para, pensa por uns segundos, demonstra anular o início da palavra ao rasurá-la, depois, reescreve ao lado, corretamente, a palavra PITU.

COCA + HOT PIV

Mais uma vez a correção esta presente na escrita espontânea de A4, ocorrendo no momento em que ele reorganiza o seu texto, interrompe sua produção, despreza a escrita, considerada por ele errada, e tenta reescrevê-la corretamente, as vezes conseguindo seu objetivo, como neste caso, reescrevendo corretamente e transmitindo sua intenção comunicativa.

Durante o 18º encontro, enquanto foi realizada a atividade com fotos de cada participante, A4 selecionou algumas fotos do sujeito A6, todas em que A6 estava em barzinhos dentro de Mercados Públicos da cidade do Recife, segurando um copo de bebida. Com isso, escreveu CEREVEJA e, com expressões faciais, perguntou a A6 se ele gostava de beber cerveja, além do whisky, que já era do seu conhecimento. Em seguida, A4 escreveu COPOS e ao lado desenhou quatro copos, mostrando, em seguida, as fotos que ele havia selecionado de A6 comentando as semelhanças entre as fotos, indicando o fato de todas serem em Mercados Públicos e em todas o sujeito A6 estar segurando um copo.

CEREVEJA  
COPOS 

É interessante destacar que as fotos selecionadas pelo sujeito A4 também foram observadas por outros participantes do Grupo, afásicos e não-afásicos, entretanto, apenas A4 conseguiu observar essas semelhanças, destacando as fotos relacionadas a uma particularidade do sujeito A6, que sempre comentou nos encontros do Grupo sobre o seu tempo de boemia, acrescentando que freqüentava muito os Mercados Públicos e que gostava de tomar whisky.

A4 destaca ainda uma observação sua sobre as características de A6, questionando o fato de A6, que refere nos encontros costumar tomar whisky, estar segurando copos de cervejas nas fotos selecionadas. Para isso, A4 escreveu a palavra cerveja erradamente, referindo-se a esta bebida como CEREVEJA, porém, através do conhecimento partilhado entre os interlocutores, das fotos selecionadas e da semelhança desta escrita com a palavra a qual ele se referia, todos os interlocutores conseguiram compreender rapidamente o que A4 informava, alguns

nem percebendo que a palavra estava escrita com erros.

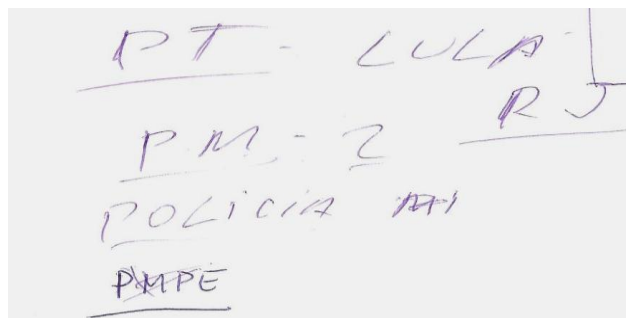
### **7) Política e violência, debatido em 5 (cinco) encontros**

O sujeito A4 é simpatizante do Partido dos Trabalhadores (PT), e durante os debates e discussões sobre política, demonstra sempre em sua escrita a sua preferência partidária, escrevendo algumas vezes as siglas do partido, o símbolo do partido e o nome do Presidente do Brasil, que representa este partido. Defende o seu ponto de vista político, elogiando o partido do PT e criticando a oposição, escrevendo as siglas do partido de maior oposição e do ex-presidente do Brasil, também, principal adversário político do seu candidato. Com isso, além de defender o seu partido político, o sujeito A4 demonstra não simpatizar com a política do Exército Brasileiro e dos Policiais, sejam eles civis, militares ou federais.

Observe-se que é A4 quem geralmente inicia os debates e as discussões sobre esse tema, trazendo notícias de revistas, jornais e internet, sendo o mais atualizado entre os participantes afásicos envolvidos neste trabalho, bem como o que mais defende sua posição e sua opinião, justificando-as com clareza e objetividade, através da escrita e do uso de expressões faciais, gestos e mímicas.

Vale ressaltar que, ao comentar sobre o tema *atualidades*, A4 apontou reportagens relacionadas à violência familiar, como o caso da menina *Isabela Nardoni* e o caso do austríaco *Josef Fritz*, sempre defendendo o seu ponto de vista e transmitindo sua opinião sobre esses assuntos.

Durante o 2º encontro, A4 trouxe uma foto com a imagem do filme nacional *Tropa de Elite*, dessa forma, iniciando um debate sobre a violência e a corrupção existente na polícia. Referindo-se à violência no Rio de Janeiro, escreveu RJ, depois, escreveu PT – LULA, comentando que o PT e Lula não têm nada a ver com essa situação e sim os policiais corruptos, escrevendo POLICIA. Depois, A4 escreve PM ? e coloca uma interrogação ao lado, referindo que, atualmente, nós não conhecemos nem sabemos que tipos de policiais temos nas ruas, em seguida, tenta escrever PM, pára, rasura seu erro e se auto-corrige, escrevendo abaixo PMPE mencionando a polícia militar de Pernambuco, comparando-a com a do Rio de Janeiro e os policiais do filme.

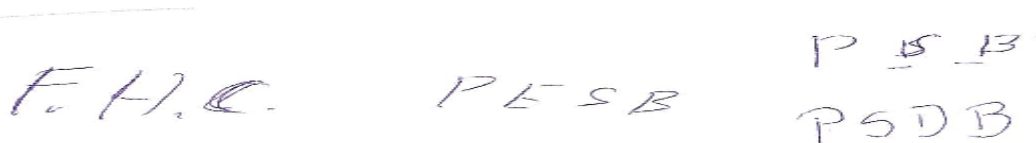


Com palavras topicalizadas, transmitindo o sentido de um texto, desorganizadas espacialmente, o sujeito A4 consegue comunicar a sua opinião sobre a violência e a política existente entre os policiais, comentando sobre um filme recente, mostrando-se atualizado e reforçando seu ponto de vista com relação a esses assuntos.

Ao transmitir sua intencionalidade comunicativa, A4 enfatiza algumas palavras sublinhando-as, faz uso de pontuação, como a interrogação, construindo o sentido do seu texto, recorrendo, também, à correção para conduzir o sentido da sua comunicação.

No 10º encontro, A4 trouxe para o encontro uma reportagem retirada da revista *Veja*, falando sobre gastos absurdos que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e sua esposa, Ruth Cardoso, teriam feito com vinhos e viagens. Após mostrar a capa da revista, A4 escreveu F.H.C., ao lado, tentou escrever as siglas de seu partido, escrevendo PESB, informando que, após essa denúncia, foi aberto um dossiê contra o partido do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. A4 apontou para a palavra que havia escrito F.H.C. e com gestos e expressões fez um sinal de que o ex-presidente tinha roubado, e que era ladrão.

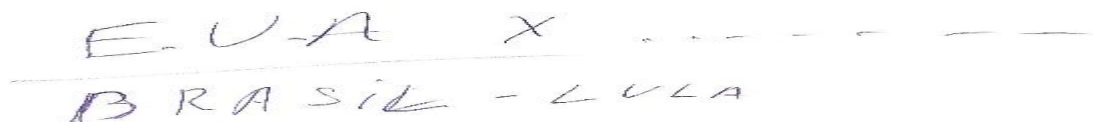
Ao rever sua escrita, A4 reconhece que escreveu de forma errada a sigla do partido e pede ajuda à organizadora da Oficina que lhe atende ao pedido, escrevendo a sigla que ele pretendia escrever corretamente, PSDB. Em seguida, ele escreve acima PSB, sublinhando a letra S e B, fazendo um sinal de positivo, para explicar que foi este o partido que denunciou o PSDB, por isso, era um bom partido.




Ainda no 10º encontro, o grupo discutiu sobre as eleições de 2008 nos Estados Unidos e a disputa entre Hillary Clinton e Barack Obama, ambos do partido democrata dos EUA. Neste momento, A4 escreveu E.U.A X ....., abaixo, escreveu



BRASIL – LULA, comentando que não se importa sobre quem irá governar os Estados Unidos, contudo, está satisfeito com o seu candidato Lula e o seu partido aqui no Brasil.




No 11º encontro, A4, pensativo, escreveu DILMA, referindo-se à Ministra Chefe da Casa Civil, na época do encontro em que negava ter feito um dossiê contra o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, porém, ele sublinhou o nome que havia escrito e fez uma expressão de irônia, chamando-a de mentirosa, dizendo, através de mímicas que ela também roubava. Depois escreveu PSBR e abaixo FHC, fazendo uma expressão de desgosto dessa pessoa e desse partido, repetindo com mímicas, como se estivesse guardando dinheiro no bolso, acusando essa pessoa e seu partido de ter roubado. Após apresentar sua opinião sobre este assunto, A4 percebeu que havia escrito errado, então, escreveu em cima da letra B a letra D, tentando corrigir a sigla.



É possível observar que, mais uma vez, A4 escreve confundindo a localização das letras de uma palavra, mas, mesmo assim, consegue transmitir sua intencionalidade ao escrever aquelas letras indicando a sigla de um partido.

Ainda no 11º encontro, em relação à conversa sobre a presença do Presidente Lula e do Presidente Hugo Chávez da Venezuela em Recife, indo a Suape junto com o Governador de Pernambuco, Eduardo Campos, para assinarem o acordo sobre a Refinaria de petróleo no Porto de Suape, A4 desenhou um quadrado todo rabiscado como uma rede ou peneira, acima escreveu 58%, informando que o acordo realizado entre os representantes políticos não foi dividido em partes iguais e que o Brasil ficaria com mais poder do que a Venezuela. Depois, fez um traço ao lado de 58% e escreveu LULA, referindo que Lula teria 58% e Hugo Cháves o restante, com isso, fez um gesto de legal e apontou para a palavra LULA. Neste momento, A4 fez alguns elogios a Lula e escreveu LALU, riscando em seguida, reescrevendo-a como LUCA, percebendo novamente o erro, concertou escrevendo um L sobre o C. O sujeito A4 ainda comentou sobre o interesse da Venezuela em nosso petróleo, escrevendo VENEZULAR.

VENEZUELA  
LUA  
LUA - 58%



O uso de elementos pictóricos na escrita do sujeito A4 só é possível ser interpretado por ser explicado pelo próprio autor do desenho, não apenas por este elemento estar contextualizado, visto que, ainda assim, seria confusa a sua interpretação e compreensão.

No 18º encontro, o sujeito A4 comentou com o sujeito A6 sobre a fotografia de seu pai em frente à Faculdade de Direito do Recife, a qual foi bastante comentada durante a atividade com fotografias. Na ocasião, A4 perguntou a A6 se o seu pai tinha sido algum político, e escreveu PT e uma estrela em cima, indicando o símbolo do partido.



Nesse momento, o sujeito A4, que não queria referir-se a este partido particularmente, faz uso de uma hiperonímia, pois, nesta produção, esses elementos referem-se apenas ao tema política, como uma forma de representar essa palavra diante de sua dificuldade em escrevê-la ou expressá-la.

No 19º encontro havia chovido muito na cidade do Recife e região metropolitana e a organizadora da Oficina, que morava em Olinda, criticava a prefeitura de sua cidade. Neste momento, A4 começou a escrever PREFE, quando foi interrompido pela organizadora da Oficina que comentou: “*Eu sei A4, eu sei que você quer defender sua prefeita né?*”, fazendo que A4 não concluísse a palavra, depois, ele desenhou uma estrela grande e dentro dela escreveu PT, fazendo um gesto de legal com o dedo polegar, referindo-se que o PT era bom, e que a Prefeita de Olinda, por fazer parte de uma coligação com o PT, também era uma pessoa boa.

PREFE



Através de todos os temas discutidos e comentados por A4, e de sua produção escrita, desenvolvida como conversas espontâneas, pode-se constatar que, pelo fato do sujeito A4 raramente conseguir se comunicar através de sua fala, ele se apóia na escrita como a sua principal forma de expressão, tornando-a fundamental para sua comunicação.

Por este motivo, o gênero conversa espontânea foi o mais utilizado pelo sujeito A4, sendo o gênero em que ele apresentou mais facilidade para desenvolver, possivelmente, por ser menos formal, estando dentro do contínuo tipológico defendido por Marcuschi (2008) entre os mais próximos das produções da fala do que da escrita, justificando a evidência de características próximas à oralidade.

Destacam-se, como principais características na produção escrita do sujeito A4 como apoio à conversa espontânea, a fragmentação e a topicalização, refletidas como marcas de oralidade, visto que a fala do sujeito A4 é bastante fragmentada, limitada à produção de poucas palavras, expressas através da emissão de uma única palavra, a qual consegue veicular o sentido de uma frase completa, ou mesmo, um texto maior.

Por ser fragmentada, a produção escrita do sujeito A4 é representada por meio de palavras soltas, desorganizadas espacialmente, podendo ser encontradas palavras referentes a um mesmo assunto, em extremos opostos do espaço disponível para a produção escrita, ou seja, nem mesmo as palavras relacionadas à um mesmo tema são organizadas linearmente, próximas umas às outras.

A topicalização está presente na escrita do sujeito A4 através da presença de poucas palavras, ou mesmo, de uma única palavra, indicando um tema ou um assunto, e, dessa forma, transmitindo o significado e a intenção do que quer expressar através daquela palavra, assim, como em sua fala, todo o sentido de um texto.

Pelo fato da produção escrita do sujeito A4 apresentar-se fragmentada e topicalizada, observa-se, organizando-a em temas, que surgem palavras recorrentes

em seu discurso, mesmo em se tratando de diferentes assuntos. Ou seja, para expressar-se sobre um determinado assunto, mesmo que debatido em diferentes situações, A4 utiliza as mesmas palavras ou palavras semelhantes, da mesma forma como acontece em sua fala. Essa repetição de palavras relacionadas a um mesmo tema, em diferentes circunstâncias, é considerada como uma marca de oralidade presente na escrita de A4.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), a repetição é uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade, favorecendo o movimento da progressão textual, uma vez que, a cada estrutura repetida, uma nova informação é acrescentada ao texto. Já na escrita, a repetição desempenha um forte recurso persuasivo. Entretanto, na escrita do sujeito A4, a repetição surge com a mesma função que na oralidade, ou seja, favorece o movimento da progressão textual, e, a cada palavra repetida por A4, uma nova informação está sendo transmitida.

Contudo, a ocorrência do uso de poucas palavras, conseguindo transmitir sentidos e idéias, só é possível porque A4 está inserido em um contexto no qual todos os participantes compartilham conhecimentos prévios, ou seja, todos os seus interlocutores já o conhecem e estão cientes de suas opiniões sobre alguns assuntos, como também, de suas limitações para expressá-las.

Segundo Koch (2006b), o contexto físico afeta a linguagem por intermédio de conhecimentos do falante e do ouvinte, de modo que a maior parte dos levantamentos contextuais é recuperada na memória, isto é, o contexto sócio-cognitivo dos interlocutores, sendo este um conjunto de suposições trazidas para a interpretação de um enunciado. Por isso, o sujeito A4 consegue ser compreendido, facilmente, por seus colegas participantes do Grupo de Convivência para Afásicos, através de conversas espontâneas, mesmo expressando apenas uma ou outra palavra.

Segundo Santana (2002), através da produção escrita do afásico, esses sujeitos acabam deixando marcas do processo de criação do texto, ficando evidenciadas as marcas de reformulações, as palavras e enunciados nos quais os afásicos têm mais dificuldades, as auto-correções e inserções de letras e palavras, a percepção e a correção de erros, bem como as tentativas ou a desistência de acertos. Todos os sinais indicados pela autora como marcas presentes na escrita do afásico foram constatados nas produções escrita de A4 dentro do gênero conversa espontânea.

Surgiu, ainda, nas produções escritas de A4, em diferentes formatos, a presença de correções, registradas em vários episódios no gênero conversa espontânea. Considerando a correção como uma marca mais presente na oralidade do que na escrita, a grande ocorrência na escrita de A4 justifica-se pelo fato do gênero conversa espontânea ser classificado, dentro do contínuo tipológico defendido por Marcuschi (2008), como um dos menos formais, estando mais próximo das produções da fala do que da escrita.

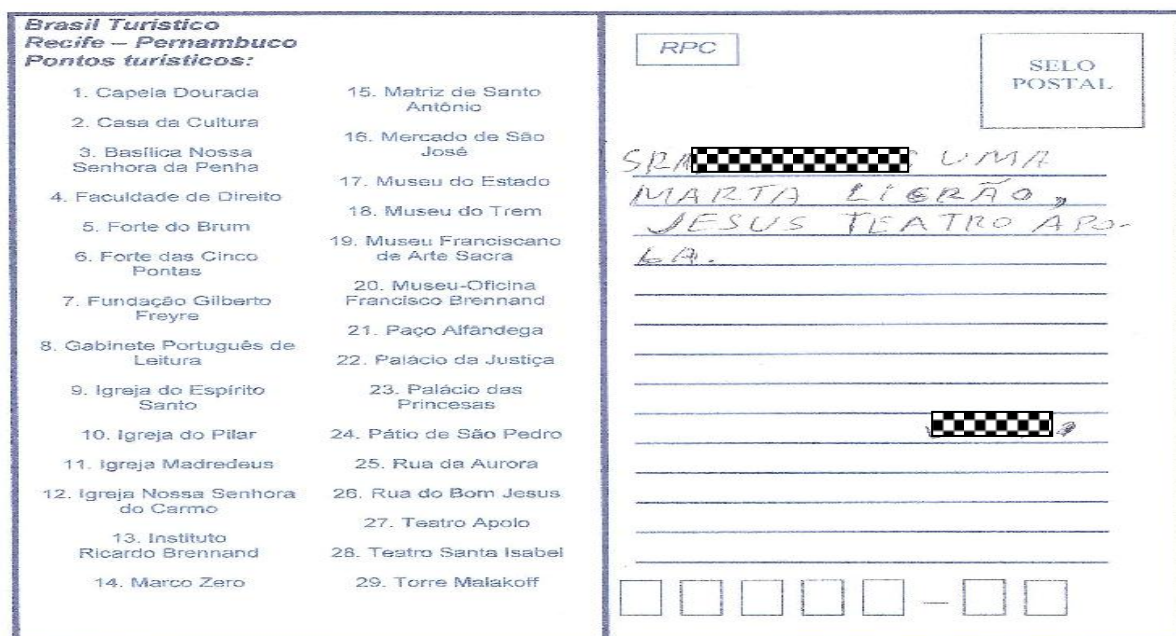
Para Fávero, Andrade e Aquino (2002), a correção desempenha um papel considerável entre os processos de construção do texto, correspondendo à reformulação de um enunciado considerado “errado” aos olhos de um dos interlocutores, revelando uma reorganização das infrações lingüísticas dos participantes. Como a linguagem do sujeito A4 encontra-se desorganizada, tanto em sua fala quanto em sua escrita, pode-se esperar que seja freqüente o uso de correções, como um processo interativo e colaborativo, em ambas as modalidades da língua.

Através da produção escrita pelo sujeito A4 como conversa espontânea, é possível concluir que A4 utilizou uma série de “estratégias conversacionais”, semelhantes às *Máximas de Grice* (KOCH, 2006a, p.79). Contudo, de acordo com a autora, essas estratégias são comuns na fala dos interlocutores em uma interação face a face. Essas estratégias encontram-se presentes na produção escrita do sujeito A4, em momentos nos quais ele interrompeu sua escrita ao perceber que já havia sido compreendido, ou, em momentos que, ao perceber que não estava sendo compreendido, suspendeu a informação que estava tentando transmitir, mudando o caminho, introduzindo novas informações com novas palavras ou desenhos, como também, ao perceber que formulou algo de forma inadequada, interrompendo sua produção escrita e corrigindo-a imediatamente.

#### **- Cartão postal**

Esta atividade foi realizada durante dois encontros, como explicado na análise da produção textual escrita do sujeito A1, sobre o Teatro Apolo. Inicialmente, A4 se identificou escrevendo o seu nome, em seguida, escreveu UMA seguido do nome de uma mulher, e, a palavra LIGARÃO, querendo explicar, através de mímicas, que essa mulher foi uma ex-namorada sua, que ele a convidou, por telefone, para ir ao TEATRO APOLO. Entretanto, essa história só foi esclarecida,

quando A4 interpretou com mímicas de beijos e abraços, como se estivesse sentado ao lado de uma namorada, dentro de um Teatro. Por fim, escreveu o nome de C1, ex-organizadora do Grupo, indicando que gostaria de enviar este cartão a ela, contando-lhe essa história.



Com relação à atividade com o gênero textual cartão postal, observa-se que A4 não informa as principais características de um cartão postal, ou as informa inadequadamente, identificando-se como o destinatário, logo no início do texto, e informando o destinatário no lugar da sua identificação ou assinatura, trocando as informações. No entanto, segue a sugestão facilitadora proposta pela organizadora da Oficina de Fala e Escrita ao explicar esta atividade, recorrendo a lembranças e descrevendo os lugares dessas lembranças. A4 indica um lugar ao escrever TEATRO APOLO e relata, não pela escrita, mas através de gestos, mímicas e expressões faciais, um momento vivido por ele neste lugar.

Conforme pôde ser visto em sua produção escrita, no gênero conversa espontânea, A4 apresenta uma escrita topicalizada, justificada pelas características presentes em sua linguagem oral. Com isso, também foi possível constatar em sua produção escrita para o gênero cartão postal características de sua produção oral, como o uso de poucas palavras, a ausência de artigos e conectivos de ligação e a carência de informações expostas.

Verifica-se, também, a presença de algumas palavras que, em princípio, não indicam relação com o tema, como a escrita da palavra JESUS. No entanto, quando explicada pelo sujeito A4, através da sua interpretação, vê-se a relação com

a história descrita, visto que A4 refere-se a Jesus como o seu protetor e principal responsável pela realização de suas histórias já vividas.

Contudo, A4 confunde o leitor que se perde sobre o tema sobre o qual está lendo, ao combinar palavras relacionadas à sua opinião com palavras relacionadas à descrição de um lugar e a narração de uma história vivenciada neste mesmo lugar, como a proposta para o cartão postal.

Em algumas palavras escritas com erros, como LIGRÃO, não se verificou a ocorrência da correção, possivelmente por A4 estar mais preocupado com a apresentação estética do texto, de não querer rasurar ou riscar. Contudo, A4 não a reconhece como erro, e, ao explicar o texto, aponta para essa palavra, explicando-a e lhe dando sentido, como se estivesse escrita corretamente.

Segundo Pêcheux ([1969]1990 *apud* SANTANA, 2002, p.61), “o discurso escrito, como o oral, é um efeito de sentido entre interlocutores, e o sentido não é dado pelo texto, mas pelo leitor”. Dessa forma, quem interage com o sujeito A4 consegue compreender o sentido do seu discurso escrito, reconhecendo suas limitações e dificuldades expressivas, assim como conhecendo o contexto e a situação em que essa escrita está inserida, através das explicações e interpretações realizadas pelo próprio A4 com relação a sua produção escrita.

#### **- Narração sobre filme assistido**

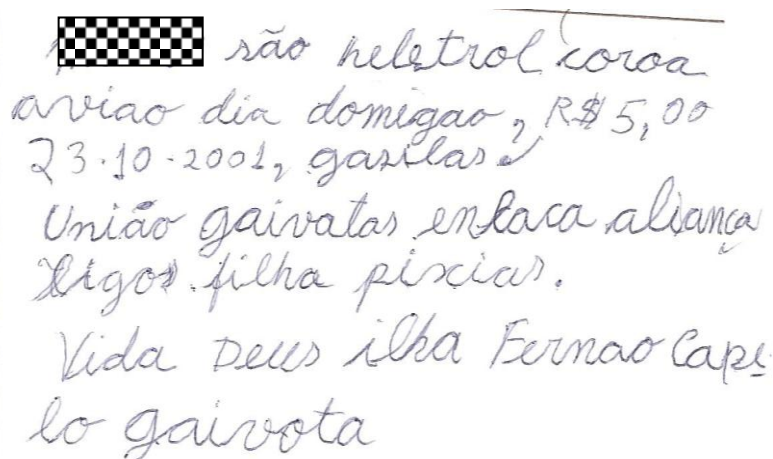
Esta atividade foi realizada conforme a explicação na análise da produção textual escrita do sujeito A3. Entretanto, o sujeito A4 foi o único participante a realizar esta atividade relacionada ao filme *Fernão Capelo Gaivotas*, assistido na Oficina de Fala e Escrita durante o 14º encontro.

Este filme é baseado em um romance que se tornou best-seller na década de 80, no qual *Fernão Capelo Gaivota* é uma ave que não se contenta em voar apenas para comer, e tem prazer em voar e esforça-se em aprender tudo sobre vôo. Por ser diferente do bando, é expulso. Este filme é uma parábola, e assim, faz uma analogia entre o homem e a gaivota, no sentido de mostrar as dificuldades de superação dos limites, do encontro com a liberdade verdadeira, pautada no amor e na compreensão do outro.

Baseada nas características do filme, a organizadora da Oficina de Fala e Escrita sugeriu que os participantes afásicos escrevessem sobre “O que eles acharam do filme? O quê o filme quis transmitir? Qual a linguagem abordada no

filme? O que as imagens observadas pela gaivota queriam informar? Qual a idéia principal do filme?"

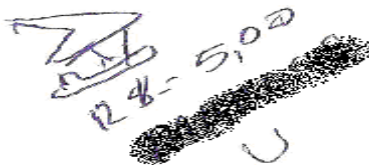
Diante dessas perguntas sugestivas de uma narração ou crítica sobre o filme, A4 escreveu sozinho, em seu lugar, sem comentar o que foi escrevendo, como era seu costume. Ao concluir, mostrou o papel que tinha escrito sobre o filme e depois o entregou à organizadora da Oficina que leu em voz baixa ao seu lado.



São Heletrol Coroa  
avião dia domingo, R\$ 5,00  
23.10.2001, garilas  
União gaivotas enlaca aliança  
Ligo filha pixiar.  
Vida Deus ilha Fernao Cape  
lo gaivota

Em seguida, a organizadora foi perguntando a A4 sobre sua produção, demonstrando não ter interpretado o que ele expressava. A4 explicou todo o texto escrito, através de outra produção, escrita em sua folha de conversas espontâneas, e através de gestos e mímicas.

Sobre o trecho escrito por A4 referente a: SÃO HELETROL COROA AVIÃO DIA DOMINGAO, o sujeito a A4 explicou, apontando a palavra HELETROL e imitando um helicóptero ou avião, depois, apontando para si próprio e para as palavras COROA AVIÃO DIA DOMINGAO, explicou com mímicas e gestos que já andou de helicóptero ou avião na Ilha da Coroa do Avião em um dia de domingo. Ao perceber que estava sendo compreendido, A4 continuou esclarecendo sua produção escrita e desenhou um pára-quedas ou asa delta, e, abaixo, escreveu novamente R\$ 5,00, assinou seu nome e escreveu U.



R\$ 5,00  
U

Nesse momento, perguntaram a A4 se ele estava referindo-se a uma asa delta com o seu desenho. Então, a organizadora da Oficina comentou que há alguns anos atrás era muito comum ver asas deltas pousando na Coroa do Avião. Com



isso, A4 confirmou com a cabeça e descreveu com mímicas sua experiência em andar de asa delta em um dia de domingo, cuja data ele coloca na continuação do seu texto sobre o filme, escrita assim: R\$ 5,00 23-10-2001.

Ao perguntar a relação de seu texto com o filme, A4 explicou com gestos que, ao ver as imagens de diversas ilhas no filme, ele se lembrou da Ilha da Coroa do Avião e de sua experiência em voar de asa delta, dizendo com mímicas que a vista que a gaivota tinha no filme era a mesma que ele teve quando voou de asa delta. Depois, A4 indicou a escrita de R\$ 5,00 informando que essa sua experiência saiu por apenas 5 reais.

No texto sobre o filme, A4 escreveu GASILAS referindo-se a gaivotas, comentando que na Ilha da Coroa do Avião também tinham muitas gaivotas.

Continuando sua explicação com relação ao texto sobre o filme, A4 esclarece que UNIÃO GAIVATAS ENLACA ALIANÇA LIGOS, FILHA PISCIAS, referia-se ao fato de que a gaivota do filme representa união, como também, a aliança do pai com o filho, já que o filme retrata um trecho em que a gaivota defende seus filhotes, depois, deixa-os seguir sozinhos, reencontrando-os apenas no final do filme. A4 relembra que, nesta cena, a gaivota e seus filhotes estão em uma piscina natural entre as rochas perto do mar.

Concluindo, A4 explicou o trecho escrito VIDA DEUS ILHA FERNÃO CAPELO GAIVOTA, através de gestos e expressões faciais, comentando que o filme transmite algo sobre a vida que nos foi presenteada por Deus, além de comentar que as cenas mais bonitas no filme foram as lindas ilhas, escrevendo, ao final, o nome do filme corretamente, ao copiar da capa do DVD.

Diante da narração do filme *Fernão Capelo Gaivota* escrito por A4, verificamos sua dificuldade em conseguir se fazer compreendido ao narrar ou descrever um filme através da escrita, apesar de ter produzido este texto sem demonstrar dificuldade, não recorrendo a ajuda, nem apresentando correções ou rasuras. Essa dificuldade de conseguir ser compreendido através do seu texto escrito está relacionada à forte presença das características de sua oralidade em sua escrita, com topicalizações e fragmentos de apenas algumas palavras, não as relacionando a um mesmo tema, confundindo o leitor e dificultando a sua interpretação.

Para Morato (2002), os enunciados dos afásicos às vezes parecem desconexos, fazendo com que esses sujeitos sintam-se à deriva porque não

conseguem estabelecer relações de sentido entre as palavras ou entre as palavras e as coisas do mundo a que se referem, dificultando não apenas os processos expressivos da linguagem, como também os interpretativos. Concordando com a autora, podemos afirmar que expressão do sujeito A4, através de suas produções escritas, geralmente, parece desconexa, principalmente pelo fato de A4 não estabelecer relações de sentido entre as palavras e o assunto debatido, dificultando a sua interpretação.

Ainda é possível observar, na produção escrita por A4 sobre o filme *Fernão Capelo Gaivota*, seu interesse em utilizar os sinais de pontuação e acentos, já que esses elementos não são comuns em suas produções escritas, pois, a grande maioria dessas produções está relacionada a uma escrita espontânea e informal, sem essa preocupação. Com isso, verifica-se o uso inadequado de alguns acentos como pontos e vírgulas, e o uso inadequado de letras maiúsculas e minúsculas.

Apesar do sujeito A4 ter escrito várias palavras com erros, não foi verificada nenhuma ocorrência de correção, como se A4 tivesse se preocupado em não rasurar o seu texto, demonstrando uma preocupação com a apresentação estética do texto.


A atividade com o gênero narração sobre um filme assistido também foi realizada por A4 no 16º encontro durante a *Sessão Pipoca* com o filme *O Grande Ditador de Charles Chaplin*, filme sugerido e selecionado pelos próprios participantes afásicos presentes, inclusive A4, ao ter escrito HILTER em seu papel de conversa espontânea, indicando a sua sugestão sobre o filme.

The image shows the word "HILTER" written in a cursive, handwritten style in black ink. The letters are all uppercase and are slightly slanted to the right. The word is centered horizontally in the page.

Após o filme, foi desenvolvida a atividade com o gênero textual sobre narração. A4 preencheu o cabeçalho com o seu nome completo, porém, indicou o nome do filme erradamente, mostrando o seu papel à organizadora da Oficina de Fala e Escrita, que conseguiu compreender o sentido geral do seu texto, assim como a sua intencionalidade, embora tenha sentido dificuldade em compreendê-lo por completo, debatendo-se com algumas confusões sobre a presença de palavras inexistentes na língua, dificultando novamente a sua interpretação.

# Sessão Pipoca

Apresentação de filme sugerido e escolhido pelo próprio  
Grupo de Convivência para Afásicos

Nome:   
Nome do filme: CARLOS  
Data:   /  /  

- Parte mais interessante e que mais lhe chamou atenção durante o filme:

ISTO É MELHOR FILME DO QUE  
PORTUGUÊS ULTIMAMENTE SÃO OURO.  
O FISSER CARLOS

- Qual a idéia central do filme?

HOMEM E MULHER ISSO MESMO

Outra vez é possível observar seu esforço em utilizar os sinais de pontuação e acentos, refletidos no uso inadequado de alguns pontos e vírgulas. Como também, é possível verificar, novamente, a sua escrita topicalizada e fragmentada, só sendo possível de ser interpretada através de suas próprias explicações.

Ao explicar esta sua produção, A4 escreveu em seu papel de conversa espontânea as palavras EUA e abaixo FRACOS, expressando sua opinião sobre os EUA com a ajuda de mímicas e gestos, depois, apontou a capa do filme e o ano em que foi filmado, e, dessa forma, comentou que, na época deste filme, os Estados Unidos era considerado, por A4, um país fraco por não ter participado ativamente na 1º Guerra Mundial. Contudo, com mímicas de atirar, indicou que, hoje, os Estados Unidos está envolvido em muitas guerras.

EUA  
FRACOS

Com relação a esta sua explicação, a organizadora da Oficina perguntou ao sujeito A4 quem ele considerava como um país forte no período da 1ª Guerra Mundial. A4 respondeu escrevendo INL, em seguida, imitou um soldado inglês como no filme de Mr. Bean, já visto em encontros anteriores. Ela, então, perguntou se ele estava se referindo a Inglaterra. A4 afirmou e não continuou a palavra que estava

escrevendo. Depois, A4 chamou a atenção de uma das professoras coordenadoras do Grupo para a palavra que escrevera, FRA, e lhe mostrou, pedindo-lhe ajuda para expressar essa palavra, referindo-se à inicial da palavra escrita. A professora perguntou se ele estava se referindo a França, o que A4 confirmou. Mais abaixo, A4 escreveu PORTUGAA, referindo-se a Portugal, e comentou que a Europa é mais forte que a América.



FRA  
PORTUGAA

É possível observar que, à medida que o sujeito A4 escreve uma palavra e está é interpretada pelo interlocutor ainda durante a sua produção, automaticamente A4 abandona a continuidade da escrita da palavra, já que seu objetivo foi atingido, mesmo sem completar a palavra, sendo compreendido pelo interlocutor ainda no desenvolvimento de sua escrita, conforme acontece durante o episódio em que inicia a escrita referente à palavra Inglaterra, e, com a ajuda de mímica, logo é compreendido, interrompendo sua escrita em INL, dando continuidade a conversa.

Continuando sua explicação relacionada à narração do filme *O Grande Ditador*, o sujeito A4 escreveu ILTANAS e fez um gesto como indicando um objeto em sua roupa, comparando-se aos Judeus no filme, marcados por uma estrela vermelha em suas roupas.



ILTANAS

Ao escrever esta palavra inexistente na língua, A4 deixa os interlocutores confusos, entretanto, ao explicá-la com gestos, mímicas e expressões faciais, consegue transmitir o sentido da produção, sendo compreendido pelos participantes do Grupo, embora continue sem indicar o significado da palavra, não a reconhecendo como inexistente ou como escrita errada. Assim, mesmo conseguindo ser interpretado e transmitir sua intencionalidade, os interlocutores não conseguem identificar se ILTANAS refere-se a *judeus, roupas de judeus ou os símbolos utilizados pelos judeus em sua roupas a fim de identificá-los.*

Depois, A4 escreveu e apontou para a palavra CARLOS, com mímicas, explicou que Charles Chaplin fez o papel de duas pessoas durante o filme, sendo o ditador e o judeu. Em seguida, ao perceber que tinha sido compreendido, A4 escreveu OURO comentando, com mímicas e gestos, indicando a palavra CARLOS referindo-se a um dos protagonistas do filme, chamado de *Carlitos*, interpretado por Charles Chaplin, comentando que esse recebeu o Oscar neste filme pelo fato de ter interpretado duas pessoas.

Neste momento, uma das professoras coordenadoras do Grupo perguntou a A4 se ele queria dizer que Charles Chaplin ganhou o Oscar neste filme. A4 confirmou, com uma expressão de satisfeito, afirmando que ele queria falar exatamente isso. Para finalizar sua explicação, A4 escreveu ANTAS e apontou para a frase, escrita anteriormente por ele, HOMEM E MULHER ISSO ANES se referindo à personagem Hannah que foi o par romântico de Charles Chaplin neste filme.

Handwritten text in blue ink, consisting of the word 'ANTAS' followed by 'OURO'.

Novamente sua produção escrita só é interpretada quando relacionada aos gestos, mímicas, expressões, faciais e conhecimentos prévios partilhados.

Na produção escrita, relacionada à atividade da “*Sessão pipoca*”, através da narração do filme, o sujeito A4 apresenta algumas palavras desconhecidas e inexistentes na língua portuguesa, como PORTUGUAS, ILTANAES e ANES, escritas, rapidamente, sem apresentar dificuldades ou rasuras, como se essas palavras fizessem parte da língua e do seu vocabulário. Dessa forma, o sujeito A4 não as reconhece como desconexas ou como erro, e, ao explicar o texto, aponta para essas palavras, explicando-as e lhes dando sentido, como, se essas palavras realmente existissem e estivessem escritas corretamente.

Segundo Morato (2002), a linguagem do afásico fica reduzida e simplificada, ou desviada semântica, fonêmica e morfológicamente da linguagem normal, havendo neologismos, ou seja, seqüências fonêmicas ou grafêmicas semelhantes às palavras, mas que não existem na língua. Assim, o afásico exprime defeituosamente seu pensamento, e as palavras adequadas não são evocadas, selecionadas e/ou ordenadas de maneira normal, assim como na produção escrita do sujeito A4, relacionada ao gênero narração sobre filme assistido.

Verifica-se também, a presença de algumas palavras que não indicam relação com o tema, embora, quando explicadas pelo sujeito A4 possa ser confirmada essa relação, por meio da sua interpretação, compreensão e opinião sobre o filme.

Ainda com relação à narração sobre o filme *O Grande Ditador*, é possível verificar a presença da correção, surgindo logo no início, na construção da palavra ISTO, antes escrita ESTO. Quando o sujeito A4 percebe o erro, imediatamente escreve um I sobre a letra E. Com isso, põe em cheque a afirmação de Marcuschi e Dionísio (2005) sobre as correções, ao afirmarem que, geralmente, esse tipo de marca não é vista pelos leitores, pois o escritor geralmente usa recursos para não mostrar suas correções, diferentemente da oralidade, alegando que na escrita temos tempo para ocultar nossas correções.

#### **- Lista de comidas típicas do São João**

Esta atividade foi realizada no 19º encontro do Grupo de Convivência, por sugestão da organizadora da Oficina para elaborar uma lista de comidas típicas do São João, na qual, cada participante deveria indicar a comida de sua preferência ou o prato que fosse trazer no dia da festa de São João, a fim de agradar a todos os gostos e não repetir os mesmos pratos, tendo uma maior diversidade de comidas típicas no dia da festa de São João.

Em seguida, foram distribuídos aos afásicos pedaços de papel em branco, com a finalidade de cada participante indicar sua sugestão através da escrita, lembrando que eles poderiam citar mais de um tipo de comida, e que, no dia da festa, a organizadora da Oficina, assim como as professoras coordenadoras, iriam gostar de vê-los apresentando os seus pratos, descrevendo como foi feito e compartilhando a receita.

Antes de dar início à elaboração da lista, a organizadora da Oficina e as professoras coordenadoras do Grupo debateram sobre as comidas típicas do São João, indicando os pratos mais populares, como também os mais fáceis e difíceis de preparar. Neste momento, todos os afásicos presentes fizeram comentários sobre este assunto, por meio de conversa espontânea, informando suas preferências antes de escrevê-las.

Com isso, em seu papel de conversa espontânea, A4 desenhou uma espiga de milho e ao lado escreveu MILHA, desenhou um caju e escreveu ao lado

CAJÚ, depois, apontou em seu desenho a castanha do caju e fez mímicas de estar bebendo alguma coisa e comendo a castanha como petisco. A4 ainda escreveu a palavra PITU, e todos os presentes compreenderam a sua intenção e souberam interpretar bem sua expressão, percebendo que A4 sugeria trazer bebida alcoólica para a festa e castanhas de caju, como tira-gosto.



A organizadora da Oficina lembrou que na festa de São João não poderia ter bebida alcoólica, mas que A4 poderia trazer suas castanhas. Neste momento, o sujeito A4 riscou a palavra PITU por mais de uma vez, como se quisesse apagá-la, indicando que ele havia compreendido o que a organizadora da Oficina ressaltou sobre a proibição de bebidas alcoólicas na festa, mudando de assunto logo em seguida.

Então, o sujeito A4 escreveu TORTA – CASTANHA em outro pedaço de papel, indicado para a lista de comidas, depois, assinou o seu nome e o entregou, indicando com gestos em suas mãos que iria trazer aqueles dois itens.

Ao receber a sugestão de A4, a organizadora da Oficina reforçou que seria interessante se cada participante afásico preparasse seu próprio prato e compartilhasse sua receita com os demais presentes no dia da festa. Depois, a organizadora da Oficina perguntou a A4 se ele sabia fazer alguma torta. A4 riu e respondeu que não sabia fazer nenhuma torta, com mímicas, informou que ele iria comprar a sua torta da festa.

TORTA – CASTANHA



A partir da produção escrita do sujeito A4 com o gênero lista de comidas típicas do São João, pôde-se observar que A4 não segue o padrão do gênero trabalhado, enumerando ou marcando os nomes das comidas, como também, organizando-os verticalmente, uma abaixo do outra.


Com relação ao tema São João, o sujeito A4 não indicou um prato realmente típico do São João nordestino, como um dos tipos de comidas debatidos pelo Grupo antes da elaboração desta produção. O sujeito A4 apresenta a

generalização, escrevendo uma palavra que relacionada a qualquer outra torna-se típica de qualquer situação, sendo esta uma característica presente na fala do afásico, principalmente em situações onde esse sujeito depara-se com perguntas diretas e objetivas, apresentando mais dificuldades em se expressar, recorrendo a estratégias lingüísticas facilitadoras.

#### - Lista de músicas típicas do São João

Esta atividade foi desenvolvida de acordo como já foi explicada na análise da produção textual do sujeito A1. A partir da orientação dada pela organizadora da Oficina e da lista de sugestão de músicas, o sujeito A4, inicialmente, enumerou verticalmente de 01) a 03), depois, copiou os nomes das músicas da lista de sugestão, seguindo a ordem dos números escritos: LUAR DO SERTÃO, FESTA JUNINA (SEM VO) e ASA BRANCA, em seguida, assinou seu nome duas vezes.

01) LUAR DO SERTÃO  
02) FESTA JUNINA (SEM VO  
03) ASA BRANCA



Nesta produção escrita pelo sujeito A4, pôde-se observar que ele seguiu as características que indicam o gênero lista, indicando suas sugestões de músicas enumeradas e organizadas espacialmente no papel, uma abaixo da outra.

Entretanto, diferentemente da atividade com a lista de comidas típicas do São João, desta vez, os sujeitos afásicos puderam contar com a ajuda de uma lista de sugestão, ou seja, puderam se espelhar em um modelo do gênero que deveria ser elaborado. Dessa forma, as características relacionadas ao gênero trabalho, presentes na lista de músicas de São João do sujeito A4, justifica-se pela presença da lista de sugestão exposta sobre a mesa principal, como um item facilitador.

Para Fávero, Andrade e Aquino (2002), a correção revela uma reorganização das ações e/ou infrações dos participantes. A única correção nesta produção escrita por A4 resulta de uma infração, que evidencia que ele fundamentou sua lista de músicas de São João na lista de sugestão exposta sobre a mesa, ao escrever primeiramente o número 07) corrigindo-o pelo número 01), visto que, na lista de sugestão (apresentada na análise da produção escrita do sujeito A1), a



música LUAR DO SERTÃO escrita por A4, é a sétima música da lista de sugestão. Ao indicar a primeira música de sua própria lista, o sujeito A4 copia exatamente como na lista de sugestão. Ao perceber a evidência de sua cópia, imediatamente, escreveu o número 1 em cima do número 7 com a intenção de corrigir a sua prova, contudo, não consegue evitar a rasura da correção, o que revelou a sua cópia.

Foi possível observar ainda que, o sujeito A4 continuou fazendo uso inadequado de acentos e pontuações, escrevendo um acento agudo sobre o primeiro “A” da palavra ASA, demonstrando não ter domínio na escrita, ao usar acentos mesmo quando desnecessários.

#### **- Convite de Festa Junina**

Esta atividade foi realizada conforme apresentada na análise da produção escrita do sujeito A1. É importante ressaltar que, baseada na orientação da organizadora da Oficina com relação ao desenvolvimento desta atividade, essa produção escrita pode ser considerada como um “esboço” do convite final, e, assim, inserida dentro do *contínuo de gêneros textuais* (MARCUSCHI, 2008) como uma anotação pessoal, gênero que se aproxima da modalidade falada.

Com as informações expostas no quadro e os modelos de convites exibidos sobre a mesa, o sujeito A4 pôde recorrer a várias dicas, como observar alguns convites sobre a mesa e as perguntas do quadro. Em seguida, escreveu FESTA –, indicando o tema, depois, copiou a primeira pergunta do quadro ONDE SIRA A FESTA.

Ao perceber que não era para copiar as perguntas do quadro e, sim, tentar respondê-las, o sujeito A4 escreveu, sem copiar dos modelos sobre a mesa ou dos colegas ao lado, HORA – RELÓRIO – 13:30, abaixo escreveu TERÇA – 17-06-05, por fim, um pouco mais abaixo, SÃO JOÃO.

Entretanto, o sujeito A4 apresentou vários erros, rasurando-os e corrigindo-os, escrevendo sobre a letra errada a letra correta, como ao escrever ONDO, concertando e escrevendo E sobre o segundo O. Uma outra ocorrência semelhante se dá ao escrever HORO, corrigindo-a e escrevendo sobre o segundo O a letra A, referindo-se a palavra HORA. O mesmo acontece com o número 7 da data da festa e a palavra JOÃO, ambos escritos inicialmente errados.

- FESTA -  
Da Onde virá a Festa  
HORA- RELORIA- 13:30.  
TERÇA- 17-06-08  
SÃO JOÃO

O fato de esta produção ser considerada um “esboço”, aproxima-a da modalidade falada e, conseqüentemente, de suas características, favorecendo correções, como um processo altamente interativo e colaborativo, desempenhando um papel importante no processo de construção do texto final.

Na produção do convite final, A4 escreveu, semelhante ao que tinha escrito em seu esboço, -CONVITE- FESTA SÃO JOÃO É HORA 14:00 EM 17-06-08 - TERÇA. UNICAP - 07 - BLOCA - SALA - 10 - B. AFASIA FONO.

- CONVITE -  
FESTA SÃO JOÃO É HORA 14:00  
EM 17-06-08- TERÇA.  
UNICAP- 07- BLOCA- SALA - 10  
- B. AFASIA FONO.

A4 conseguiu elaborar o seu convite final de acordo com as características que identifica o gênero textual convite, informando os principais tópicos necessários, escrevendo o nome da festa, o horário, a data e o local. Contudo, elaborou o seu convite com o uso de palavras topicalizadas e fragmentadas, transmitindo a idéia de estar faltando alguma informação, palavra, artigo ou conectivo, embora tenha usado o hífen para separar algumas informações.

No entanto, na versão final de seu convite, A4 distribuiu melhor as informações, aproveitando melhor o espaço disponível, organizando as palavras distribuídas de acordo com uma seqüência de informações, indicando, logo no início, no topo do convite, que aquele documento tratava-se de um convite.

Com relação às produções escritas pelo sujeito A4 relacionadas aos gêneros textuais trabalhados, pôde-se constatar a presença de elementos que caracterizam a sua fala em sua produção escrita, visto que, ambas as modalidades

apresentam-se prejudicadas, limitadas à expressão de algumas palavras, próprias do seu vocabulário. Na modalidade escrita, o sujeito A4 consegue se expressar melhor, apresentando mais facilidade para escrever e grande dificuldade para falar, particularmente em conversas espontâneas, resultando em uma diversidade maior de palavras escritas do que faladas.

Como A4 raramente se expressa por meio da fala, e, freqüentemente recorre à escrita, modalidade repleta de características de sua oralidade, foi visto que, até para destacar ou enfatizar algum assunto ou palavra, realizados na fala por meio da entoação e repetição, ele consegue ter sucesso na escrita, destacando uma palavra ou desenho por meio de alguma forma, como sublinhando, circulando ou repetindo propositalmente, dessa maneira, construindo e transmitindo o sentido do seu texto.

Verificou-se que, apesar da escrita do sujeito A4 apresentar-se, em todos os gêneros textuais produzidos por ele, fragmentada e topicalizada, na maioria das vezes, ele conseguiu realizar corretamente o acesso lexical e, assim, veicular a intencionalidade para a produção de sentido.

Embora a produção escrita do sujeito A4 possa ser considerada confusa e de difícil compreensão, devido às freqüentes repetições, reparações, auto-correções, rasuras, uso de poucas palavras, ausência de artigos e conectivos de ligação, uso inadequado de acentos e pontuação, uso de palavras escritas erradas, sem ser assim reconhecidas e corrigidas, como também, uso de palavras inexistentes na língua, todas essas características presentes nas produções escritas de A4 também marcam a sua oralidade, estando presente em sua escrita da mesma forma que em sua fala, embora, com mais freqüência na escrita, já que esta é a modalidade escolhida por ele se expressar e transmitir a sua intencionalidade.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2005), a idéia de que a escrita representa uma “grande divisão” não se sustenta nos dias de hoje, pois a maioria das dicotomias propostas não sobrevive às análises mais rigorosas e críticas. A suposição de que a escrita é descontextualizada, explícita, planejada e racional, e a fala é o oposto disso tudo, pode levar a conclusões inadequadas.

Ao analisar a produção escrita do sujeito A4, temos que concordar com o que Marcuschi e Dionísio (2005) ressaltam, ao afirmar que estas diferenças nem sempre distinguem as duas modalidades, pois, através das produções escritas de A4 constatamos que existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala

formal que se aproxima da escrita, pois as características da escrita do sujeito A4 são bastante semelhantes às características de sua fala, apresentando sua produção escrita de forma desconexa, desordenada, imprecisa, não-planejada, redundante e fragmentária.

Pela presença de todas as características da oralidade de A4 verificadas e analisadas em sua produção escrita, essa modalidade em A4 seria considerada um caos e de difícil compreensão, assim como a sua fala, porém, ao analisar a sua escrita e considerando o contexto e a situação em que foi construída, é possível compreendê-la, interpretando o que o sujeito A4 pretendia expressar com cada produção.

Entretanto, é importante ressaltar que a compreensão da linguagem de A4, em vários episódios, só é possível através da interpretação do próprio sujeito A4 que, geralmente, procura explicar a sua produção escrita através de recursos paralingüísticos não-verbais, como o uso de gestos, expressões faciais e mímicas, não se restringindo apenas à modalidade escrita para conseguir se fazer entendido, mas recorrendo a vários recursos lingüísticos possíveis.

Com isso, concluímos que, assim como a escrita do sujeito A4 é fundamental na transmissão de sua linguagem, os gestos, as mímicas e as expressões faciais, recursos próprios da fala, também são essenciais em sua comunicação, sendo amplamente utilizados como um tipo de estratégia para se fazer melhor entendido pelos outros, ou seja, um processo alternativo para que melhor entendam aquilo que escreveu e o que queria expressar.

Santana (2002) faz uma observação especial em relação aos sujeitos afásicos que utilizam mais a escrita do que a fala, afirmando que esses sujeitos geralmente comunicam-se pela escrita ou a utilizam para atingir a fala. Nesses casos, a escrita é, muitas vezes, incompleta, abreviada, pois tão logo o interlocutor apreende o sentido do que o sujeito quer dizer, ou tão logo o sujeito forneça para si próprio um *prompting escrito*, ela é interrompida. Dessa forma, a escrita tem um caráter de “fala informal”, de mediação com a oralidade. Esta parece ser exatamente a característica da escrita do sujeito A4, verificando-se em suas produções escritas, principalmente no gênero conversa espontânea, com várias ocorrências de palavras inacabadas e/ou desenhos incompletos. Além das características já identificadas na escrita de A4, por vezes caótica e desorganizada, também é freqüente o uso de desenhos e elementos pictóricos, contribuindo para a interpretação de algum texto,

ou mesmo, representando o sentido de um texto.

Ao analisar toda a produção escrita do sujeito A4, relacionando-a a sua fala, chegamos à mesma conclusão de Santana (1999) ao analisar, em sua dissertação de mestrado, o que os afásicos falavam enquanto escreviam, concluindo que, em alguns momentos, o texto falado é o escrito e, em outros, o texto escrito não é o falado, ou seja, a “grande divisa” entre oralidade e escrita não se justifica na linguagem dos afásicos, pois o que existe é uma interdependência entre elas, tanto com relação aos aspectos lingüísticos quanto cognitivos.

Tudo o que foi apresentado caracterizando a produção escrita do sujeito A4 foi possível verificar em seus textos escritos e em sua ‘fala’, com traços na escrita com características de oralidade, através da presença de marcas de oralidade em sua escrita, como o uso de correção, repetição, hesitação, topicalização, fragmentação, ausência de palavras, artigos e conectivos, pouco uso de acentos e pontuação, ênfase e paráfrase.

#### **e) Análise da produção textual escrita do sujeito A5**

Foi visto no capítulo anterior que o sujeito A5, é do sexo feminino e tem 62 (sessenta e dois) anos de idade. Reside na cidade do Recife. Possui o ensino médio completo. Sofreu um Acidente Vascular Cerebral há dezessete anos, por isso, apresenta bastante dificuldade para falar, e, em alguns momentos, apresenta dificuldade de ordem compreensiva, demorando a responder alguns comandos, dificuldades estas relacionadas à sua afasia.

Para ajudar em sua comunicação, A5 utiliza a modalidade escrita, expressões faciais e uso de gestos ou mímicas, ou seja, recorre a processos de produção não-verbais e paralingüísticos para se fazer entender melhor.

A5 é bastante preocupada em melhorar sua comunicação com os outros, sendo uma das mais assíduas aos encontros do Grupo de Convivência, participando de quase todas as atividades da Oficina de Fala e Escrita, nas quais elaborou produções escritas por meio de conversa espontânea, cartão postal, sugestão de gênero de filme, lista de comidas e de músicas típicas do São João e o convite da festa de São João, analisadas a seguir.

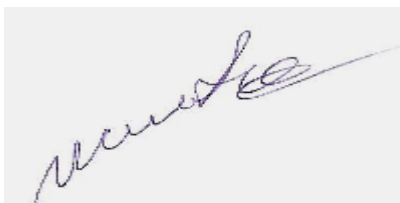
### - Conversa espontânea

Esta atividade foi realizada de acordo com foi esclarecida na análise da produção escrita do sujeito A2.

Dentro deste gênero textual, foi visto que A5 só recorreu à escrita como conversa espontânea em apenas dois encontros do Grupo, assim como utilizou a escrita espontaneamente apenas como apoio em sua comunicação oral, diante de alguma dificuldade de planejamento cognitivo ou de organização discursiva, como uma estratégia facilitadora na produção de sua fala.

No 8º encontro, durante uma discussão sobre o programa Big Brother Brasil 8, da Rede Globo, falou-se sobre cada participante deste programa, destacando os mais benquistos pelo público e os mais polêmicos.

Durante esta discussão, A5 fez uma expressão de desgosto ao citarem um participante chamado *Marcelo*. Apesar de terem descrito esta pessoa sem pronunciar o seu nome, A5 pegou o papel que estava com A4 e tentou escrever o nome MARCELO com letras ininteligíveis. Enquanto ela ainda estava escrevendo, um participante afásico do Grupo, sentado ao seu lado, lhe perguntou: “*Marcelo?*”. Então, antes de concluir a palavra, A5 rabiscou o final e, em seguida, afirmou, com expressões faciais, que não gostava deste participante do BBB8, comentando que ele era ruim, gostava de encrencas e brigas.



No 13º encontro, quando foram apresentados os cartões postais e o livro de imagens sobre pontos turísticos de Pernambuco, A6 observou uma foto de uma avenida bastante conhecida por todos ali presentes, depois, mostrou a foto ao Grupo e comentou que era por aquela avenida que ele vinha andando de casa para a Unicap. Neste momento, pegou novamente o papel de A4 e escreveu AV. CONDEFE, depois, dirigindo-se a A6, comentou que a avenida da foto que ele indicava não era a avenida que ele estava pensando, referindo por meio de gestos e expressões faciais, que o colega A6 estava confuso e que a avenida da foto era esta que ela havia escrito, apontando para sua produção escrita.

Ao perceber que o sujeito A6 ainda não tinha a compreendido, A5 descreveu com mímicas e algumas palavras, faladas corretamente, que nesta

avenida existem muitas lojas, muita gente andando por todos os lados e muitos ônibus. Dessa vez, A6 consegue identificá-la e afirma que a avenida da foto é a Avenida Conde da Boa Vista, no centro do Recife.



Av. Conde da Boa Vista

Através destas únicas produções escritas espontaneamente pelo sujeito A5, é possível observar que sua escrita espontânea é utilizada como um ponto de apoio, recorrendo a ela apenas quando não conseguiu falar uma determinada palavra, sendo essas, geralmente, nomes próprios, referentes a pessoas e lugares.

A5 apresentou dificuldades em escrever esses tipos de palavras, rasurando a sua escrita, como na primeira situação, ou, escrevendo a palavra erradamente, como na segunda ocasião, não facilitando muito a sua fala, tendo que recorrer ainda a gestos, mímicas e expressões faciais, meios mais utilizados por ele para veicular a sua intencionalidade. Porém, mesmo não produzindo corretamente as palavras escritas referentes ao nome de um participante do BBB8 e a uma avenida popular da cidade do Recife, o sujeito A5 conseguiu veicular o sentido de sua produção através da semelhança dessas palavras escritas erradas com as quais ela pretendia se referir.

#### **- Cartão postal**

Esta atividade transcorreu conforme descrita na análise da produção escrita do sujeito A1.

Logo após a explicação da atividade, o sujeito A5 foi circulando por vários lugares, comentando com outro afásico ao seu lado, que ela conhecia todos os lugares destacados. Ao perceber que todos os presentes desenvolviam a atividade concentrados, escrevendo os seus cartões postais, silenciosamente, então, A5 copiou exatamente igual aos exemplos ao lado da primeira coluna, indicando os números escritos antes de cada nome dos lugares que ela havia circulado.

Ao concluir seu cartão postal, A5 o entregou à organizadora da Oficina, que logo observou que A5 não havia escrito o seu cartão postal com as características do gênero ou mesmo seguido a sugestão facilitadora para a

realização da atividade. Foi então sugerido aos afásicos com dificuldades em elaborar o seu cartão postal que descrevessem algum lugar ou alguma situação vivida em um desses lugares indicados ao lado.

Com isso, a organizadora da Oficina pediu que A5 contasse para o Grupo porque ela havia selecionado e copiado aqueles lugares, complementando com a narração de alguma história vivenciada em um desses lugares.

A5, então, apontou para 5 - FORTE DO BRUM, FOIM e 14 E MAIS PILAR. Em seguida, revelou para o Grupo, com a ajuda de gestos e expressões faciais, que, quando mais jovem, trabalhou na Fábrica da Pillar e nos intervalos de descanso e almoço ela ia, com seus colegas de trabalho, descansar nas sombras das árvores do Forte do Brum. Também, costumava ir a Igreja do Pilar, sublinhando a palavra Pilar.

Brasil Turístico Recife – Pernambuco Pontos turísticos:		RPC	SELO POSTAL
1. Capela Dourada	15. Matriz de Santo Antônio		
2. Casa da Cultura	16. Mercado de São José		2 - Casa da Cultura, Pincem- tas.
3. Basílica Nossa Senhora da Penha	17. Museu do Estado		4 - Faculdade de Direito
4. Faculdade de Direito	18. Museu do Trem		5 - Forte do Brum, foim
5. Forte do Brum	19. Museu Franciscano de Arte Sacra		14 e mais e Pilar
6. Forte das Cinco Pontas	20. Museu-Oficina Francisco Brennand		
7. Fundação Gilberto Freyre	21. Paço Alfândega		10 Igreja do Pilar
8. Gabinete Português de Leitura	22. Palácio da Justiça		
9. Igreja do Espírito Santo	23. Palácio das Princesas		14 Igreja Marco Zero
10. Igreja do Pilar	24. Pátio de São Pedro		
11. Igreja Madreus	25. Rua da Aurora		16 Mercado de São José
12. Igreja Nossa Senhora do Carmo	26. Rua do Bom Jesus		24 Pátio de São Pedro
13. Instituto Ricardo Brennand	27. Teatro Apolo		
14. Marco Zero	28. Teatro Santa Isabel		
	29. Torre Malakoff		

Através desta produção escrita por A5, desenvolvida por meio de muitas explicações, dicas e sugestões facilitadoras, foi possível observar que este foi um dos momentos nos quais A5 apresentou dificuldades de ordem compreensiva, não conseguindo entender o que lhe foi solicitado, demorando a começar a desenvolver o seu cartão postal, ficando por um momento apenas observando seus colegas, e, depois de algum tempo, dando início a sua produção e, mesmo assim, elaborando-a com dificuldades.



Com isso, o sujeito A5 não produziu sua escrita de acordo com a proposta da atividade, nem indicou alguma característica do gênero cartão postal, não escrevendo o destinatário, não escrevendo sobre um lugar ou um momento vivido, tampouco assinando o seu nome no final, indicando o remetente.

Entretanto, nesta produção escrita, realizada por meio de cópia, constatou-se a presença de marcas de oralidade como a correção, algumas palavras inexistentes na língua como PINCETAS, FOIM e GREJA, esta última relacionada à tentativa em escrever a palavra *igreja*, a repetição e ainda um elemento de destaque, com a função de uma enfatizar uma palavra, ao sublinhar a palavra relacionada à sua fala sobre um desses lugares.

A evidência da relação existente entre a escrita a fala de A5 é constatada ao apontar a palavra PILAR, escrita por ela, sublinhando-a, em seguida, e começando a falar sobre o lugar indicado, ou seja, A5 apoiou-se em sua produção escrita como uma forma de engatar a sua expressão falada.

Dessa forma, a escrita de A5 funcionou como um guia de orientação para a sua produção oral. Conforme Santana (2002), a escrita do afásico pode funcionar como recurso de orientação para a fala, possibilitando, assim, que a linguagem oral se (re)construa sobre a escrita, ao escrever os sons da fala com apoio da oralidade.

#### **- Sugestão de gênero de filme**

Esta atividade foi desenvolvida como descrita na análise da produção textual do sujeito A2. Diante da evidente dificuldade em desenvolver sua escrita, A5 só realizou uma produção para esta modalidade, mesmo assim, através da cópia com base na capa do DVD do seu filme sugerido.

Embora A5 tenha marcado com um X vários gêneros de filmes, não chegou a realizar a atividade sugerida. Como uma das professoras coordenadoras do Grupo desconfiou que A5 não houvesse compreendido a atividade, perguntou-lhe se havia entendido o que eles deveriam fazer, repetindo que eles escrevessem as sugestões dos filmes de suas preferências a fim de ser votado e decidido qual seria o filme escolhido para a “*Sessão Pipoca*”.

Diante desta segunda explicação, A5 pegou a imagem do filme *Ana e o Rei* e apontou indicando-o, depois, copiou o nome do filme em seu papel, porém, colocou o nome do filme ao lado do gênero errado, indicando o romance como filme de artes marciais.

Dessa vez, foi a organizadora da Oficina quem desconfiou de sua dificuldade de compreensão com relação à atividade, então, sentada ao lado de A5, dirigindo a palavra apenas a ela, releu todos os gêneros marcados por ela, questionando-a indiretamente sobre a escolha de alguns gêneros, aos quais A5 confirmou gostar de todos, demonstrando dúvidas apenas diante dos gêneros documentário, ficção e cultura.

**FILMES SUGERIDOS PELOS INTEGRANTES DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA PARA AFÁSICOS**

GÊNEROS	Marque um " X " na opção desejada	Nome(s) de filmes sugeridos
Ação		
Animação		
Artes Marciais	X	<i>Anna e o Rei</i>
Aventura		
Cinema Nacional		
Clássico		
Comédia		
Comédia romântica	X	
Cultura	X	
Documentário	X	
Drama	X	
Esporte		
Ficção	X	
Gastronomia	X	
Guerra		
Musical	X	
Policial		
Religioso		
Romance	X	
Suspense		
Terror		
Western		

A partir desta produção escrita, não foi possível fazer uma análise relacionando-a a sua fala, visto que a compreensão do sujeito A5 com relação a esta atividade foi colocada em questão, não sendo comprovado o seu entendimento para a elaboração da atividade, e sua única sugestão escrita foi elaborada por meio da cópia, não apresentando erro nem dificuldade na produção.


**- Lista de comidas típicas do São João**

Esta atividade foi realizada conforme foi descrita e explicada na análise da produção escrita do sujeito A4.

Com relação a este tema, A5 comentou que gostava de todas as comidas típicas de São João, confessando que, para ela, bastava ter milho na receita que ela já gostava. Porém, comentou que não sabe fazer nenhuma dessas comidas e que geralmente as compra numa padaria perto de sua casa, afirmando que não adiantavam insistir para ela apresentar o seu prato no dia da festa que ela não iria fazer.

Em sua folha de papel, A5 tentou escrever alguma palavra, parou, pensou

por uns segundos, riscou e acima escreveu BOLO DE MILHO. Mostrou o que tinha escrito à organizadora da Oficina, em seguida, lendo a palavra escrita, sublinhando-a ao mesmo tempo, apoiando-se em sua escrita para produzir sua oralidade.



The image shows a handwritten note. The top line reads 'Bolo de Milho' with 'Bolo' and 'Milho' underlined. Below this, the word 'Bolo' is written again, but it is heavily scribbled out, indicating a correction or deletion.

A partir desta produção escrita, observa-se que A5 não demonstrou dificuldades de ordem compreensiva, indicando o seu prato através da escrita, conforme foi orientado, diferentemente das outras atividades em que demonstrou dificuldade de ordem compreensiva.

Contudo, A5 não indicou outros nomes de comidas típicas do São João, como sugerido, não tendo, assim, como enumerar ou marcar os itens escritos, organizando-os como uma lista. Dessa forma, ao observar sua produção escrita não podemos relacioná-la ao gênero lista, o qual já não oferece tanta dificuldade.

Mesmo apesar de sua pouca produção, ainda foi possível verificar na escrita de A5 relacionada ao gênero lista de comidas típicas do São João a presença de marca de oralidade, pela ocorrência da correção, iniciando uma palavra, riscando-a e escrevendo outra. Conforme aponta Fávero, Andrade e Aquino (2002) sobre o papel da correção, essa marca de oralidade desempenha uma função considerável entre os processos de construção do texto, correspondendo à produção de um enunciado lingüístico que reformula um anterior, considerado “errado” aos olhos de um dos interlocutores. Assim, a correção revela uma reorganização das ações e/ou infrações dos participantes, e, como A5 está sempre procurando reorganizar a sua linguagem, é comum encontrar a correção tanto em sua fala como em sua escrita.

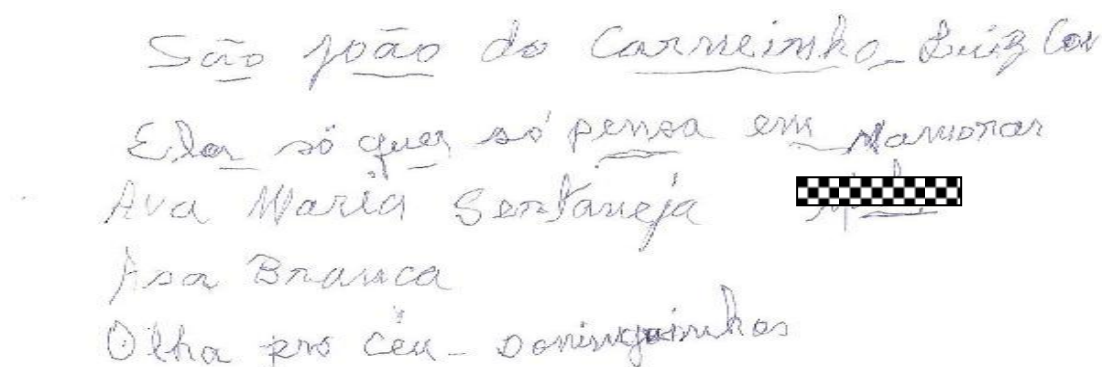
#### **- Lista de músicas típicas do São João**


A atividade com o gênero lista de músicas típicas do São João foi realizada conforme foi descrita na análise da produção textual do sujeito A1. Esta atividade diferenciou-se da atividade com lista de comidas típicas do São João, pela presença de informação facilitadora, como a lista de sugestão com as possíveis músicas a serem gravadas no CD de São João.

Com base na lista de sugestão, A5 pôde recorrer à ajuda dessa lista e,

assim, copiou as músicas: São João do Carneirinho – Luiz Con; Ela só quer só pensa em namorar; Ava Maria Sertaneja; Asa Branca; Olha pro céu – Dominginhos.

Por fim, ao concluir sua lista de músicas, A5 leu, com bastante dificuldade, para o Grupo, as suas sugestões. Enquanto foi lendo cada palavra, foi sublinhando partes dessas palavras, ao mesmo tempo.



São João do Carneirinho - Luiz Con  
Ela só quer só pensa em namorar  
Ava Maria Sertaneja   
Asa Branca  
Olha pro céu - Dominginhos

A partir da produção escrita por A5 com o gênero lista de músicas, foi possível verificar, mesmo sendo esta produção uma cópia, que o sujeito A5 apresentou elementos que caracterizam a sua fala, como a presença de marcas de oralidade inseridas nesta escrita, através da presença da correção, de uma palavra incompleta e de elementos que destacaram algumas palavras, com a função de enfatizá-las.

Nesta atividade, A5 apresentou alguma característica ao indicar o gênero textual sugerido, pelo fato de ter escrito até cinco nomes de diferentes músicas, organizando-as uma abaixo da outra, conforme uma lista, demonstrando ter compreendido a atividade.

Através de traços riscados abaixo de algumas palavras, A5 apresentou uma relação de interdependência entre a sua fala e sua escrita, usando a escrita e sua leitura como uma solução facilitadora, pois, para Santana (2002, p. 34), “a escrita funcionaria como recurso de orientação para a fala, assim, a linguagem oral se (re)construiria sobre a escrita na medida em que ao escrever os sons da fala os utilizaríamos como apoio da oralidade”.


#### **- Convite de Festa Junina**

Esta atividade foi realizada de acordo com sua explicação na análise da produção escrita do sujeito A1, com a ajuda de várias pistas facilitadoras, como

exemplos de convites expostos sobre a mesa e informações escritas no quadro.

Assim, o sujeito A5 escreveu CONVITE, depois, copiou a frase igual ao quadro – ONDE SERÁ A FESTA DE SÃO JOÃO. Então, uma das professoras coordenadoras do Grupo percebeu e orientou A5 a responder as perguntas do quadro, porém, A5 parou de escrever e ficou só observando a atividade.

Após toda a explicação da proposta da atividade, todos os afásicos do Grupo, presentes neste encontro, deram início às suas produções escritas. A5 escreveu DATA: 17/06/2008 HORA 14H LOCAL – 7 ANDAR DO BLOCO B. DA UNICAP, porém, ao se observar esta produção, verifica-se que ela copiou essas informações exatamente iguais as informações do quadro, da mesma forma que recorreu à cópia na produção de outros gêneros textuais. Para finalizar, A5 copiou – CELEBRAÇÃO DOS ANIVERSÁRIO DOS MESES DE JANEIRO A JUNHO, apresentando erros e correções, rasurando a palavra janeiro e reescrevendo-a logo abaixo.

Convite  
- Onde será a festa de São João  
Data: 17/06/2008  
Hora: 14h  
Local: 7º andar do Bloco  
B. da Unicap  
:   
- Celebração dos aniversários  
dos meses de ~~janeiro~~ a junho

Nesta produção de A5, verificaram-se as mesmas marcas de oralidade encontradas nas produções escritas anteriores, com diferentes gêneros textuais, as quais já foram analisadas.

Essas marcas de oralidade presentes na escrita de A5 estão refletindo a ocorrência de correção, da escrita de palavras inexistentes na língua e do uso de

elementos de destaque, como as linhas riscadas abaixo de algumas palavras.

Apesar de ter recorrido novamente à cópia, mais uma vez, A5 copia com erros, como por exemplo, não escrevendo a interrogação na primeira frase, embora tenha usado, conforme escrito no quadro, todas as pontuações corretamente ao escrever sobre a data, hora e local, voltando a confundir-se e rasurar, apenas ao escrever espontaneamente a última frase, recorrendo à correção, reescrevendo-a abaixo da palavra rasurada.

O sujeito A5 apresentou todas as informações que caracterizam o gênero textual convite, indicando tratar-se de um convite ao escrever esta palavra logo no início, e ao informar sobre a data, o horário e o local, contudo, esquece de indicar o nome da festa, quem estava convidando e o convidado.

Durante os 15 (quinze) encontros do Grupo de Convivência para Afásicos, nos quais A5 esteve presente desenvolvendo as atividades da Oficina de Fala e Escrita, pôde-se observar que ela teve pouca produção escrita, utilizando a escrita apenas quando induzida e orientada a realizar as atividades da Oficina, contudo, na maioria das vezes, elaborando-a por meio da cópia.

Entre os afásicos envolvidos neste trabalho, o sujeito A5 é o que possui afasia há mais tempo, sendo portador dessa deficiência lingüística há aproximadamente 17 (dezesete) anos, como também, é o que demonstra dificuldade de compreensão em mais de uma atividade, por isso, A5 foi o afásico que menos desenvolveu a escrita, não a utilizando com freqüência como uma contribuição para sua interação.

O motivo que leva o sujeito A5 a praticar tão pouco sua escrita pode estar relacionado ao fato de não ter utilizado ou utilizar com freqüência a modalidade escrita em sua vida profissional e pessoal. Com relação a sua vida pessoal, A5 relata que não tem o hábito de escrever cartas, agendas, diários, documentos, lista de compras, receitas, recados, anotações, etc.

Através da análise de sua produção textual escrita, conclui-se que, na maioria das vezes, A5 usou a cópia como um meio de conseguir elaborar a sua escrita, daí poucas características de sua fala, com evidência apenas para a correção, a escrita de palavras inexistentes na língua e do uso de elementos de destaque, como os traços riscados abaixo de algumas palavras.

Segundo Macedo (2005), nas afasias, ocorrem tanto alterações de linguagem oral quanto de linguagem escrita, por estas serem modalidades

relacionadas entre si. Analisar a relação entre fala e escrita do sujeito afásico, na realidade, consiste em entender a ocorrência de mudanças tanto na relação entre a oralidade e a escrita, como na relação do próprio sujeito com a linguagem em geral. O fato de A5 raramente recorrer à modalidade escrita como um meio de se comunicar ou auxiliar em sua comunicação, apresentando visíveis dificuldades em elaborá-la, geralmente, leva-a a recorrer a pistas como a cópia, apontando as mudanças que a afasia causou em sua escrita, não prejudicando apenas a sua fala, mas a sua comunicação como um todo.

Contudo, apesar do fato de sua fala encontrar-se tão prejudicada quanto a sua escrita, a relação entre sua fala e sua escrita apresentou mais semelhanças do que diferenças, visto que A5 não apresenta uma fala satisfatória. Esta é uma das razões para seu envolvimento nas atividades e de ser um dos sujeitos que mais recorreu ao uso de mímicas, gestos e expressões faciais para se fazer compreendido.

Conclui-se que a ocorrência da correção, a fragmentação das palavras, a ausência de palavras, artigos e conectivos, uso inadequado de pontuação e acentos, a presença de elementos destacando algumas palavras escritas, como uma ênfase na fala, são características presentes na produção escrita do sujeito A5, refletidas pela presença de marcas de sua oralidade, como traços de sua escrita com características da sua fala e vice-versa.

#### **f) Análise da produção textual escrita do sujeito A6**

Com relação às principais características do sujeito A6, podemos destacar que A6 é do sexo masculino, com 58 (cinquenta e oito) anos de idade, reside na cidade do Recife. Possui o ensino superior completo, sendo formado em Licenciatura em Química. No entanto, desde que sofreu o AVE, está aposentado, e por isso, perdeu o hábito de utilizar a leitura e a escrita em seu cotidiano.

Para melhorar sua comunicação com os outros e se fazer melhor entendido, A6 utiliza, às vezes, a modalidade escrita, como desenhos e elementos pictóricos, assim como o uso de expressões faciais, gestos ou mímicas.

Sobre A6 podemos afirmar que ele é um dos mais comprometidos com o Grupo de Convivência, dentre todos os outros afásicos participantes deste trabalho, pois, sua assiduidade aos encontros e às atividades da Oficina de Fala e Escrita, o

comprovam, tendo comparecido a 15 (quinze) encontros, nos quais realizou produções escritas por meio de conversa espontânea, cartão postal, sugestão de gênero de filme, narração sobre filme assistido, lista de comidas e de músicas típicas do São João e o convite da festa de São João.

Na realidade, A6 foi o único participante a ter elaborado todos os gêneros textuais trabalhados na Oficina de Fala e Escrita, os quais serão analisados a seguir.

#### **- Conversa espontânea**

Esta atividade foi realizada durante todos os encontros, nos quais eram expostas sobre a mesa principal algumas folhas de papel em branco e algumas canetas com a finalidade de serem utilizadas, espontaneamente, por algum participante afásico com a intenção de produzir ou auxiliar a sua comunicação.

A descrição do contexto e da situação, assim como dos assuntos que foram debatidos, tornou fundamental a interpretação da produção escrita do sujeito A6 em conversa espontânea, daí serem descritas as circunstâncias nas quais foram produzidas as escritas analisadas, bem como a indicação dos interlocutores envolvidos na elaboração e interpretação dessas produções.

Durante o 4º encontro, realizado duas semanas após o carnaval, A6 justificou a sua ausência ao encontro anterior, relatando que, durante o carnaval, viajou com toda a sua família, esticando o feriado pelo resto da semana, só retornando no domingo após o carnaval.

Aproveitando a ocasião, a organizadora da Oficina perguntou a A6 para onde ele viajou junto com sua família, onde eles ficaram e o que foi que ele fez durante a viagem. A6 tentou responder às perguntas da colega, porém, confessou dizendo que *“hoje está difícil”*, referindo-se à fala, o que é bem característico do seu discurso oral, visto que ele está sempre revelando as suas maiores dificuldades relacionadas à sua linguagem, sendo freqüente relatar com suas próprias palavras, através de uma fala clara, objetiva, com poucas pausas e hesitações que *“não consegue”, “esqueceu”, “não sabe”, “não lembra”, “ta difícil”, “hoje não dá”, “hoje ta pior do que os outros dias”, “não consigo falar outra vez”, “você não sabe o que é?”, “fale você!”, “você sabe, diga aí!”*.

No entanto, com a ajuda dos participantes do Grupo, afásicos e não-afásicos, A6 conseguiu narrar sua viagem, utilizando a fala, auxiliada por gestos, expressões faciais e a escrita, recorrendo à escrita quando demonstrava dificuldade



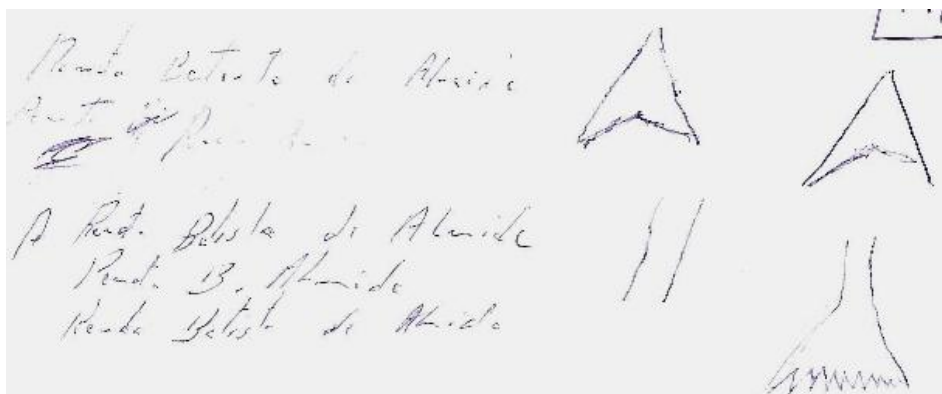
em falar uma determinada palavra, desenhando-a ou escrevendo-a.

Assim, A6 contou que foi a uma praia distante, descrevendo-a como muito bonita e com muitos turistas, referindo-se a Porto de Galinhas. Depois, fez mímica de nadar e falou *“todo dia... todo dia”*, querendo dizer que todos os dias, durante a viagem, ele foi à praia e tomou banho de mar.

A6 confessou que, durante o carnaval, ele tomou algumas doses de whisky acompanhadas de um petisco de sua preferência. Neste momento, A6 não conseguiu dizer o nome desse petisco, assim como teve muita dificuldade em explicá-lo. Para conseguir dizer qual era o petisco, descreveu com outras palavras, como ao informar oralmente que era uma *“comidinha de praia muito gostosa”*, *“um peixe muito bom”*, *“que costumava molhar em um molho antes de comer, ou, colocava azeite e limão”*. Fez gestos de um círculo com as mãos, como se estivesse com uma bola em sua mão, depois, imitou quebrá-la e comer.

Todos que estavam presentes neste momento, começaram a tentar ajudá-lo, dizendo o que achavam que poderia ser, sugerindo palavras como *“ostra, ovo de codorna, peixe, atum, sardinha, agulha frita, macaxeira frita, caldinho, marisco, sururu, etc.”*.

Enquanto isso, A6 foi escrevendo o seu nome, reescrevendo, riscando e desenhando imagens semelhantes, até que apontou para os seus desenhos e informou, falando que era um *“rabo de peixe”*, dizendo que era *“bem salgado”*. Neste momento, uma das professoras coordenadoras do Grupo perguntou a A6 se ele estava querendo falar *“bolinho de bacalhau”*, o que o fez rir, apertou a mão dela, fez uma expressão de alívio e falou: *“Isso! Bolinho de bacalhau! Era isso que eu queria dizer!”*.



Através desta produção, escrita por A6 diante de sua dificuldade em expressar oralmente uma determinada palavra, podemos observar que o afásico

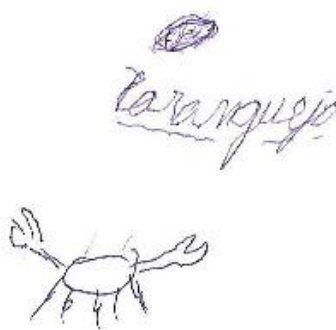
recorre à escrita por meio de desenhos e elementos pictóricos como uma representação de sua fala.

Foi possível observar, também, que, enquanto A6 encontrou-se pensativo, como se estivesse reorganizando a sua fala, ele foi escrevendo e reescrevendo seu nome, como uma série de ações descontínuas em um tempo contínuo, apenas como uma forma de passar o tempo ou produzir alguma coisa enquanto pensava e organizava o seu texto, sem nenhuma intenção comunicativa. Dessa forma, no momento em que interrompeu a sua fala, em um momento não previsto, como uma dificuldade em continuar a sua fala, buscando reorganizá-la, ele repetiu a escrita de fenômenos lexicais e de elementos pictóricos, como se estivesse hesitando através da escrita, apresentando a mesma função que a hesitação apresenta na oralidade ao organizar a sua fala.

Durante o 9º encontro, houve um debate sobre músicas da década de 80. Neste momento, A6 comentou sobre aquela época, referindo-se aos anos 80, informando que ele escutava música, dançava e bebia muito, depois, lembrou que costumava beber whisky, apontando esta como sua bebida preferida.

Neste momento, A4 interagiu com A6, também fazendo comentários do mesmo tipo, informando que sua bebida preferida era cachaça, escrevendo uma marca dessa bebida, depois, escreveu limão, referindo-se que costumava beber cachaça com limão, e perguntando a A6 o que ele costumava comer enquanto bebia. Como resposta, A6 disse que gostava de petiscar variadas comidas, lembrou sobre o bolinho de bacalhau e complementou, dizendo que o melhor bolinho que ele já tinha experimentado foi no Mercado da Encruzilhada. Neste momento, A6 fez uma expressão como se estivesse lembrando-se de alguma coisa, depois, comentou que no lugar indicado também tinha uma comida deliciosa, no entanto, não conseguiu expressá-la.

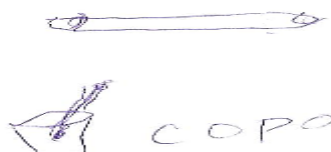
Diante da dificuldade de A6, A4 lhe entregou um papel e uma caneta, então, A6 desenhou um caranguejo. Uma das professoras coordenadoras do Grupo perguntou se A6 gostava de comer o caranguejo ou a patola do caranguejo como petisco. Nesse momento, A6 apontou para seu desenho, e, pensativo, fez vários círculos, repetindo-os até formar uma bola, depois de um tempo, escreveu a palavra CARANGUEJO, em seguida, leu a palavra e enquanto foi falando foi sublinhando-a.



A6 demonstra, novamente, em sua escrita, a repetição de um elemento enquanto reorganiza o seu pensamento e sua linguagem, ao fazer vários círculos enquanto pensava o que ia escrever ou falar, com a mesma função que a hesitação exerce na fala de um afásico. Contudo, após produzir uma escrita sem significado e sem sentido, A6 consegue dar continuidade a sua comunicação, desenhando e escrevendo sobre caranguejo, veiculando a sua intencionalidade comunicativa.

No 12º encontro, foram apresentados cartões postais de pontos turísticos do estado de Pernambuco e um livro de imagens com fotos de pontos turísticos das cidades de Recife e Olinda. Em seguida, foi estimulada uma conversa espontânea sobre as imagens expostas sobre a mesa.

Com esta atividade, o sujeito A6 interagiu com A4 comentando sobre um cartão postal da Praia de Itamaracá, falando que sabia o que A4 gostava de beber na praia. Então, A4 perguntou a A6 sobre que bebida ele estava se referindo. A6 respondeu desenhando como se fosse um lápis deitado e informou que era de madeira e servia para misturar e espremer frutas, fazendo a mímica de espremer algo em sua mão, desenhando, abaixo, um copo com o pedaço de madeira dentro, e, escreveu ao lado COPO. Ao concluir sua produção escrita, utilizando palavras, desenhos e elementos pictóricos, A6 descreveu a receita de caipirinha, falou e fez mímica enquanto foi dizendo “*coloca cachaça, açúcar, limão e gelo, depois mistura tudo e bebe gelado*”



As produções escritas por A6 como conversa espontânea, mais uma vez aponta para o fato de que o sujeito afásico utiliza sua escrita por meio de palavras fragmentadas e topicalizadas, geralmente, referentes a desenhos compreensíveis e/ou desenhos de elementos pictóricos.

Esses elementos pictóricos só foram interpretados quando contextualizados e explicados através de informações ao seu respeito, como em sua primeira produção escrita espontânea, ao informar que se tratava de um rabo de peixe e mencionar que era salgado, como também, em sua última produção escrita espontânea, ao informar que o material daquele objeto desenhado era madeira e indicar a sua utilidade.

Foi possível observar que, diante de situações nas quais A6 recorreu à escrita como forma de ajuda para conseguir se expressar, faltaram-lhe as palavras, ou como escrevê-las, apresentando ele a mesma dificuldade encontrada em sua fala. Assim, enquanto ficou em silêncio, pensativo, como a presença de uma pausa longa, A6 produziu repetições de palavras, como sua assinatura no primeiro episódio, ou mesmo círculos sem sentidos, como uma bola de círculos no segundo episódio.

Aguiar e Gomes (2007a) evidenciaram a hesitação, presente no discurso oral do sujeito afásico, como uma das condições favoráveis encontradas pelo afásico para serem utilizadas nos momentos em que esse sujeito encontra-se esquecido, ansioso, frustrado, nervoso, tenso, etc., consideradas como estratégias utilizadas nos momentos de descontinuidade do funcionamento da sua fala, para superar as dificuldades advindas de sua condição, particularmente nos momentos em que se encontram presentes algumas das características mais marcantes da patologia que são a anomia, os distúrbios amnésicos e a fala distorcida.

Aqui também se dá a presença da repetição de palavras e traços sem sentido, bem como a presença da hesitação na fala de um afásico, ambas surgindo nas diferentes modalidades com a mesma função, ocorrendo nos momentos em que A6 apresentou dificuldade de planejamento cognitivo e nas circunstâncias em que reorganizou seus pensamentos e suas idéias antes de expressá-los, como estratégias utilizadas por ele para superar as dificuldades advindas de sua condição.

A hesitação, portanto, surge na fala e na escrita do sujeito A6 com o mesmo papel e diante das mesmas circunstâncias, embora, apresentada de forma diferente em cada modalidade, no caso de A6, como marca de sua oralidade.


Segundo Santana (1999), a escrita realizada pelos sujeitos afásicos, analisados pela autora em seu trabalho, funciona como um “*prompting*” para a fala, indicando a escrita como um elo intermediário, assim também como o gesto. Com

isso, rabiscos e palavras repetidas sem sentidos, funcionam como um “prompting” tanto para a fala do sujeito A6 como para sua escrita.

### - Cartão postal

Esta atividade foi realizada conforme apresentada na análise da produção textual do sujeito A1. Entretanto, mesmo após a orientação oferecida pela organizadora da Oficina, o sujeito A6 apresentou dificuldades em elaborar o seu cartão postal, não conseguindo realizar a atividade sozinho, recorrendo à ajuda de uma das professoras coordenadoras do Grupo, que lhe sugeriu conversarem sobre alguns dos lugares apontados por ele.

Então, A6 falou, sem apresentar muita dificuldade, sobre o Mercado São José. Enquanto isso, a professora escreveu algumas palavras-chaves, depois, mostrou a A6, que quis copiar. A professora, então, sugeriu que ele escrevesse enquanto ela narrava o que ele havia dito, como um ditado. Diante dessa sugestão, A6 pediu para que ela fosse lendo devagar para ele poder acompanhá-la escrevendo. Dessa forma, o sujeito A6 conseguiu produzir o seu cartão postal.

<b>Brasil Turístico</b> <b>Recife – Pernambuco</b> <b>Pontos turísticos:</b>		<input type="checkbox"/> RPC	<input type="checkbox"/> SELO POSTAL
1. Capela Dourada	15. Matriz de Santo Antônio	<u> Mercado São José</u>	
2. Casa da Cultura	x 16. Mercado de São José	<u> O mercado tem muitas</u>	
3. Basílica Nossa Senhora da Penha	17. Museu do Estado	<u> coisas, como: blusa, brinco,</u>	
4. Faculdade de Direito	18. Museu do Trem	<u> chinelo, brocada, estandarte,</u>	
5. Forte do Brum	19. Museu Franciscano de Arte Sacra	<u> quadrinhos, miniaturas de</u>	
6. Forte das Cinco Pontas	20. Museu-Oficina Francisco Brennand	<u> bonecos de madeira, cestas e</u>	
7. Fundação Gilberto Freyre	21. Paço Alfândega	<u> basteirinhas, como chapéu</u>	
8. Gabinete Português de Leitura	22. Palácio da Justiça	<u> de cangaçeiro e coisas boas</u>	
9. Igreja do Espírito Santo	23. Palácio das Princesas	<u> contra mau-olhado.</u>	
10. Igreja do Pilar	24. Pátio de São Pedro	<u> Na mercado de São</u>	
11. Igreja Madre Deus	25. Rua da Aurora	<u> José ainda tem comi-</u>	
12. Igreja Nossa Senhora do Carmo	26. Rua do Bom Jesus	<u> dinhos</u>	
13. Instituto Ricardo Brennand	27. Teatro Apolo		
14. Marco Zero	28. Teatro Santa Isabel	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> - <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	
	29. Torre Malakoff		

A partir desta atividade e de sua produção escrita, observa-se que A6 demorou a elaborar o seu cartão postal, como se tivesse apresentado dificuldade de ordem compreensiva, porém, constatou-se que sua demora estava relacionada ao “medo” de iniciar sua produção escrita ou desenvolvê-la erradamente, pois, diante da sugestão de conversarem espontaneamente sobre um lugar ou uma situação vivenciada em um dos lugares sugeridos, A6 falou sem apresentar dificuldades, provando que tinha compreendido a atividade.

Depois, com a realização de um “quase ditado”, A6 conseguiu produzir o seu cartão postal de acordo com o gênero proposto, apresentando características de um cartão postal ao descrever o lugar escolhido.

Por possuir o ensino superior completo, e, tendo atuado como professor de ensino médio por mais de vinte anos, A6 costumava ler muitos livros e utilizava jornais e revistas para se atualizar, ou seja, utilizava com frequência a leitura e a escrita em seu cotidiano, por isso mesmo não recorrendo à leitura e a escrita com tanta frequência como antes do seu AVE, A6 apresentou familiaridade com a elaboração do texto através de sua escrita.

Mesmo revelando, através do seu discurso oral, em vários momentos e em diferentes situações, que não consegue ler e escrever, ao falar: *“Eu não sei mais ler nem escrever”*, A6 apresentou um rico vocabulário, citando várias palavras diferentes em seu texto, todas relacionadas ao tema, contextualizadas com o gênero trabalhado, como também utilizou sinais de pontuação e acentos corretamente e não apresentou erros ou correções. Ainda foi possível verificar a sua preocupação com a estética e a apresentação do texto, desenvolvendo-o de acordo com as linhas, linearmente, como um texto corrido, e, não apresentando rasuras. O seu texto com o gênero cartão postal diferencia-se de todos os demais textos produzidos pelos afásicos deste trabalho, os quais geralmente se aproximam das características da fala do afásico, apresentando a presença de repetições, correções, palavras inexistentes na língua, erros, fragmentada e topicalizada, sem se preocupar com a forma e a apresentação, assim como, quase não usando acentos ou pontuações.

Dessa forma, a única relação que podemos citar com a presença de marcas de sua fala em sua escrita, é a forma como A6 escreveu algumas palavras no diminutivo como QUADRINHOS, BESTEIRINHAS, COISINHAS e COMIDINHAS, da mesma forma, como costuma expressá-las em sua fala.

### - Sugestão de gênero de filme

Esta atividade foi realizada de acordo como foi explicada na análise da produção textual do sujeito A2. Durante sua realização, A6 conversou bastante com outros afásicos do Grupo sobre alguns filmes, os quais continham imagens das cenas e capas de DVDs expostos sobre a mesa.

Inicialmente, A6 marcou com um X vários gêneros de filmes, sempre relacionando-os corretamente com alguns filmes. Em seguida, A6 pegou a imagem de uma cena do filme *Central do Brasil* e pediu para que uma das professoras coordenadoras do Grupo escrevesse o nome do filme referente à cena. Depois, A6 copiou ao lado do gênero cinema nacional, já marcado por ele, o nome do filme CENTRAL DO BRASIL. Depois, pegou a imagem com a capa do filme *Patch Adams - O amor é contagioso* e escreveu o nome PATCH ADAMS ao lado do gênero drama. Sem encontrar imagens relacionadas à sua terceira indicação de filme, o sujeito A6 pediu a atenção do Grupo e cantou a música do filme *A noiva Rebelde*. Neste momento, uma das professoras falou o nome do filme, então, A6 pediu que ela escrevesse o nome deste filme, e ele também copiou o nome do filme NOVIÇA REBELDE ao lado do gênero musical, e, acrescentou, apontando para o gênero clássico, dizendo que este filme se encaixa em dois lugares.

FILMES SUGERIDOS PELOS INTEGRANTES DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA PARA AFÁSICOS

GÊNEROS	Marque um "X" na opção desejada	Nome(s) de filmes sugeridos
Ação		
Animação		
Artes Marciais		
Aventura		
Cinema Nacional	X	- CENTRAL DO BRASIL
Clássico		
Comédia		
Comédia romântica		
Cultura		
Documentário	X	
Drama	X	→ PATCH ADAMS
Esporte		
Ficção		
Gastronomia	X	
Guerra		
Musical	X	-- NOVIÇA REBELDE
Policial		
Religioso		
Romance	X	
Suspense	X	
Terror		
Western		

Nesta atividade, verifica-se que o tema sobre filmes foi um assunto de bastante interesse para A6, por produzir oralmente vários comentários sobre diversos filmes, descrever alguns filmes, indicando o nome dos personagens principais ou o nome dos atores principais, como também lembrando de algumas músicas relacionadas aos filmes.

Através da sua produção escrita, pode-se observar que o sujeito A6 recorreu novamente a alguma estratégia facilitadora, sendo desta vez a cópia, tendo reproduzido, sem erros, todos os nomes dos filmes indicados por ele, não apresentando nenhuma marca de sua oralidade nesta produção escrita.

#### **- Narração sobre filme assistido**

Esta atividade foi realizada no encontro posterior ao encontro em que foi realizada a apresentação do filme escolhido pelos próprios participantes da Oficina de Fala e Escrita, sendo o filme escolhido “*O Grande Ditador*” de Charles Chaplin.

Entretanto, ao perceber que estavam presentes participantes afásicos que não compareceram ao encontro anterior, como A6, a organizadora da Oficina sugeriu que eles respondessem às perguntas sobre qualquer filme que lembrassem.

A partir da orientação e sugestão para a realização da atividade escrita com o gênero textual narração sobre um filme assistido, A6, pensativo, começou a cantar a melodia da música do filme *A Noviça Rebelde*, depois, perguntou a uma das professoras presentes qual era o nome do filme desta música. A professora lhe respondeu e sugeriu que ele escrevesse sobre este filme. A6 concordou e descreveu o filme, narrando a cena mais conhecida. Enquanto A6 narrava oralmente, a organizadora da Oficina orientou que ele fosse escrevendo, para não esquecer o que falava.

Através dessa orientação, A6 dirigiu-se à professora e perguntou “*Como foi que eu disse?*”. Ela repetiu, lentamente, o que ele havia falado, enquanto A6 foi produzindo sua escrita.

Dessa forma, A6 narrou a cena em que a noviça *Maria* cuida dos *7 filhos do capitão*, sempre cantando muito, depois, canta um trecho da melodia da música do filme e diz que o filme é um clássico do musical, escrevendo como a idéia central do filme MUSICAIS CLÁSSICOS, por último, lembrou do cabeçalho e o completou.



# Sessão Pipoca

Apresentação de filme sugerido e escolhido pelo próprio  
Grupo de Convivência para Afásicos

Nome:  \_\_\_\_\_

Nome do filme: *A NAVEGA REBELDE* \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

- Parte mais interessante e que mais lhe chamou atenção durante o filme

*A navega maria cuida dos 7 filhos do capitão e capta muito*

- Qual a idéia central do filme?

*Musica clássica*

Através desta produção escrita por A6, relacionada à narração de um filme assistido, pôde-se observar que, novamente, A6 conseguiu produzir sua escrita sem erros aparentes, como também demonstrou cuidado ao não rasurar.

Entretanto, novamente, faz uso de algum recurso facilitador para elaborar sua escrita. Desta vez, baseia-se novamente na estratégia da produção anterior, pedindo à coordenadora do Grupo para repetir lentamente o que ele havia dito, e assim, produzindo sua escrita como um ditado. No entanto, mais uma vez, A6 conseguiu produzir oralmente um texto e apresentou dificuldade em transformar este texto falado em escrito, recorrendo à fala do outro para se apoiar, mesmo que este outro esteja apenas repetindo a sua própria fala.

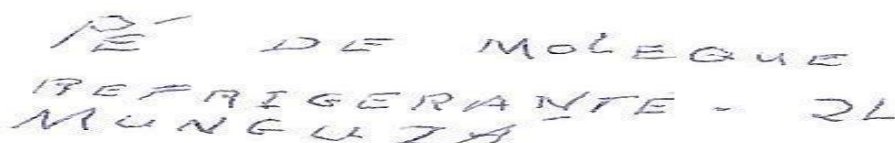
Considerando a distribuição das produções orais e escritas dentro do contínuo tipológico defendido por Marcuschi (2008), o tipo narração, por encontrar-se com frequência em gêneros do nosso dia a dia, como conversas face-a-face, por exemplo, estando, neste caso, localizado mais próximo das produções da fala do

que da escrita, o que justifica a evidência de características próximas à oralidade, sem indícios formais. A6 responde à primeira pergunta da atividade escrevendo da mesma forma como se estivesse narrando oralmente a cena, sem se preocupar com pontuação, não inserindo nenhum sinal de vírgula, ou mesmo ponto final. Esta pode ser dita como a única marca de oralidade presente com relação à escrita com o gênero narração.

#### **- Lista de comidas típicas do São João**

Esta atividade foi realizada de acordo como explicada anteriormente na análise da produção textual do sujeito A4. Seguindo a orientação sobre esta atividade, o sujeito A6 descreveu, oralmente, o bolo de pé de moleque, apontando-o como um bolo preto, mas que não era de chocolate, com castanhas de caju em cima do bolo. Com isso, uma das coordenadoras do Grupo perguntou-lhe se ele referia-se ao bolo pé-de-moleque. Ele confirmou e pediu para que ela repetisse e, em seguida, escreveu a palavra PÉ DE MOLEQUE, novamente como um ditado, sem ajuda de nenhum tipo de ação facilitadora.

A6 escreveu REFRIGERANTE – 2L informando que iria trazer também um refrigerante. Depois, perguntou a uma das professoras coordenadoras do Grupo como se chamava um prato com milho e leite, descrevendo-o como doce, que se come no café da manhã, em muitos carnavais e também, pode ser degustado no ano todo. Com mímica, fez que salpicou um pó em cima de um prato e comentou que esse pó era muito cheiroso. Diante desta descrição, a coordenadora perguntou se ele estava querendo falar sobre mungunzá. A6 confirmou que sim e comentou que adora mungunzá, depois, escreveu MUNGUZÁ.



PÉ DE MOLEQUE  
REFRIGERANTE - 2L  
MUNGUZÁ

Através da produção escrita de A6 com relação à lista de comidas típicas do São João, verificou-se que ele seguiu a proposta do gênero lista, indicando mais de um item relacionado às comidas típicas, organizando-os um abaixo do outro, conforme as características do gênero.

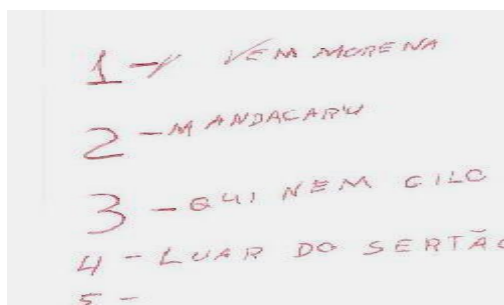
Constatou-se, novamente, a utilização de ação facilitadora para a elaboração da escrita ao escrever sua primeira indicação de comida típica, pedindo

para que a professora repetisse a palavra lentamente, escrevendo-a como um ditado. Entretanto, com as outras indicações de comidas típicas, o sujeito A6 não apresentou dificuldade, escrevendo-as sem copiá-las ou sem ser através de ditado.

Dentro do contínuo tipológico defendido por Marcuschi (2008), o gênero lista encontra-se localizado mais próximo das produções da escrita, o que explica a ausência de características próximas à oralidade.

#### **- Lista de músicas típicas do São João**

Esta atividade foi realizada conforme foi descrita na análise da produção textual do sujeito A1. Enquanto a organizadora da Oficina foi explicando a atividade, A6 enumerou de 1 a 5, um abaixo do outro, depois, ao ser concluída a explicação da atividade, copiou as músicas da lista de sugestão ao lado dos números escritos anteriormente, indicando apenas quatro músicas 1- VEM MORENA; 2 – MANDACARU; 3 – QUI NEM GILO; 4 – LUAR DO SERTÃO, não completando sua proposta inicial, de sugerir cinco músicas.



Novamente constatou-se a utilização de ações facilitadoras para a elaboração da escrita ao copiar todas as músicas escritas como suas sugestões para a elaboração do CD com músicas de São João.

#### **- Convite de Festa Junina**

Esta atividade foi realizada de acordo como foi apresentada na análise da produção textual escrita do sujeito A1. A partir de todas as dicas e informações facilitadoras para a produção deste gênero, expostas sobre a mesa e escritas no quadro, A6 observou um modelo de convite junino exposto sobre a mesa e copiou NÓIS CUNVIDA OCÊ PRU ARRAIAL, abaixo, escreveu DATA: 17.06.08 conforme o modelo que ele observou sobre a mesa. Com as letras aleatoriamente salteadas e desorganizadas, mais abaixo, escreveu HORÁRIO=14 HORAS, por fim, assinou seu nome e escreveu em diagonal no canto esquerdo do papel CONVITE.

CONVITE

Nóis curvida ocê P F U  
A FALOL

D 212 . 06 .  
17 08

HORÉRIO = 19 horas

Apesar de A6 demonstrar ter escrito de acordo com características de uma fala “tipicamente errada”, qualificada como uma “fala de um matuto”, apresentando erros ortográficos baseados na oralidade, essas características não surgiram nesta produção escrita por A6 fundamentadas em características de sua fala, e sim, propositalmente, caracterizando o discurso de um “matuto”, personagem típico do São João. Mesmo assim, não foi elaborada espontaneamente, através de sua própria intenção e criatividade, mas copiada de um modelo previamente elaborado por outra pessoa.

Como foi copiada de um modelo de convite junino, a produção escrita do sujeito A6 conseguiu indicar as principais características do gênero convite, contudo, não informou sobre as principais informações com relação à festa de São João do Grupo de Convivência para Afásicos, não indicando o nome da festa nem o local.

Por ter copiado exatamente igual a um modelo de convite, e copiado algumas informações sobre a data e o horário no quadro, não apresentou características próximas à sua oralidade, e sim, a oralidade de um personagem típico da festa de São João. Contudo, percebe-se que o cuidado com a apresentação do convite, distribuindo e organizando as palavras de acordo com o gênero convite, partiu do sujeito A6 e não da sua cópia, visto que essa preocupação ele demonstra em todas as suas produções escritas anteriores, não as rasurando, nem as escrevendo apenas com palavras fragmentadas e desorganizadas.

Para Santana (2002), a escrita do afásico funciona como recurso de orientação para a fala. Assim, a linguagem oral se (re)constrói sobre a escrita na medida em que, ao escrever os sons da fala, nós os utilizamos como apoio da oralidade. Embora, aconteça o contrário com o sujeito A6, visto que sua fala, ou de outros, funciona como recurso de orientação para sua escrita, recorrendo por mais de uma vez ao ditado e à fala de outros para desenvolver a sua produção escrita, a linguagem escrita do sujeito A6 se (re)constrói sobre a fala na medida em que, ao

escutar os sons da fala, vai conseguindo escrever as palavras até concluir o seu texto escrito.

Através da análise da produção textual escrita de A6, conclui-se que ele, de uma forma geral, precisou recorrer ao uso da cópia ou do ditado como caminhos percorridos para atingir a sua produção escrita. Contudo, verificou-se que o sujeito A6 necessitou utilizar essas estratégias, principalmente, para dar início ao desenvolvimento de sua escrita. Após esse momento, A6 quase não copiava ou transcrevia o que lhe ditavam, concluindo suas produções escritas sem apresentar correções, erros, rasuras, etc.

Com relação à fala do sujeito A6 e toda a sua produção analisada neste trabalho, podemos concluir que a produção escrita relacionada ao gênero conversa espontânea foi a que mais se aproximou das características presentes em sua fala, apresentando-se por meio de palavras soltas, topicalizadas, desenhos compreensíveis e/ou desenhos de elementos pictóricos, como também, a presença de rasuras e palavras repetidas sem sentido dentro do contexto e da situação em que estão inseridas, surgindo na escrita de A6 com o mesmo papel e diante das mesmas circunstâncias em que surge a hesitação em sua fala.

Contudo, ainda surgiu na escrita de A6, relacionada à sua fala, a presença perseverativa de palavras no diminutivo, da mesma forma como costuma apresentá-las em sua fala, como também a ausência de indícios de formalidade, freqüentemente presente na escrita de A6 dentro de qualquer gênero apresentado.

### **3.2. Discussão dos dados encontrados relacionados à perspectiva teórica adotada**

É importante ressaltar que este trabalho apóia-se num referencial teórico de base sociointeracionista, sustentado por uma abordagem enunciativo-discursiva ao tratar da relação entre a fala e a escrita em seis sujeitos afásicos.

Segundo Santana (2002), essa abordagem considera que a escrita, enquanto práxis discursiva, só é possível por um exercício de subjetividade, de trabalho lingüístico, de heterogeneidade, de possibilidade de conhecimento, o que significa tentar entender os procedimentos pelos quais o sujeito afásico vai apropriando-se dos recursos que o possibilitam assumir seu papel de “sujeito da escrita”, sujeito que, mesmo com dificuldades, é um leitor e escritor.

Para a autora, a escrita é multifuncional para alguns sujeitos afásicos, ou seja, em um momento, o sujeito usa a escrita para falar, no outro, a usa no lugar da fala, em outros, ainda, toma a escrita em suas especificidades. Concordamos com Santana (2002) ao considerar a escrita do afásico como multifuncional, pois, ao analisarmos todas as produções escritas pelos seis sujeitos afásicos envolvidos neste trabalho, observamos que os sujeitos A1 e A3 adotaram a escrita com suas especificidades características de um afásico, entretanto, os sujeitos A2, A5 e A6 utilizaram a escrita para facilitar a emissão de suas falas; já o sujeito A4 usou a escrita no lugar da fala, o que torna a escrita multifuncional, adaptando-se às necessidades e às dificuldades lingüísticas de cada afásico.

Segundo Marcuschi (2007a), os textos orais têm sua realização através de palavras, gestos e mímicas; já os textos escritos não se resumem apenas ao alfabeto, envolvem ainda fotos, ideogramas, ícones, pinturas, grafismos de todo tipo. Através desta afirmação e das características presentes na realização tanto da fala quanto da escrita dos sujeitos afásicos analisados neste trabalho, podemos afirmar que ambas as modalidades da língua podem ser consideradas como multissêmicas e multifuncionais.

Segundo Signorini (2001), o traço mais acentuado da escrita é a presença de elementos associados à língua falada, ou seja, é a interferência do oral no escrito, embora, quando a língua falada em questão não é a socialmente prestigiada, essa escrita costuma ser percebida como não existente enquanto objeto significativo, como não atuante em nenhum contexto comunicativo, já que os contextos em que esse tipo de escrita é produzido e posto em circulação e as práticas sociointeracionais às quais está integrado costumam ser tidos como não existentes, no sentido de serem invisíveis na esfera pública.

Pelo fato da fala do afásico apresentar-se desorganizada, reduzida e simplificada, ou seja, desviada semântica, fonêmica e morfológicamente da linguagem “normal”, ela passa a ser considerada socialmente como “defeituosa” e, assim, desprestigiada, a exemplo da escrita do afásico, que se torna despercebida enquanto objeto significativo, sendo desprezada e inutilizada até mesmo pelos próprios afásicos. Por isso, quando é solicitada a produção escrita de um afásico, que quase não utiliza a escrita por meio de sua comunicação, geralmente este afásico apresenta em seu discurso frases como: *“Eu não sei mais escrever”*; *“Eu desaprendi e não consigo mais escrever”*; *“Minha escrita é horrível, só eu consigo*

*entendê-la*”; *“Eu não vou conseguir escrever, mas posso tentar”*; etc.

Contudo, em alguns sujeitos afásicos, analisados neste trabalho, a escrita apresentou-se mais ampla do que a fala, e, em outros, a fala foi mais ampla que a escrita, evidenciando que não existe uma sobreposição de “problemas” de linguagem. Há, sim, afásicos que, pelas diferenças de produção da oralidade e da escrita, saem-se melhor numa modalidade que em outra.

No entanto, observamos que o desempenho de cada afásico envolvido neste trabalho em produzir um texto escrito ou falado, não está relacionado apenas às suas dificuldades de linguagem, a qual caracterizam como “deficiente”, como também, e, principalmente, está relacionado a fatores independentes, constitutivos das características próprias de cada sujeito, como o seu nível-sócio-econômico-cultural, sua profissão, o tempo que sofreu o AVE, o quanto as seqüelas desse AVE modificou a sua vida, a sua forma de aceitar e buscar superar essas seqüelas neurológicas, a freqüência do uso da leitura e escrita em seu cotidiano, o nível de comprometimento de ordem compreensiva, sua relação comunicativa com os familiares e amigos, etc.

Dessa forma, verificamos que esses fatores, relacionados às características próprias de cada sujeito, caracterizam também a sua linguagem, interferindo nas produções escritas e orais do afásico bem mais do que as próprias características lingüísticas relacionadas às suas afasias.

Considerando as características da afasia na fala e na escrita de sujeitos acometidos por este distúrbio de linguagem, é possível afirmar que é comum esses sujeitos enfrentarem momentos de esquecimento, ansiedade, frustração, nervosismo, tensão, ou seja, momentos de descontinuidade do funcionamento da sua fala ou da sua escrita. Daí apresentarem dificuldade de planejamento cognitivo, particularmente nos momentos em que se encontram presentes algumas das características mais marcantes da afasia que são a anomia, os distúrbios amnésicos e a fala distorcida.

No entanto, foi possível observar, através da análise das produções escritas dos afásicos deste trabalho, relacionadas às suas produções orais, que, diante de momentos difíceis e comuns ao cotidiano desses sujeitos, os seis apresentaram condições favoráveis encontradas por cada um a fim de superar as dificuldades advindas de sua condição de afásico, enfrentando esses “momentos” com mais naturalidade e menos sofrimento.

Essas condições podem ser consideradas como estratégias utilizadas por esses sujeitos diante das circunstâncias em que eles reorganizam seus pensamentos e suas idéias antes de expressá-las. Assim, concordamos com Koch (2006b) ao afirmar que os interlocutores desenvolvem estratégias para o processamento eficaz do texto, e a investigação e utilização adequada dessas estratégias lingüísticas podem trazer subsídios importantes quer para a produção, quer para a compreensão de textos. Para Koch (2006b), o processamento textual realiza-se através do uso de estratégias de ordem sociocognitiva, ou seja, estratégias de uso dos vários tipos de conhecimento que temos armazenado na memória.

De acordo com Marcuschi e Dionísio (2005), todas as atividades realizadas no processamento textual, escrito ou oral, visam, em princípio, à construção do sentido, e, para atingir esse objetivo são utilizadas estratégias, dentre as quais os autores destacam a correção, a repetição e a modalização. Além destas estratégias de formulação textual, Fávero, Andrade e Aquino (2002), ainda indicam as hesitações e as paráfrases.

A partir das análises individuais das produções textuais escritas de seis afásicos, foi possível constatar a presença de estratégias lingüísticas utilizadas para superar dificuldades advindas de sua condição de afásico por meio da presença de marcas de oralidade, presentes na descontinuidade da organização das produções escritas de cada afásico, relacionadas às características de suas expressões orais.

Foram identificados, com base na análise aqui desenvolvida, os tipos de marcas de oralidade preservadas na produção escrita de cada afásico, bem como as circunstâncias em que esses tipos de marcas de oralidade surgiram nas produções escritas desses afásicos, como apresentados na Tabela 2.

**Tabela 2 – Apresentação dos tipos de marcas de oralidade preservadas na produção escrita de cada afásico e das circunstâncias em que surgiram essas marcas de oralidade.**

Tipos de marcas de oralidade preservadas na produção escrita do afásico	Sujeitos Afásicos participantes da Oficina de Fala e Escrita						Circunstâncias nas quais surgiram as marcas de oralidade
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	
1- Correção	X	X	X	X	X		Ocorre nos momentos em que o afásico reorganiza o seu texto, interrompendo ou riscando a palavra errada, tentando reescrevê-la corretamente, geralmente, não se preocupando em evidenciá-las.



<b>2- Modalização</b>	X						Ocorre nos momentos em que o afásico procura se posicionar diante das proposições que produzem, sendo utilizada para indicar como seu texto deve ser interpretado, ou, como ele quer que seja interpretado.
<b>3- Repetição</b>				X			Ocorre nos momentos em que o afásico encontra-se diante de sua dificuldade de seleção lexical, embora procure progredir com o texto, repetindo palavras comuns ao seu vocabulário, porém, transmitindo uma nova informação.
<b>4- Hesitação</b>				X		X	Ocorre nos momentos onde o sujeito encontra-se perdido no seu discurso, repetindo alguns itens, enquanto reorganiza os seus pensamentos e idéias antes de se expressá-las, e nos momentos de dificuldade de planejamento cognitivo.
<b>5- Topicalização</b>		X		X	X		Ocorre através da presença de poucas palavras, ou mesmo, de uma única palavra, indicando um tema ou um assunto, dessa forma, transmitindo o significado e a intenção do que quer expressar através daquela palavra, representando um sentido dentro do texto.
<b>6- Fragmentação</b>				X	X		Ocorre através da presença de palavras soltas, desorganizadas espacialmente, não relacionadas a um mesmo tema.
<b>7- Ausências de palavras, artigos e conectivos</b>		X	X	X	X		Ocorre nos momentos onde o afásico apresenta dificuldade em utilizar elementos de ligação, como também, em momentos em que transmite características de sua fala, como o aspecto “telegráfico”, para a sua escrita, involuntariamente.
<b>8- Pouco uso de acentos e pontuação</b>	X	X	X	X	X		Ocorre nos momentos onde o afásico não se preocupa em diferenciar a sua produção escrita da sua fala, escrevendo-a da mesma maneira como se estivesse falando.
<b>9- Ênfase</b>			X	X	X		Ocorre através da presença de elementos de destaque, como sublinhação, círculos, escrita em tamanho maior ou diferenciada das demais, assim como, com o uso de pontuação (interrogação) construindo o sentido da produção escrita e veiculando a intencionalidade do escritor.
<b>10- Paráfrase</b>				X			Ocorre diante de sua dificuldade em selecionar e expressar uma determinada palavra, recorrendo a uma palavra-derivada a qual consiga transmitir “bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não” o mesmo sentido da palavra-fonte.

Com o estudo da relação entre fala e escrita nas práticas discursivas do afásico, enfatizando a presença de marcas de oralidade em suas produções escritas, destacou-se o uso da correção e o pouco uso de acentos e pontuação, com os maiores números de ocorrências estando presentes nas escritas de cinco

afásicos, dos seis sujeitos analisados neste trabalho, surgindo como marcas de oralidade presentes na escrita.

A correção surgiu nos momentos em que o afásico reorganizou o seu texto, interrompendo ou riscando a palavra errada, tentando reescrevê-la corretamente, geralmente, não se preocupando em evidenciá-las como uma forma de mostrar o seu erro.

De forma semelhante, ocorreu ausência ou pouco uso de acentos e pontuação, surgindo nos momentos em que os afásicos se distanciavam das regras de formalidades da modalidade escrita, não se preocupando em diferenciar a sua produção escrita da sua fala, geralmente escrevendo-a da mesma maneira como se estivesse falando.

Em seguida, destaca-se a ausência de palavras, artigos e conectivos nos textos escritos por quatro sujeitos afásicos, analisados neste trabalho, caracterizando as situações nas quais esses afásicos apresentaram dificuldade em utilizar elementos de ligação, como também em momentos em que eles transmitiram, inconscientemente, a características de uma fala com aspecto “telegráfico”, característica do afásico, para a sua escrita.

Surgindo na produção escrita de três afásicos, verificamos o uso da ênfase, através de elementos ou marcas lingüísticas que enfatizavam algumas palavras ou desenhos, destacando-as com a finalidade de construir o sentido do texto escrito e transmitir a sua intencionalidade. A presença desta marca de oralidade caracterizou-se, nas produções analisadas, através da presença de elementos de destaque, como sublinhação, círculos, escrita em tamanho, assim como o uso de pontuação (interrogação).

Surgindo em apenas dois sujeitos afásicos, encontram-se as marcas de oralidade relacionadas à hesitação, a topicalização e a fragmentação.

A hesitação surgiu nos momentos onde o sujeito se encontrou perdido no seu discurso, repetindo alguns itens sem sentido, buscando reorganizar os seus pensamentos e idéias antes de se expressá-las.

A topicalização e a fragmentação ocorreram, respectivamente, através da presença de poucas palavras, ou mesmo, de uma única palavra, indicando um tema ou um assunto, dessa forma, transmitindo o significado e a intenção daquela palavra, representando um sentido dentro do texto, embora, essas produções escritas tenham surgidos desconexas, desorganizadas espacialmente, não

relacionadas a um mesmo tema, por vezes, confundindo o leitor.

Estando presente na escrita de apenas um sujeito afásico, constatou-se a modalização ocorrendo no momento em que A1 procurou se posicionar diante das proposições que produziu, sendo utilizada para indicar como seu texto deve ser interpretado, ou, como ele quis que fosse interpretado, e, a repetição ocorrendo nos momentos em que A4 encontrou dificuldade de seleção lexical, embora, procurou progredir com o texto, repetindo palavras comuns ao seu vocabulário, porém, transmitindo uma nova informação a cada palavra repetida.

Contudo, as ocorrências dessas marcas de oralidades, presentes nas produções escritas analisadas, conseguiram transmitir significados dentro dos textos inseridos, construindo o sentido da informação veiculada, entretanto, este fato só foi possível porque todos os seis sujeitos estavam inseridos dentro de um contexto no qual todos os participantes compartilhavam conhecimentos prévios comuns, ou seja, todos os seus interlocutores já se conheciam, assim como, conheciam as limitações e dificuldades expressivas de cada um.

Assim, ressaltamos que é dentro de um contexto sócio-cultural historicamente situado que são produzidos e recebidos os textos através dos seus interlocutores.

Com isso, a construção dos textos escritos dos seis afásicos, inseridos no mesmo contexto e interagindo com os mesmos interlocutores, foram construindo os seus sentidos e a sua intencionalidade, através da forte presença das marcas de oralidade, possivelmente, mais comuns na escrita de sujeitos afásicos do que na escrita de sujeitos não-afásicos, por todas as características lingüísticas do afásico, as quais dificultam a organização de seu discurso, seja ele escrito ou falado, apresentando-se, em ambas as modalidades, desorganizados, embora, conseguindo transmitir o sentido do seu discurso, sendo compreendido e interpretado pelo outro através de qualquer modalidade que possibilite veicular a sua intenção comunicativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a proposta de estudo aqui sugerida, e, a abordagem metodológica utilizada, foi possível verificar através do levantamento dos dados observados dentro da produção escrita de cada sujeito, nos 22 (vinte e dois) encontros do Grupo de Convivência para Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), nos quais foram desenvolvidas atividades relacionadas à Oficina de Fala e Escrita que, na produção escrita dos seis afásicos, surgiram indícios de marcas de oralidade, presentes ou não, na expressão oral desses sujeitos.

Assim, constatou-se a presença de 10 tipos de marcas de oralidade presentes na escrita desses afásicos: 1- Correção; 2- Modalização; 3-Repetição; 4-Hesitação; 5- Topicalização; 6- Fragmentação; 7- Ausências de palavras, artigos e conectivos; 8- Pouco uso de acentos e pontuação; 9- Ênfase e 10- Paráfrase.

Contudo, entre as marcas de oralidades surgidas nas produções escritas dos afásicos, destacaram-se a correção e o pouco uso de acentos e pontuação, sendo as mais recorrentes, ambas ocorrendo na escrita de cinco afásicos, dos seis que foram analisados, ocorrendo de forma semelhante nos momentos em que os sujeitos se distanciavam das regras de formalidade, não se preocupando em diferenciar a sua produção escrita da sua fala, geralmente escrevendo-a da mesma maneira como se estivesse falando.

Entre os seis sujeitos afásicos envolvidos neste trabalho, o sujeito A4 destacou-se pelo fato de ter sido o afásico que mais apresentou marcas de oralidade em sua escrita, apresentando nove tipos de marcas de oralidade em sua escrita, não recorrendo apenas à modalização. A grande ocorrência de marcas de oralidade presentes em sua escrita justifica-se devido a este sujeito não apresentar uma produção oral satisfatória, raramente conseguindo se expressar e se comunicar através da fala, usando a escrita no lugar da fala, por isso, apresentando, também, a maior produção escrita entre os afásicos, principalmente através do gênero conversa espontânea.

O sujeito A6 foi o que menos apresentou marcas de oralidade em sua escrita, sendo possível observar apenas o uso da hesitação. Contudo, este mesmo sujeito, destaca-se entre os demais analisados neste trabalho, por apresentar o maior nível de escolaridade, possuindo o nível superior completo, como também, por

sua profissão, antes do AVE, estar relacionada à intensa prática da leitura e da escrita. Por isso, sua produção escrita destaca-se por um bom desempenho, mesmo tendo recorrido a recursos facilitadores como a cópia e o ditado.

Apesar do nível-sócio-econômico-cultural do sujeito A6 contribuir em sua linguagem, este sujeito é o que apresenta muitos momentos de dificuldade de ordem compreensiva, dificultando a sua interação e comunicação com os outros, como também, o fato de ser o afásico, entre os envolvidos neste trabalho, que menos aceita a sua condição de afásico, apresenta momentos de inconformismo e críticas sobre a forma como sua família e amigos lhe tratam após o AVE, comparando a sua vida pessoal e profissional, antes e depois do AVE, com bastante frequência.

Segundo Aguiar e Gomes (2005), cada sujeito afásico apresenta características individuais próprias de se expressar, independentemente dos sintomas da patologia, o que atribuiu à maneira que cada afásico procura disfarçar e mascarar tais sintomas, reorganizando a forma com que vinham lidando ou utilizando os símbolos lingüísticos.

Apesar dos seis sujeitos afásicos terem apresentado características individuais próprias de se expressar, foi visto que, em geral, fizeram uso dos mesmos tipos de estratégias utilizadas em suas produções escritas, relacionadas às suas produções orais. Dessa forma, esses sujeitos mantêm um mesmo padrão de escrita devido às características da doença, tendo em vista que essas características coincidem entre si.

As características encontradas na escrita dos seis sujeitos encaixam-se com a descrição com que Santana (2002) caracteriza a produção escrita do afásico, afirmando que esse sujeito acaba deixando marcas do processo de criação do texto, evidenciando as marcas de reformulações, as palavras e enunciados nos quais tem mais dificuldades, as auto-correções e inserções de letras e palavras, a percepção e a correção de erros, como também as tentativas ou as desistências de acertos.

Por isso, pôde-se perceber que as circunstâncias nas quais cada marca de oralidade surgiu na produção escrita dos seis afásicos foram as mesmas, embora, ocorrendo em cada sujeito em situações diferentes, bem como em diferentes gêneros textuais.

Analisando as características da afasia na fala e na escrita dos seis afásicos, foi possível observar que é comum esses sujeitos encararem momentos difíceis e comuns ao seu cotidiano, como diante de momentos de esquecimento,

ansiedade, frustração, nervosismo, tensão, ou seja, de momentos de descontinuidade do funcionamento da sua fala ou da sua escrita.

Com isso, ao se depararem com algumas de suas características mais marcantes como a anomia, os distúrbios amnésicos e a fala distorcida, esses sujeitos afásicos encontraram condições favoráveis com a finalidade de superar as dificuldades advindas de sua condição de afásico, enfrentando esses “momentos” com mais naturalidade e menos sofrimento.

Essas ‘condições’ podem ser consideradas como estratégias utilizadas por estes sujeitos afásicos diante das circunstâncias onde reorganiza seus pensamentos e suas idéias antes de expressá-los. De acordo com Koch (2006b), os interlocutores desenvolvem estratégias para o processamento eficaz do texto, assim, a investigação e a utilização correta dessas estratégias lingüísticas trazem subsídios importantes quer para a produção, quer para a compreensão de textos.

Pôde-se perceber que as características da oralidade observadas na escrita dos seis afásicos divergem, em parte, daquelas que são possíveis de serem encontradas na escrita de um sujeito que não é afásico, contudo, existem com mais freqüência marcas da oralidade na escrita do afásico do que na escrita de uma pessoa que não foi acometida por este distúrbio, embora sejam marcas e indícios característicos da linguagem oral do afásico, presentes apenas como uma estratégia facilitadora.

Com base na proposta de trabalho para o resgate da linguagem do afásico, aqui utilizada, e de acordo com a teoria de Marcuschi (2007a) que leva em consideração as relações existentes entre fala e escrita e a distribuição de seus usos na vida cotidiana, é possível afirmar que essa nova visão de fala e escrita dentro de um *contínuo tipológico* representa mais do que uma simples mudança de perspectiva, distanciando-se das dicotomias e aproximando-se da concepção de língua e texto, vistos como um conjunto de práticas sociais.

Com isso, espera-se que os profissionais de saúde envolvidos com o paciente afásico possam perceber as vantagens de se trabalhar a partir dessa perspectiva sociointeracionista, aproveitando todos os recursos utilizados pelo paciente afásico para se comunicar, visando ao restabelecimento da sua linguagem, sua re-inserção social e uma melhor qualidade de vida para esses sujeitos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marígia A. de M.; GOMES, Izabella C. de A. A organização do discurso do afásico: A utilização de marcadores paralingüísticos no portador de afasia. In: **Anais do XVI ENEFON**, 2005, João Pessoa. XVI Encontro Nacional de Estudantes de Fonoaudiologia, UNIPÊ, 2005. p. 45-46.

AGUIAR, Marígia A. de M.; MARINHO, Júlia da S. A utilização dos organizadores de turno no discurso do afásico. In: **Anais do XVI ENEFON**, 2005, João Pessoa. XVI Encontro Nacional de Estudantes de Fonoaudiologia, UNIPÊ, 2005. p. 45-45.

AGUIAR, Marígia A. de M.; GOMES, Izabella C. de A. A utilização da hesitação no discurso do afásico. In: **RESUMOS/ABSTRACTS do 8º Congresso Internacional da ISAPL**, 2007, Porto Alegre. 8th International Congress of ISAPL, Porto Alegre: PUCRS, 2007a. p. 66-66.

AGUIAR, Marígia A. de M.; GOMES, Izabella C. de A. Marcas de Interatividade no Discurso do Afásico. In: **RESUMOS/ABSTRACTS do 8º Congresso Internacional da ISAPL**, 2007, Porto Alegre. 8th International Congress of ISAPL, Porto Alegre: PUCRS, 2007b. p. 66-66.

AGUIAR, Marígia A. de M.; GOMES, Izabella C. de A. Parâmetros prosódicos na construção de sentido do afásico. In: **Anais do 16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia**, 2008, Campos de Jordão. 16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, Campos de Jordão: SP, 2008. p. 568.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BIBER, Douglas. **Variation across speech and writing**. Cambridge University Press, 1988. Tradução Eudênio Bezerra da Silva, UFPE (mimeo), 1995.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Nacional, 1976. 387p.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 551 p.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 205 p.

DIJK, Teun Adrianus Van. [1943]. **Cognição, discurso e interação**. Org. e apresentação de Ingedore V. Kogh. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 205 p.

DIONISIO, Angela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.177-196.

DRUMMOND, Cláudia. Reabilitação dos problemas de produção verbal nas afasias: do geral ao fonoaudiológico. In: MACEDO, Elizeu Coutinho; CAPOVILLA, Fernando César. (Orgs.). **Temas em neuropsicologia**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2006. p.181-196.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia. C. V.O; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino da língua materna**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 126 p.

GARCIA, Ana Luiza Marcondes. Fonoaudiologia e letramento. In: DAUDEN, A. T. B. de C.; MORI-DE ANGELIS, C. C. **Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico**. São Paulo: Pancast editora, 2004. p.15-35.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 115 p.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos de linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 34-62.



KOCH, Ingedore Vilaça. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006a. 134 p.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006b. 168 p.

LURIA, A. R. [1977] **Neuropsychological studies in aphasia**. Amsterdã: Sweets & Zetlinger B.V.,1984.

MACEDO, H. O. **O Processo de Refacção Textual na Linguagem Escrita de Sujeitos Afásicos**. 2005. 227 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MANSUR, L. L; MACHADO, T. H. Afasias: Visão Multidimensional da Atuação do Fonoaudiólogo. In: FERREIRA, L. P; BEFI-LOPES, D. M; LIMONGI, S. C. O. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004. p. 920 – 931.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita**. UFPE, 2001a. (mimeo).

\_\_\_\_\_. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Investigando a relação oral / escrito e as teorias do letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001b. p. 23-50. (Coleção idéias sobre Linguagem).

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

\_\_\_\_\_. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática, 2003. 96p.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2007a. 133 p.

\_\_\_\_\_. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b. 170 p.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296 p.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Orgs.). **Fala e escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 208 p.

MORATO, E. M. **Sobre as afasias e os afásicos - subsídios teóricos e práticos elaborados pelo centro de convivência de afásicos** (Universidade Estadual de Campinas). São Paulo, 2002. 62 p.

\_\_\_\_\_. Neurolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras.** V.2. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 143-170.

\_\_\_\_\_. Aportes da perspectiva sociocognitiva às ações terapêuticas: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos. In: SANTANA, A.P.; BERBERIAN, A.P.; GUARINELLO, A.C.; MASSI, G. (Orgs.). **Abordagens grupais em Fonoaudiologia: Contextos e aplicações.** São Paulo: Plexus, 2007. p. 39 – 57.

OLIVEIRA, Rui de. Linguagem e transtornos de perda do que já foi adquirido. In: OLIVEIRA, Rui de. **Neurolingüística e o aprendizado da linguagem.** 6. ed. Catanduva, SP: Editora Respel, 2005. p. 291-300.

ORTIZ, K. Z. Afasia. In: ORTIZ, K. Z. (Org.) **Distúrbios Neurológicos Adquiridos: linguagem e cognição.** Barueri, SP: Manole, 2005. p. 47 – 64.

RAPP, Carola. **A palavra paralela? Uma revisão do conceito de parafasia.** Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

RIBEIRO, Elizabeth Gonçalves. As afasias no contexto da neuropsicologia. In:

MACEDO, Elizeu Coutinho; CAPOVILLA, Fernando César (Orgs). **Temas em neuropsicologia**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2006. p. 197-208.

SANTANA, A. P. **O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a Neurolingüística**. 1999. 173p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Escrita e Afasia: o lugar da linguagem escrita na afasiologia**. São Paulo: Plexus Editora, 2002. 155 p.

SANTANA, A. P.; MACEDO, H. de O. O afásico e a linguagem escrita: algumas reflexões. In: DAUDEN, A. T. B. de C.; MORI-DE ANGELIS, C. C. **Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico**. São Paulo: Pancast editora, 2004. p. 135-148.

SANTANA, A.P.; DIAS, Fábio; SERRATTO, M.R.F. O afásico e seu cuidador: discussões sobre um grupo de familiares. In: SANTANA, AP.; BERBERIAN, A.P.; GUARINELLO, A.C.; MASSI, G. (Orgs.). **Abordagens grupais em Fonoaudiologia: Contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007. p.11 – 38.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **Professor-aluno: As relações de poder**. Curitiba, HD Livros Editora, 1999. 270p.

SAUSSURE, Ferdinand De. **Curso de lingüística geral**. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. 279 p.

SIGNORINI, Inês. Construindo com a escrita “outras cenas de fala”. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Investigando a relação oral / escrito e as teorias do letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001. p. 97-134. (Coleção idéias sobre Linguagem).

## ANEXO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PACIENTES COM AFASIA

**Título do Projeto de Pesquisa: Relação entre oralidade e escrita nas práticas discursivas do afásico.**

Projeto de Pesquisa considerado APROVADO pelo Comitê de Ética em Pesquisa registrado com o CAAE – 0002.0.096.000-08 (CEP-001/2008)

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para minha participação como voluntário do projeto supre citado, sob a responsabilidade da pesquisadora Marígia Ana de Moura Aguiar.

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

- O objetivo da pesquisa é: Verificar na produção escrita do afásico, “possíveis” marcas de uma oralidade presentes ou não na expressão oral desse sujeito.
- Como participante da pesquisa tenho a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre quaisquer esclarecimentos de eventuais dúvidas que possam ser retiradas com a pesquisadora.
- É garantida a minha liberdade de retirada deste consentimento a qualquer momento, deixando de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.
- Tenho o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, todas as informações serão fornecidas.
- Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Durante a pesquisa, serão realizados encontros na Oficina de Leitura e Escrita do Grupo de Convivência para Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, onde será solicitada ao participante desta pesquisa a produção de textos escritos.

Meus dados serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão analisados em conjunto com o orientador da pesquisa, utilizados apenas para atingir o objetivo da pesquisa exposto acima. Estão incluídas nesses objetivos, as publicações na literatura científica especializada, as quais omitem todos os que possam identificar os participantes da pesquisa.

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa. Li e entendi as informações precedentes, descrevendo este estudo e, todas as minhas dúvidas foram respondidas satisfatoriamente. Dou o meu livre consentimento para participar deste estudo e não abro mão de nenhum direito legal que eu possua.

Recife, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

Nome do participante/voluntário: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante/voluntário

Pesquisadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília Ana de Moura Aguiar.

RG: 709 039 / SDS-PE

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília Ana de Moura Aguiar  
\_\_\_\_\_  
Pesquisadora